

# RESIDENT EVIL

## PROJETO ROSE

- R O S E B L A N K -



T A D A S H I A I Z A W A

TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO: RODRIGO ARAUJO • REVISÃO: NATÁLIA BARBOSA  
PARCERIA: RICARDO ANDRETTO / VIA: CRIMSON-HEAD.COM • ARTE: FRANK ALCÂNTARA

# RESIDENT EVIL: Projeto Rose

**BIOHAZARD: Rose Blank**

**BIOHAZARD** ローズ・ブランク

**Tadashi Aizawa**

匡 愛沢

## CRÉDITOS:

Uma história original: **Tadashi Aizawa**

Tradução para o inglês ([acesse aqui](#)):

**Equipe BSAArklay e Joseph Natale (Crimson-Head.com)**

Tradução/adaptação para o português: **Rodrigo Araujo**

Revisão: **Natália Barbosa e Rodrigo Araujo**

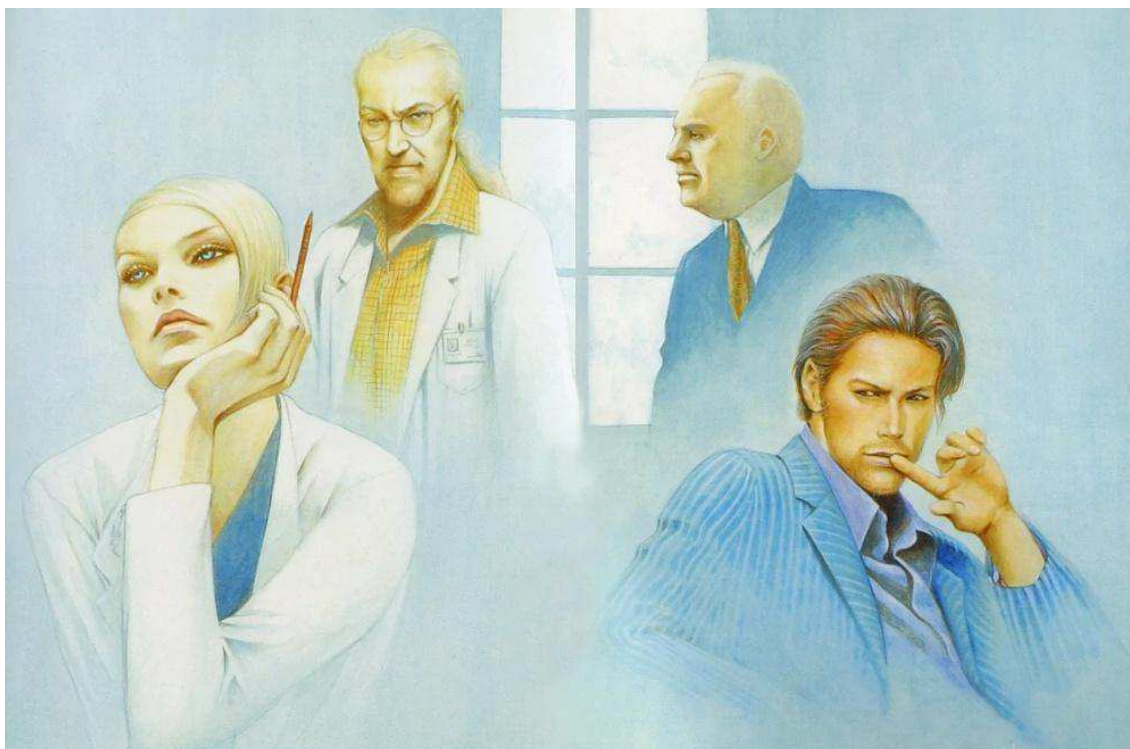
Parceria: **Ricardo Andretto** / via: **Crimson-Head.com**

Arte/capa: **Frank Alcântara**

Divulgação:

**REVIL - [www.residentevil.com.br](http://www.residentevil.com.br)**

**ATENÇÃO:** Este conteúdo foi idealizado por fãs. Tem como base uma tradução realizada originalmente do japonês para o inglês que foi disponibilizada no site Crimson-Head.com. O REVIL foi autorizado a publicar o conteúdo em português a partir de sua versão em língua inglesa. Oficialmente, BIOHAZARD: Rose Blank não tem versões publicadas em inglês ou português, por esse motivo tanto Crimson-Head.com quanto o REVIL (por meio do trabalho dos fãs Rodrigo Araujo e Natália Barbosa) podem ter realizado adaptações que não refletem necessariamente toda a estrutura da obra original. **Este conteúdo não pode ser utilizado para fins comerciais e/ou lucrativos.**



**BIOHAZARD: Rose Blank**, escrito por Tadashi Aizawa, participou e se tornou um conto vencedor de 'Prata' quando enviado para a competição oficial da Capcom "Biohazard Grand Novel Prize" em 2001. Consequentemente, o livro recebeu seu lançamento público oficial em 25 de março de 2002, com ilustrações de Yuko Tsukishiro. Foi publicado pela MediaWorks no Japão como um romance oficial de Biohazard ao lado do vencedor de 'Ouro', '**BIOHAZARD to the Liberty**'.

## Prelúdio

Um som eletrônico estridente permeava pela floresta. Reena Mittford começa a se mover com movimentos flutuantes pois o ar tinha uma viscosidade quase semelhante à da água. Ela estendeu a mão para tocar o galho que apareceu acima da sua cabeça. Por enquanto, tudo estava bem calmo.

Ela podia sentir a madeira, que era difícil de dobrar, na palma da mão. Quando ela soltou o galho, ele voltou com uma força surreal à sua posição original e girou por um tempo, como se fosse de borracha. Ela ficou pressionando o chão, parecia diferente da terra macia; era mais como se ela estivesse pisando em borracha dura. Semelhante à sensação do galho, ela estava ainda mais consciente da sensação de que tinha algo artificial nisso. Ela se sentia como aquele americano em sua caminhada pela superfície da lua. Seus passos também estavam trêmulos; ela vagou pela floresta mais do que andou. Entre as árvores, na escuridão, ela podia ver a maliciosa cordilheira do vulcão brilhando ao longe sob uma luz prateada.

O ruído de fundo nos fones de ouvido ficou abruptamente mais alto e Reena pressionou instintivamente as mãos contra os ouvidos. Sua reação amadora fez seus lábios formarem um sorriso fraco. Contanto que ela mantivesse os ouvidos cobertos, o barulho não seria muito incômodo. O ruído constante era um problema inerente a esse dispositivo, uma doença crônica, por assim dizer. Por seis meses, Reena esteve envolvida nesse projeto como técnica. Ela fazia uso diário da máquina, mas por mais que estivesse familiarizada com a operação, não havia como pará-la. Como operadora, ela havia chegado a um beco sem saída.

"Mecanismo de Realidade Virtual Sensorial Líquida (VR)" foi o nome dado pelo fabricante a essa bacia, que foi preenchida com fluido de alta viscosidade. Ele foi conectado a três supercomputadores responsáveis pelo controle da máquina. Os funcionários da instalação simplesmente chamavam de "Tanque".

Qualquer um que o visse inicialmente ficaria impressionado com a visão imponente do tanque, cuja forma desajeitada e barata derivou o nome. Um cubo de metal com um comprimento lateral de cinco metros.

Um terço do espaço foi ocupado pela enorme estrutura. Incontáveis cabos passavam dele para os computadores de alto desempenho embutidos na parede. Eles eram o cérebro da máquina monstruosa e as operações matemáticas que ocorriam no interior deram vida ao mundo virtual. Os movimentos da pessoa que vestiu a roupa especial foram registrados por meio dos sensores montados no tanque, que também medem os fluxos dentro do fluido da suspensão. Os três supercomputadores processaram os dados em paralelo e calcularam todas as alterações, bem como as interações com ambientes e objetos em tempo real. Os resultados foram projetados nos óculos VR sem demora.

Além de todos os elementos visuais, o tanque também era capaz de reproduzir ruídos no dispositivo de áudio usado para suas trocas de armazenamento. Além disso, ele foi capaz de bombear quantidades adequadas de ar para o traje por compressores, que foram incorporados em vários lugares, para que o corpo humano interagisse com um mundo que parecia bastante real. O teste estava sob a ilusão de realmente estar nas montanhas da Guatemala.

A cordilheira, a floresta, as terras altas enlauradas... Tudo o que os olhos de Reena mostravam era baseado em dados de satélite. Ela examinou com precisão a topografia das terras altas da Guatemala - mesmo antes da construção desta estação de pesquisa. Um som fraco que soou um pouco como um vento forte fez a silhueta escura das árvores tremer, assumindo todo o campo de visão de Reena. Parecia que a floresta estava rindo enquanto recebia cócegas.

A resolução aproximada dos monitores se deve ao próprio mundo virtual que havia sido deliberadamente criado dessa maneira. Se alguém aumentasse demais a precisão, o barulho se tornaria ainda mais intrusivo. Reena era uma operadora que não conhecia os detalhes do sistema operacional. No entanto, ela sabia que o programa enviaria automaticamente a compactação dos dados de som assim que o limite superior de dados passíveis de processamento fosse excedido e que quanto mais o gráfico fosse rebaixado, melhor a qualidade do som.

Por exemplo, as árvores extremamente complexas consistiam em apenas vinte padrões fractais e, se alguém observasse o céu noturno um pouco mais atentamente através dos espaços entre os galhos, seria capaz de apreciar a quantidade de estrelas inseridas no fundo escuro.

A poluição do ar não estava presente aqui, fazendo com que as estrelas fossem assustadoramente claras para discernir. Essa precisão veio com um preço - um lembrete de que o vasto espaço não era real ou explorável, mas sim um papel de parede sofisticado fora de alcance. Até a lua, que aliava plástico à densa floresta labiríntica, com sua rica luz branca e opaca, ficava a cerca de 380.000 quilômetros da Terra, mas apenas uma fonte de luz fixada pelo programa.

Como a pressão sobre o sistema respiratório nessas instalações era um problema sério, não era possível experimentar a mesma sensação despreocupada e refrescante de caminhar no mundo real em uma paisagem montanhosa e arejada. Devido à sensação de posição instável e ao fato de o piso ter uma elasticidade não natural, a pessoa do teste se sentiria estranha se não estivesse acostumada à máquina. No entanto, para Reena, foi uma sensação fantástica mergulhar seu corpo neste mar digital, do qual ela dificilmente poderia escapar.

A vida cotidiana estressante gradualmente se afastou dela, ela podia desfrutar de momentos que tinha apenas para si. Apenas deixe sua mente divagar, liberte-se de todos os pensamentos e desfrute plenamente do mundo criado... Aqui, neste espaço calmo e pacífico, separado do mundo exterior, o "Projeto Rosa", carregado de maldições, não tinha sentido, assim como as discussões com seus superiores. Reena se escondeu no segredo do mundo virtual.

Ao longe, erguia-se uma cadeia de montanhas e sobre a cabeça brilhava a luz pálida da lua. Tudo o que este mundo oferecia era único aos olhos de Reena e existia apenas para ela. Encolhida, ela flutuou no tanque com os olhos fechados, fundindo-se com o mar de ilusões. Enxames inteiros de abelhas zumbiam em seus ouvidos.

Quando ela se concentrou por um momento no que estava além das despensas eletrônicas, naquele exato momento ouviu um efeito sonoro que de alguma forma parecia inapropriado. Uma cotovia cantando uma canção de ópera certamente soaria mais suave nesta natureza...

Isso a lembrou de sua vila natal na Cornualha. A vila dava uma impressão simples e idílica, as pessoas se conheciam e um rosto familiar nunca ficava a poucos passos de distância. No fundo do coração, ela passava todos os dias lá



com certa impaciência e inquietação. Mais tarde, ela se formou na universidade e saiu de casa para trabalhar como técnica operadora em uma profissão exigente. Mas seu verdadeiro "eu" ainda pode estar dormindo naquela aldeia natal. E essa ilusão complicada, comumente referida como "memória", se deu acesso nesta esfera fechada para capturar Reena. Ninguém poderia escapar disso.

Reena abriu os olhos. Por baixo de todo o barulho estático, ela podia ouvir... Outra coisa. O que poderia ser? Mozart? Ou talvez seus sentidos tenham brincado com ela e parecido com uma melodia?

Não. Esse foi o "requiem". Um sorriso cruzou os lábios de Reena, mas no momento seguinte essa expressão congelou.

*"Você não pode sair! Há um surto lá fora!"*

Não havia dúvida sobre isso, era uma voz clara. O tormento do barulho consumiu os mais profundos enrolamentos de seu cérebro e se alastrou por lá. Ainda assim, ela tinha certeza de que acabara de ouvir uma voz.

Quando ela levantou a mão direita para ligar para o teclado virtual para comunicação, o cenário mudou repentinamente. As texturas nos modelos das árvores haviam desaparecido repentinamente e o que era apenas uma floresta agora se tornou um emaranhado de linhas: a grade do pano de fundo, que gradualmente desapareceu.

A imagem de uma cidade além do cume da montanha apareceu na frente de Reena como uma miragem do nada. A cidade estava pegando fogo.

Essa nova imagem do ambiente era tão clara, tão real quanto possível em um mundo virtual. Então as chamas ocuparam todo o campo de visão e, de repente, Reena estava no meio das casas em chamas.

Ela queria gritar, mas sua voz se afogou silenciosamente atrás da máscara de oxigênio. A visão que se apresentou foi incrível. As pessoas estavam se matando, havia uma bagunça terrível - as pessoas... Estavam caçando pessoas!

Não era apenas um ou dois. Em todo lugar nas ruas, um horror indescritível se desenrolava. O canibalismo dominou a cena.

Inúmeros carros foram deixados queimados nas calçadas. Casas e outros edifícios foram apanhados na conflagração e elevavam-se como tochas gigantes, emitindo fumaça gorda e escura. Sob o céu escuro, inúmeros grupos de pessoas vagavam. A cidade tremeu com os gritos que atravessavam todas as ruas e um barulho de estourar os ouvidos se misturou com um rugido impiedoso, que se enfureceu nos fones de ouvido de Reena.

Em pânico, ela não racionalizou a situação - apenas ouvindo o mais básico de seus instintos, que a gritava para escapar do inferno à sua frente. O protocolo era iniciar um desligamento de emergência da máquina de realidade virtual.

Ela tentou desesperadamente fugir, mas como em um pesadelo sádico, ela apenas ficou no local. Lágrimas vieram aos seus olhos e ela tentou empurrar as massas de ar pegajoso para longe dela, remando selvagememente e aleatoriamente. A imagem que o computador exibia nos monitores dos óculos desfoquei através das lágrimas em seus olhos para uma lama de contorno um pouco preto-vermelho. Além da visão sombria, ela viu uma pequena cesta de basquete. Seu mundo se encheu de gargalhadas reverberantes que pareciam ecoar diretamente através dos fones de ouvido para o cérebro.

Emily Ran tinha acabado de almoçar e estava voltando para o laboratório quando percebeu que algo não estava certo na sala de realidade virtual. Ela ouviu

a sirene de alarme vindo de trás da porta. Ela inclinou a cabeça, cética e cuidadosamente abriu a porta deslizante. No momento seguinte, ela ouviu o alerta vindo da sala de máquinas.

*"A estadia máxima recomendada para a simulação da VR foi excedida. Pare a simulação imediatamente!"*

Ela olhou da entrada de um extremo ao outro da sala. O que ela viu foi uma área quadrada com um comprimento e altura lateral de cerca de dez metros cada. Mas nesta sala simples, com paredes de concreto bruto, não havia sinal de presença humana.

Havia apenas esse tanque colossal e uma mesa ao lado dela. Uma pequena luz de alarme piscou no terminal de computador de cor vermelha, indicando que a simulação de VR havia sido abortada prematuramente. O monitor de 20 polegadas piscou por um breve momento, parecendo uma cidade mergulhada em vermelho - mas a imagem desapareceu imediatamente depois.

*"O que foi isso...?"*

Emily ficou parada em choque, olhando incredulamente para o monitor enegrecido. Então ela saiu e balançou a cabeça.

*"Alguém está no tanque!"*, o pensamento correu através de seu cérebro como uma bala.

Ela invadiu a área, mergulhou no interfone na parede e chamou apressadamente:

*"Carmen! Dê um aviso de encerramento pela rede!"*

*"O processo está sendo executado"*, respondeu uma voz feminina eletrônica do alto-falante. Carmen é a denominação do sistema local.

Emily subiu a escada ao lado do tanque, abriu a escotilha redonda e olhou para dentro. Lá dentro, ela viu uma pessoa impotente nadando no abundante líquido. Se não fosse pela oxigenação do traje, Reena Mittford teria sufocado como um peixe na superfície.

Ela ouviu passos altos vindo da entrada. Um segurança uniformizado azul invadiu a sala. Emily chamou-o de cima, da beira do tanque:

*"Procure um médico AGORA! Houve um acidente!"*

O homem rapidamente virou-se e correu de volta para o corredor.

*"Carmen!"*

Emily gritou, mas ela não parecia mais ouvi-la. Ela soltou um suspiro e olhou para dentro do tanque. Para não cair, ela ficou com as pernas afastadas para ter a melhor posição possível. Ela estendeu as mãos para Reena, agarrou-a firme e a puxou com toda a força. Suas mãos e mangas estavam banhadas em líquido verde-amarelado. Emily mudou o peso do corpo para frente para levantar a carga reta, como um levantador de peso. Ela finalmente conseguiu levantar Reena do tanque.

Enquanto Emily tentava recuperar o fôlego, ela olhou para Reena deitada no chão na frente dela. Ela rapidamente removeu seus óculos de realidade virtual, máscara e metade do traje. O líquido que havia ensopado os longos cabelos de Reena pingava no chão.

Emily colocou a mão na bochecha de Reena e queria falar com ela. Naquele momento, Reena agarrou o braço de Emily, as unhas enterraram profundamente na pele de Emily. Emily cerrou os dentes e conseguiu reprimir um grito. Gentilmente, ela pegou a mão dela, puxou-a para longe do braço e disse o mais

calmamente possível:

*"Reena Mittford, sou eu. Você sabe quem está falando com você? Eu sou Emily Ran, A supervisora do projeto"*

Os olhos de Reena estavam vidrados e não mostraram emoção.

*"Senhora Supervisora... Alma está na simulação de VR. Eu sou Alma..."*

Reena continuou repetindo os mesmos fragmentos de palavras, balançando a cabeça firmemente, sua expressão era sem emoção.



## Capítulo 1

O tique suave do cronômetro quebra o silêncio. Um banho de sangue invisível ocorrendo em um microcosmo. Qual é a melhor maneira de dizer? Como memória e razão estão inextricavelmente ligadas, sempre há lembranças erradas - você nunca se lembra da coisa certa. Não quando você precisar.

Eu ajusto meu óculos e olho em seus olhos vidrados e vazios. Fora de uma brecha no beco, um gato preto balança e deixa um buraco no meu campo de visão - ele combina exatamente com sua silhueta. Na verdade, eu pensei que estava familiarizado com as pequenas ruas sinuosas, mas agora sinto que não caminho por elas há muito tempo. E se você tivesse trocado a esquerda pela direita? Pensei ter encontrado a escola aqui, o hospital ali, o supermercado. Se eu fosse nessa direção, o parque estaria lá...

A imagem na minha cabeça é estranha e estou perdida. Sob o céu azul desta cidade, a pele branca e humana se destaca especialmente. A calma da noite começa a tomar conta. As luzes de neon das ruas estão brilhando e os prédios dentro delas estão degenerando em profundos contornos pretos. As pessoas estão ansiosas pelo seu horário pós-trabalho fora. Alguns sinais de neon piscam e espalham luz intermitente. A cidade se afunda lentamente em uma cena de um ritual noturno conhecida por qualquer coruja que passava algum tempo nas áreas urbanas. Assim, mesmo na cidade mais saudável do país, o dia se torna noite.

Eu atravesso pela abertura onde o gato escapou em direção ao centro da cidade e, como se eu fosse um gato pequeno, cujo raio de visão alcança apenas alguns centímetros acima do solo, me afasto ainda mais.

Pessoas solitárias e errantes, apesar dos meios modernos de comunicação – “tique”.

Sob o manto da multidão, sozinho em sua balsa de pessoas em movimento – “taque”.

O ruído irritante de uma caixa registradora no mercado de alimentos – “tique”.

A bolsa de grife, que é mais valorizada do que as crianças brincando na rua – “taque”.

Este é o ritmo confuso da cidade desde os tempos do meu avô – “tique-taque”.

Da maior até a menor farmácia daqui, a cidade está sob os cuidados de uma gigantesca empresa farmacêutica, que se tornou o epítome da saúde. A cidade é organizada e dividida como um disco rígido de computador com as partições apropriadas. A fonte do parque, com sua escultura encaracolada, está perfeitamente posicionada e quase purificando.

O último grito da civilização americana, uma semente de limpeza e saúde - Raccoon City. Acima de tudo, um paraíso de saúde. Todas as fortunas da cidade são gerenciadas pela Umbrella, a gigante corporação farmacêutica que possui um grande número de empresas estrangeiras. Quem renuncia à proteção da empresa é excluído e acaba como um perdedor na rua. A Umbrella gradualmente ampliou seu alcance e criou uma cidade modelo de acordo com suas ideias. Os fabricantes entendem como degradar a saúde da mercadoria. Quem quer se manter vivo

nesta cidade precisa colocar sua saúde acima de tudo. Pare de fumar, coma vegetais cultivados organicamente e sempre encha seu rosto com as mais recentes preparações vitamínicas. A violação é penalizada sem remorso, o que significa que a dieta de uma família não pode mais ser garantida sem estas regras. Todos eles se tornaram como mariposas, cujo único objetivo é a luz mortal. Como Jonas, que durou três dias no ventre de uma baleia, os funcionários da Umbrella acreditavam na esperança, no amor eterno e em seu bem-estar. O erro que eles reconheceram apenas quando já era tarde demais. Abaixo, nos cantos remotos da cidade, existem muitos párias.

Eu corro para a pista do metrô, passando por paredes de grafite, até a estação de trem. Eu gosto do metrô. Aqui está o pulso coberto de gesso branco do passado aberto. A próxima estação de trem está escondida nas trevas mais profundas, e o barulho dos trilhos me lembra índios que batem com ossos de animais mortos nos trilhos, como são nas lendas e performances teatrais. Este é o "tique-taque" subterrâneo da cidade, cujo tempo está em contagem regressiva em um buraco profundo.

Minha cabeça balança para frente e para trás, junto com o vagão. O suor escorre lentamente pela minha cabeça no meu pesadelo. As coisas ruins que Alex me contou ainda estão zumbindo no meu crânio. Tempo e espaço - ambos parecem escuros, e eu me sinto vazia. Pressionei meu corpo firmemente no assento e tentei contar lentamente enquanto olho para o vazio.

Há um palhaço coberto de pompons coloridos e um monte de balões na mão, mas não há ninguém aqui que possa comprar algo dele. Na beira de um banco, um casal cansado, gentilmente aconchegado. Atrás deles, meu rosto está refletido na janela. Com a menor excitação, o cheiro fedorento do meu corpo sobe pelas minhas narinas. Eu me senti péssima suada sob o casaco de veludo. Minha saúde e aparência chegaram a um ponto baixo. Coço o nariz e a gordura gruda nos dedos. Estou realmente farta.

A foto do meu pai assombrava minha cabeça. Não importa o quão longe de casa eu quisesse estar, no final, não tinha conseguido nada com isto. Tenho a sensação de que quanto mais longe estou de lá, mais urgente eu deveria voltar. Ele não é mais capaz de comer sua própria comida. Suspiro e olho em volta distraidamente pelo vagão.

Naquele momento, noto uma mulher. Sem perceber antes, ela de repente fica perto da porta. Seu cabelo parece branco sob as luzes tremeluzentes e parece que um pouco do sangue seco está grudado em sua jaqueta verde.

Sua cabeça carece de características, apenas um borrão cinza disforme onde um rosto deveria estar. Eu rapidamente me afasto e olho para o meu próprio reflexo no vidro. Sinto, no entanto, que ela constantemente olha para mim e não encontro paz nesta situação. Eu não quero ter nada a ver com ela, mas ela está se aproximando de mim.

*"Você é..."*

Ela fala comigo e para abruptamente. Eu olho para ela, não há rosto. Sem olhos, nariz, boca, apenas uma superfície que se assemelha a uma placa cinza. Como ela pode falar sem rosto? É através da minha mente?

*"Nós nos conhecemos...?"*

Não consigo dizer mais nada. A mulher abaixa a cabeça, perplexa.

*"Você vai me dizer seu nome?"*

Os sinos de alarme estão tocando na minha cabeça. Esse deve ser o espírito maligno e devorador de homens desta cidade, que sequestram crianças pequenas. Provavelmente, a memória dela está gravada com os nomes de suas vítimas. Os nomes das muitas crianças que desapareceram e não estão mais vivas.

*"Vá embora!"*

*"Diga-me quem você é?"*

Ela fica mais impaciente. O trem desacelera, mas o corpo da mulher também está desacelerando. Lá fora, minha parada vêm à vista. Levanto-me e passo pela mulher.

*"Alma... Alma Hartline. E quem ou o que você é? Você é humana?"*

Eu me viro para olhar bruscamente e fico surpresa quando não vejo mais ninguém onde ela estava. Depois de caminhar por meia hora, chego ao bairro onde minha casa está localizada. Já está escuro como breu.

Com as duas mãos esticadas sobre a cabeça, protejo meu rosto dos galhos baixos das árvores da avenida. Estou esbarrando um após o outro, sentindo que qualquer um que me assista concluiria que eu estava bêbada ou em um filme de terror.

Na verdade, eu já estou em uma fuga terrível. Embora tenha fugido de problemas não correspondidos, sempre me movia em círculos.

A antiga loja de antiguidades do meu avô no andar de baixo agora está solitária e deserta. O prédio de dois andares brilha em azul ao luar. Eu puxo a porta velha e enferrujada, que faz um barulho estridente, e entro na loja. Desde a morte do meu avô, todas as antiguidades estão por aí despreocupadas e ninguém se importa mais com elas. Tudo está uma bagunça e a loja dá a impressão de uma casa abandonada. Nesse caso, os objetos, independentemente do valor que possam ter, degeneram em lixo inútil. Paro na frente de tudo isso e por alguns instantes fico congelada.

Quando ele estava vivo, eu costumava brincar aqui e era repetidamente repreendida por isso. Mamãe costumava chegar tarde em casa por causa de seu trabalho. Embora ela estivesse no comando de um grupo de pesquisa em uma empresa farmacêutica, ela foi infectada com um vírus desconhecido da gripe e morreu de maneira terrível e repentina quando eu tinha apenas sete anos de idade. Papai trabalhava constantemente no laboratório e quase nunca retornava para casa após a morte da mamãe.

Quando perguntava sobre o seu campo de trabalho, ele sempre teve apenas uma resposta - *"Não é da sua conta"*.

Meu avô era o único que se importava comigo e me ensinou tudo o que sei. Para mim, as histórias que ele contava sobre os tesouros - e o que estava associado a eles - foram as coisas mais importantes do mundo. A coleção do meu avô e seu conhecimento eram tão extensos que um segundo mundo se abriu para mim, um mundo tão fictício quanto real que oferecia um contraste com a realidade da vida cotidiana.

Havia, por exemplo, a braçadeira do general Custer, que tornara irrevogavelmente este continente o que é hoje. Ou o tapete mais antigo contaminado com varíola, que matou mais aborígenes do que qualquer cavalaria conseguiu. Então, a máquina de escrever, agora enegrecida, na qual a infame Hemingway já havia digitado... Toda a monstruosidade do século XX, organizada ordenadamente como salame fatiado, imortalizado em revistas ou qualquer outra

coisa.

A coleção dele é quase exclusivamente de réplicas, imitações ou coisas terrivelmente desgastadas. Em alguns, a escrita está desbotada ou as páginas de figuras estão arrancadas.

*"Você entende Alma?"*

Meu avô riu maliciosamente de suas palavras.

*"Percorri este mundo imaginário, peça por peça."*

Uma manhã, o "tique-taque" do meu avô afundou no mar de restos realmente históricos - para sempre.

Impulsionada por um estranho desejo compulsivo, mergulho na bagunça de escombros, da qual a loja está cheia. Cerâmica espalhada por todo o lugar, vários objetos metálicos refletindo em todas as direções e causando barulhos tilintantes ao menor toque. O relógio de pulso voa para longe, o cobertor gira poeira, as teclas da máquina de escrever imprimem cartas de forma independente e a montanha de revistas cai. A visão que meu avô ordenou até o fim permaneceu inalterada, exceto pela situação de alguns objetos.

Do lado de fora, um cachorro late assustado com o barulho de tudo caindo. As figuras sombrias que vivem no bairro se movem um pouco, causando um barulho silencioso.

Diante dos meus olhos, há uma brilhante arma prateada, na qual meu rosto distorcido se reflete. O revólver faz parte da coleção do meu avô e as pessoas costumavam chamá-lo de "Pacificador" - um nome peculiar para uma arma.

Naquela época, ele costumava colocar uma cadeira ao lado do relógio do meu bisavô e polir o revólver com alegria. Ele estava fazendo isso para demonstrar sua última força restante? Então eu finalmente voltei. Como aquele embrião que vi em um livro, agachei-me ali.

*"Me diga, quem você é?"*

Era a pergunta da mulher sem rosto no metrô? Como o enigma da esfinge: o que tem quatro pernas pela manhã, duas ao meio-dia e três à noite?

Quando percebo meu rosto sorridente no cano da arma, sinto arrepios. Sempre que eu esfrego, o sorriso não desaparece. Despertado pelo barulho, meu pai está na sala dos fundos. Imediatamente eu tenho novamente a imagem do seu corpo escarlate.

*"E ele?"*

Estou procurando respostas para minhas perguntas

## **\*2 de outubro, alojamento de Emily Ran\***

Na tela da telecomunicação, apareceu o rosto de um homem de meia idade. Emily abaixou o rosto para a mão e olhou distraidamente para o vaso de plantas perto do monitor, um gerânio artificial. Uma flor falsa que nunca morre espalhada por todos os cantos e que, desde o início, sempre achou brega.

Durante a primeira semana, todo mundo que trabalhava aqui havia jogado fora essas coisas, apenas Emily tinha sentido alguma falta. Ela não conseguiu organizar sua vida. Desde que ela se mudou para o quarto meses atrás, a decoração permaneceu inalterada.

Na sala retangular de papel branco, havia uma mesa, um sofá de imitação de couro amarelo, um armário e, por último, mas não menos importante, uma

cadeira de bengala preta de duas pernas, sem encosto, que tratava de decoração.

Havia também as coisas necessárias para a vida cotidiana, como uma geladeira e um microondas, que eram colocados ao acaso na sala. Perto estava a mesa de trabalho. As volumosas e pesadas linhas de cabo estavam escondidas dentro da mesa, fazendo a frente parecer limpa e arrumada. Nele estavam dois monitores simples, um dos quais, o Telecom, era usado para fins de correspondência.

Dos alto-falantes montados na parede, a voz de um homem soou. No entanto, não penetrou em Emily. Havia informações atualizadas sobre os experimentos e referências a arquivos mais antigos, coisas que Emily já sabia.

Ela estava ansiosa por um cigarro há algum tempo. Os indivíduos não fumantes do Instituto de Pesquisa de Vírus da Corporação Umbrella estavam em impressionantes 98%. Dos cinquenta e três funcionários, apenas Emily fumava. Deveria fumar perto de Christian Selfridge... Bem, o que ele tinha a dizer sobre isso? Certamente algo extremamente inútil. Ninguém a questionou sobre isso, mas com o tempo ela só veio a fumar quando estava verdadeiramente sozinha.

Quando ela não conseguiu se controlar, deixou a mesa do telecom e abriu a janela. Os oradores continuaram a anunciar o relatório. Como a câmera não podia vê-la, ela não se importou. A transmissão de imagens do serviço de informações interno não foi executada em tempo real, mas apenas transmitiu as imagens gravadas. Usando a telecomunicação, o servidor reconheceu automaticamente o ID e a imagem predefinida do indivíduo com quem eles estavam se comunicando apareceu na tela.

Os galhos das árvores carmesins no pátio se moviam com a brisa da tarde. Ao meio-dia, iluminadas pelo sol forte, as árvores brilhavam sob uma luz carmesim e, à noite, sentíamos que estavam ensopadas de sangue. O vermelho das árvores, o preto da noite se fundiam em um cenário estranho.

O vento varreu agradavelmente os cabelos de Emily. Imagens de satélite mostravam uma praça, um prédio estranho no centro do instituto com um buraco no centro. O pátio quase quadrado cercado por paredes brancas tinha um comprimento lateral de cerca de cinquenta metros. Por todas as paredes haviam as mesmas janelas quadradas como nesta sala, e as linhas entre elas formavam um padrão de grade.

A estrutura tinha a aparência de edifícios residenciais simples. Os pequenos apartamentos foram usados como alojamentos para pesquisadores; cada um deles tinha um quarto com uma cozinha separada e ficava de frente para o pátio.

As gotas de água na chuva da tarde corriam de galho em galho, produzindo um ritmo agradável ao ouvido. No pátio, havia um oleoduto através do qual a água fluía da floresta. Essa água era preparada em uma instalação do instituto para ser usada dentro do complexo do edifício.

Emily encostou-se no parapeito da janela e voltou-se para o monitor. O vento que vinha da floresta brilhava em seus braços nus. O sistema de ventilação montado no teto começou com um zumbido para regular a temperatura do ar na sala independentemente.

Emily arregaçou as mangas do casaco e olhou para o teto.

*"E qual é a condição de Reena Mittford? Ainda inconsciente?"*

*"Temporariamente", responde Prasch.*

A imagem distorcida de Robert Prasch às vezes tremia para a esquerda e

para a direita. Seu rosto pálido e sem expressão estava afundado e achatado. A foto provavelmente era da época em que ele assumiu o cargo, e não importa como você olhasse, parecia nada além de uma múmia seca.

Emily pegou um cigarro de uma caixa amassada e acendeu. Ela respirou fundo e soprou a fumaça pela janela.

"Supervisora?"

"Sim, estou ouvindo"

Recentemente, sua capacidade de concentração diminuiu e, às vezes, tinha náusea sem motivo algum. Depois de atingir os trinta e poucos anos, o corpo, a mente e as expectativas mudaram rapidamente.

*"Se ela relaxar por um tempo, provavelmente se sentirá em forma novamente em breve", disse Emily.*

Parecia que Prasch estava rindo de si mesmo, quando respondeu:

*"Estou um pouco cético. Parece que Mittford se machucou consideravelmente. Suponho que nessa condição ela precisará de tratamento por vários meses"*

Vários meses atrás, alguns colegas tiraram vários anos de licença após concluírem seus projetos com êxito, mas os de Emily ainda estavam em pleno andamento.

*"Que infortúnio... Reena é a única pessoa que pode usar o tanque?"*

*"É assim que as coisas são", afirma Emily*

*"Se você informar a matriz e solicitar um novo técnico, o que mais você precisa?"*

*"Perdão? Você quer dizer dinheiro ou tempo?"*

*"Tempo. É óbvio, certo? Eu não sou Selfridge."*

Prasch pensou por um tempo antes de responder.

*"Pelo menos duas semanas, ou até mesmo um mês. Quase não há técnicos na empresa especializados em realidade virtual, é um campo muito específico. E, claro, você não pode confiar isso a ninguém fora da empresa"*

Emily ficou em silêncio por um momento, e então prosseguiu:

*"Não, você não pode. De qualquer forma, hoje à noite vou mexer no manual e tentar fazer o tanque funcionar. Por favor, não relate o problema a Reena por enquanto. Ainda estamos observando a condição dela, mas se ela estiver melhorando rapidamente..."*

*"E o Sr. Selfridge?"*

*"Está tudo bem. A equipe foi colocada sob meus cuidados. Não se preocupe tanto."*

*"Desculpe", A voz no interfone murmurou*

Quando Emily começou seu trabalho no instituto, Prasch já estava lá há muito tempo, ele era uma espécie de raposa velha. Ele também era pelo menos dez anos mais velho que ela. Fazia meio ano que ela assumira esse novo projeto como diretora executiva, mas nunca durante todo esse tempo havia experimentado esse homem se abrindo para alguém. Mesmo com as pequenas coisas, sempre havia um conflito entre eles.

Emily franziu a testa e deu uma tragada no cigarro. Ela cuidadosamente preparou suas próximas palavras.

*"E o que mais?"*

*"Atualmente estamos investigando o uso privado do tanque realizado pela*

*sua técnica Mittford."*

Recentemente, Reena Mittford parecia um pouco estranha. Pequenas coisas a deixavam com raiva. No entanto, como foi possível para uma técnica tão experiente cometer um erro tão amador como perder a consciência enquanto simulava?

A cidade em chamas vista brevemente no monitor passou por sua mente novamente.

*"Faremos o resto amanhã. Vou tentar descobrir mais sobre o que houve com Mittford e conversar com Selfridge"*

*"Certo"*

A imagem na tela desapareceu e a sala ficou em silêncio. Apenas o som da chuva ainda era audível. Emily se afastou da janela e bebeu seu café em uma caneca em cima da mesa. O gosto amargo a fez sorrir.

A única coisa que Carmen provavelmente nunca faria bem era fazer um café decente. O cappuccino bárbaro era mais espumoso que líquido, também era muito frio. Claro que isso não foi culpa de Carmen, ela serviu apenas da máquina de café.

Emily puxou um frasco de remédio perdido da gaveta da mesa e três comprimidos rolaram pela sua mão aberta. As cápsulas voaram em sua boca e um gole de café morno se seguiu. Ela recolocou o copo vazio na mesa, passou o polegar sobre a boca e um sorriso apareceu em seus lábios. Ao ver pacientes que tomavam remédios com café, todo médico e farmacêutico provavelmente reviraria os olhos.

Emily olhou para a fotografia de sua filha Ann. A menina bonitinha de ascendência espanhola estava rindo. A aparência dela veio do lado do pai e a única coisa que Emily lhe dera foram genes quebrados.

Seus olhos caíram no livro ao lado da foto. "As aventuras de Huckleberry Finn" era para ser um presente para Ann, que Emily obteve excepcionalmente através do serviço de pedidos internos. Não era possível dizer que se tratava de um livro especialmente para meninas, mas Emily havia conseguido de seus pais. Seu pai, por puro interesse, havia desenvolvido um programa de geração de texto que estava completamente em construção. A lembrança do momento em que ela se sentou no colo dele e leu "as aventuras de Huckleberry Finn" fez seu coração bater mais rápido.

Ann nasceu quando Emily tinha vinte e poucos anos e teve um caso com um dos funcionários daquela época. Hoje ela não conseguia se lembrar do rosto dele; restava apenas uma imagem vaga, da qual ela se lembrou quando olhou no rosto de Ann.

Seus pais não disseram nada quando a única filha solteira voltou com um bebê. Sem um grunhido, eles deram as boas-vindas ao novo membro da família. Ann, como Emily em sua infância, estava muito doente. Deve ter sido parecido para os seus pais, como se a própria filha tivesse mais uma vez deslizado no lugar daneta e voltado paracasa.

Não importa quantas vezes ela os tenha aconselhado a se mudar, seus pais ainda estavam se agarrando a Los Angeles, segurando o apartamento apertado.

Ann estava agora sentada no colo do avô e digitando no teclado. As palavras digitadas com seus indicadores desajeitados e os pedaços contextuais emitidos pelo programa se tornaram a primeira história em sua memória. Quando



o trabalho terminar, vou pegar o livro e vou até Ann para entregá-la, ela pensou. Vamos então falar sobre o livro quando tudo acabar...

O papel de embrulho decorado com um padrão floral não parecia novo. Seu olhar se fixou em um pedaço de papel rosa grudado no monitor de telecomunicações, e Emily estendeu a mão para rasgá-lo.

### **\*2 de outubro, 16:00h; Discussão sobre R.F.\***

Quando a notícia chegou, Emily rabiscou o memorando casualmente e mal conseguia discernir as linhas semelhantes a minhocas que espelhavam seus sentimentos naquele momento como seus próprios escritos.

O homem, Richard Fuchs, era considerado um repórter que havia escrito um compromisso ambiental quase militante na bandeira. Emily olhou alguns trabalhos dele em revistas; seus artigos visavam fazer com que o público entrassem nos negócios e suas performances não faltavam em gestos e palavras exageradas. Um homem perigoso. Normalmente, um porta-voz oficial participaria de tais reuniões, mas neste remoto instituto coberto pelas montanhas não havia pessoas assim, então Emily e o diretor do instituto precisavam falar diretamente com o visitante. Mas como ele encontrou esse lugar?

O rosto gordo e bronzeado de Selfridge pairava na frente de seus olhos, fazendo seu estômago se encher de uma mistura de medo e antecipação. Se não bastasse que ela enfrentasse um oponente tão forte, ela também precisou examinar a máquina de realidade virtual.

*"Parece que uma montanha de tarefas está se elevando na minha frente... Mas tinha que ser agora?"*, Ela diz para si

Ela ficou observando pela janela. Selfridge percebeu os olhos de Emily no quarto de Reena, que ficava a cinquenta metros de distância, diretamente em frente. As luzes elétricas estavam apagadas e a janela parecia um quadro de avisos.

A névoa do seu cigarro virou na direção da pequena floresta demarcada. Emily pensou em Reena, que tinha um rosto branco e cabelos longos, como uma boneca de porcelana. Ela estava continuamente manchada com líquido pegajoso que parecia vir de uma coisa viva... A visão ficou cada vez mais feia e distorcida e seus olhos azuis estavam vazios.

*"Alma está na simulação de realidade virtual. Eu sou Alma..."*

Emily sacudiu a visão. Ela pegou o cinzeiro escondido no armário da louça e apagou o cigarro. O trabalho como líder foi pesado e cansativo. Especialmente nos assuntos secretos, nos quais você não podia confiar nem nos membros da equipe do projeto, e haviam muitos.

O nome da filha passou por sua mente. Que injusto. Ela simplesmente a deixou para os pais cuidarem dela e, assim, se livrar da parte desagradável. Em um momento difícil, como agora, um simples pensamento em Ann era suficiente para fazê-la se sentir melhor, então saboreava a parte agradável de tudo.

A voz robótica de Carmen soou subitamente na sala. *"Visitante."*

Emily inclinou a cabeça para o lado e colocou o cinzeiro de volta no armário.

A pedido de Emily, Carmen fez o corredor aparecer na tela. Ren Sprague, diretor do instituto, olhou atentamente para a câmera.

*"O que o levou a vir aqui?"*, Emily deu de ombros e tocou o teclado

eletrônico.

Ao se surpreender com o barulho alto do ar comprimido da porta que se abriu repentinamente, o diretor levantou os óculos, que estavam prestes a escorregar pelo nariz.

*"Sr. diretor, o que aconteceu?"*

"A... ah.", Sprague gaguejou, arrancando os cabelos bagunçados. Do bolso do peito de sua elegante camisa quadriculada estava sua caneta favorita vermelha brilhante em forma de foguete. Esse objeto infantil realmente combina com esse homem. Nervoso, olhou em volta, à esquerda e à direita, o que o fez parecer bastante estranho.

*"Ren, o que aconteceu?", diz Emily*

*"Nada de especial. Pensei que você estivesse preocupada."*

*"Obrigado pela sua preocupação, mas estou bem. Sua preocupação seria melhor aproveitada para cuidar de Reena. Estou ocupada."*

Sprague pareceu consternado e de repente ficou sério. Ele cruzou os dois braços na frente do peito, mas depois pegou as mãos e fez uma marca-V. Ele usou esse gesto com preconceito; significava algo como "Paz e amor". Sprague era um grande fã dos anos de ouro. Como ele gostava de citar um de seus romances favoritos, ele era um dos retardatários da geração. Ele havia terminado a escola com grande dificuldade, mas quando ele finalmente cresceu, triunfantemente queria se mudar para a cidade, o hype já havia se estabelecido lá.

Os hippies cortaram o cabelo e os termos "Amor" e "Paz" eram apenas lembranças nostálgicas. Nos seus dias de estudante, ele era membro de uma banda de rock e estava orgulhoso disso. Até hoje, ele usava o cabelo preso em um longo rabo de cavalo, incorporando para sempre sua paixão pelo rock and roll.

Emily considerou essa geração, ou melhor, o próprio fenômeno sobre falar de uma "geração" de uma maneira autocrática extremamente mesquinha. Ela não era completamente contra isso. As opiniões dessas pessoas, no entanto, pareciam muito tendenciosas e unilaterais. Eles se mudaram em seu próprio mundo, em sua realidade separada, tentando resolver os problemas deste mundo com seu amor fanático. Abrace-se, depois abra os braços, murmurando o sinal de paz onipresente...

Para Sprague, esse comportamento significava apenas um "tome cuidado!". Emily olhou-o sério e de repente, Sprague sorriu, levantou a mão e gritou:

*"Em frente!"*

Este homem não estava aqui para confortar Emily, não, ele parecia ter vindo por dois motivos: dar uma olhada nela e buscá-la para ver algo diferente.

*"O que há de tão extraordinário em Reena? Ela deveria ter sido jogado fora como a vaca esfolada no tanque de armazenamento de água"*

*"O que isso quer dizer? Isso é retórico ou o quê?"*

*"Você me ouviu. Uma vaca!",* Gritou Sprague, que parecia bastante chocado com suas próprias palavras e empurrou os óculos mais uma vez com o dedo indicador, pois escorregavam até a ponta do nariz sem cessar.

Depois de sair do elevador, eles passaram por um corredor branco e chegaram ao reservatório depois de pouco mais de dois minutos. Assim que a porta de ferro se abriu, a umidade se estabeleceu em seus rostos; um leve cheiro de animal pairava no ar estagnado. O reservatório era uma enorme caverna

subterrânea. Do chão ao teto, estimava-se em cinco metros. O tanque em si era tão grande que você poderia ter uma competição de natação lá. A superfície escura da água iluminada por tubos de luz, era quase estranhamente suave e o ruído do motor da estação de tratamento de água adjacente fazia a umidade que envolvia a sala tremer a intervalos regulares.

Alguns metros adiante, na beira da piscina, umas dez pessoas estavam juntas. Na verdade parecia haver algo como uma vaca lá. Alguns seguranças uniformizados juntaram-se à equipe. Emily enfiou as duas mãos profundamente nos bolsos da jaqueta e se aproximou com relutância da multidão, motivada por Sprague. A cada passo, o cheiro de carne podre ficava mais forte.

Sprague atracou como uma criança da escola primária em uma excursão. Ele alternadamente levantou as mangas esquerda e direita energicamente e correu em direção à multidão. Quando ele parou, Emily finalmente conseguiu alcançá-lo. Presa pelo grupo, Emily enfiou a cabeça em uma brecha na multidão para ter uma visão melhor... E no mesmo momento ela se arrependeu de ter vindo aqui.

A vaca estava com a pele esfolada e, pior ainda, tendões rosados corriam sobre a carne vermelha e, nesse padrão, ainda havia sangue fraco fervendo; nódulos coagulados às vezes se formavam como enxertos. Da vaca, que quase parecia óbvia, a água escorria. Acima da carcaça, havia moscas que haviam entrado e, com as asas, lançavam a luz para trás como se refletidas pelo metal. Nas proximidades da vaca, água e sangue se misturavam a um líquido vermelho-preto, que se espalhava gradualmente. O gancho usado para puxá-lo perfurou profundamente o abdômen do animal. O corpo parecia enorme.

O cheiro fedorento causou a Emily uma forte sensação de náusea. Várias moscas vieram correndo sobre seu corpo para provar o néctar do suor em turbilhão nos braços que lhes eram apresentados. Emily se sacudiu várias vezes, mas as moscas penetraram entre os dedos e pararam, balançando loucamente, em direção aos braços. Sprague assobiou apreciativamente entre os dentes.

*"Um espécime esplêndido, certo?"*

*"Espere... isso estava no reservatório? Desde quando? Bebemos água daqui constantemente!?"*, Emily ofegou, enquanto ela segurava o nariz sobre o fedor onipresente. Ela acreditava que o café que tomara antes certamente voltaria. Como todos sentiram o mesmo, os rostos dos associados próximos se torceram e eles assentiram.

*"Acho que passou muito tempo. O cheiro é terrível, mas a putrefação ainda não está muito avançada"*, diz Sprague, que se agacha sobre a vaca.

*"A estação de tratamento de água está interposta, então provavelmente não há com o que se preocupar"*

*"Sim, se funcionar corretamente"*

Sprague apenas sorriu diante da objeção de Emily. Sentindo uma respiração quente na panturrilha, ela reflexivamente afastou a perna. Olhando para baixo, ela notou o Doberman de um guarda agindo nervosamente. Para um cão que explorou o mundo com o nariz, essa vaca foi provavelmente um evento extraordinário. Uma almôndega espetacular, incomparavelmente mais interessante do que as pessoas reunidas ao lado.

Quando os olhos de Emily e o guarda, que usavam um suéter de malha e seguravam a corrente com força, cruzaram o rosto, ela encolheu os ombros.

*"O fedor deixa o cachorro pronto para atacar."*

*"Não, a carne provavelmente estimula seu apetite",* disse o jovem de pele escura, rindo. Inconscientemente, Emily deu outra olhada à vaca, e ela se sentiu doente novamente. O Doberman, babando pela boca, parecia cada vez mais um animal.

*"Que ingênuo da minha parte sentir pena do cachorro",* pensou Emily.

Foi uma perda de tempo vir aqui. Amanhã será uma reunião com Richard Fuchs. Como se não bastasse que os preparativos ainda não tivessem sido feitos, a máquina de VR precisava ser preparada. Ficar aqui e olhar para uma carcaça de vaca... Bem, isso a fez se sentir mal ao pensar que a sua montanha de trabalho a ser feita não encolheu de maneira alguma. Emily decidiu sair, mas então ela ouviu uma voz estridente bem conhecida.

*"Quantas vezes devo dizer isso? Não há nenhuma razão em particular!"*

Um pouco longe do grupo, um homem asiático robusto e um homem alto e esbelto conversavam. O sotaque inglês estridente e acentuado era a marca registrada de Hiromu Kinuta, um membro da equipe do instituto. Kinuta fazia parte da equipe de Emily e era essencialmente o verdadeiro "braço direito" dela, ao contrário de Robert Prasch, que odiava a simulação. Além disso, ele era um dos principais funcionários do complexo. Kinuta limpou o suor com uma toalha enrolada no pescoço e seu corpo tremia. Sua pele suada brilhava a luz de neon.

O homem que conversava com Kinuta vestia uniforme de um guarda de segurança cujos cabelos grisalhos estavam raspados em um corte quadrado. Comparado com Kinuta, sua pele ainda mais clara parecia quase azul à luz. Ele olhou friamente para Kinuta, que estava agitando freneticamente os braços redondos e tentando enfatizar algum ponto.

*"Quem é aquele?"*

*"Nosso líder do grupo, Ulysses Allam",* respondeu o homem da trança de malha.

*"Ulisses Allam, "namorado" de Mittford",* sussurrou Sprague depois de se levantar. Allam parecia um esqueleto - ou um demônio - e sua idade estava além da medida.

Por causa de sua aparência doentia, era difícil acreditar que ele estivesse vivo. Quando Allam notou o olhar de Emily, um sorriso sombrio cruzou seus lábios. Era um sorriso vazio, sem emoção e antipático. As luzes elétricas aqueciam a carcaça, e o cheiro sufocante e em decomposição que crescia dela se tornava cada vez mais insuportável. Emily estremeceu e desviou o olhar. O homem deu um tapinha nas costas de Kinuta - o que deveria significar "movimento!" - e aproximou-se do animal.

*"Kinuta!",* chamado Sprague. Kinuta respirou fundo.

*"O que está fazendo aqui?"*

Kinuta limpou o queixo da esquerda para a direita com a toalha, levantou o polegar e apontou para trás dela.

*"Esse couro é duro e firme, eu estava examinando."*

*"Não fique assustado mas você se parece com esta vaca, você tem quase o mesmo corpo.",* diz Sprague, zombando de Kinuta

Kinuta apertou os lábios grossos e riu

*"Você está exagerando, eu não sou tão grande"*

*"E como você pode ver, MINHA pele ainda está grudada, ao contrário do nosso amigo bovino daqui",* Ele deu um tapa no braço

*"Você foi quem encontrou. O que você fez então?"*, Diz Sprague

*"Nada realmente. Eu estava divagando. Apenas olhando para a água, perdido em pensamentos. Eu posso relaxar agora?"*

*"Isso parece estranho. Você é realmente um nerd. E, francamente, altamente suspeito."*

Kinuta riu atormentado.

*"Você pode dizer o que quiser, o acidente de Reena me deixou um pouco cruel"*

*"Não quer nadar aqui e esquecer um pouco as coisas?"*

Kinuta acenou com a toalha rindo como se quisesse se proteger da diversão de Sprague. O rosto dele corou.

*"Bem, de quem é o trabalho então?"*

*"Talvez os habitantes locais queiram exalar sua raiva. Tenho certeza de que você ouviu os rumores sobre esse lugar, onde os seres humanos são submetidos a testes e exterminados."*

*"Hoho, eu não sabia disso! Acho que somos impopulares. Ainda assim, com todas as câmeras que temos, não há como alguém entrar sem ser notado. Certo?"*

Sprague e Kinuta se agitaram, brincando fora de lugar. Funcionários próximos e guardas de segurança franziram a testa observando os dois à distância.

Emily olhou para certo homem - para Ulisses Allan. Allan mergulhou um dedo na água e pareceu refletir sobre algo. Ele parecia calmo, quase meditativo. Ele era o tipo de cara que podia se aproximar de alguém ou sair sem chamar atenção, desde que ele não abrisse a boca. Quando ele falou, ele foi surpreendentemente carismático.

*"Namorado de Reena... Eu não sabia disso",* pensou Emily

Kinuta e Sprague continuam sua conversa animada.

*"Ou os cozinheiros largaram aqui e depois saíram de campo"*

*"Se isso for verdade, não seremos capazes de comer carne no futuro. Isso seria uma tragédia. Talvez eu precise até fugir!"*

Emily cruzou os braços e olhou para eles.

*"Kinuta, quanto tempo você vai fazer essas piadas? O projeto está em jogo. Não acho que tenhamos tempo para tanta bobagem."*

Kinuta tentou dizer algo, mas depois mudou de ideia e olhou para o chão.

*"Sim, sim, entendi. Você só queria dizer que eu deveria ir, certo?"*

Emily olhou para Ren Sprague, que a havia envolvido em tudo isso. Ele sorriu atormentadamente.

*"Mais uma coisa",* Kinuta perguntou, coçando o nariz suado.

*"Eu pensei sobre isso. No começo eu não tinha certeza. Mas agora... Deixe-me entrar no tanque!"*

*"Kinuta, do que você está falando?"*

*"Chefe, eu sei que você está muito ocupada. Mas eu sempre me interessei por isso e lidei com o tanque com mais detalhes."*

Intrigada, Emily olhou Kinuta da cabeça aos pés. O queixo frouxo, os braços salientes, as coxas enormes. Da coroa às solas dos pés. Que ele pudesse ficar de pé com um corpo assim. Sua figura não se encaixaria adequadamente em um terno de borracha VR apertado! Emily realmente poderia usar a ajuda, ela tinha que admitir

isso. Se você não queria correr riscos desnecessários, precisava de alguém para entrar no tanque e mergulhar no mundo virtual... e alguém que faria qualquer coisa. Não estava claro para ela até onde chegava o conhecimento de Kinuta, mas no momento ele era bem-vindo para ajudar. Emily abaixou os braços, da posição dobrada na frente do peito, e olhou nos olhos estreitos de Kinuta:

*"O manual on-line é armazenado no servidor. Com um ID de nível B, você deve poder lê-lo. Você conhece o caminho?"*

*"Eu sei. Você sabe... bem, na verdade eu já li isso..."*

Emily franziu o cenho. Esse cara está prestes a sofrer um choque. Nessa situação em particular, poderia ser um caso inesperado de sorte, ela brigou consigo mesma.

*"Hoje nós podemos trabalhar a noite toda. Eu te ligo mais tarde; encontre-me próximo ao seu quarto."*

Hiromu Kinuta curvou-se agradecido e afastou seu corpo enorme da carcaça. Ren Sprague se aproxima de Kinuta e sussurra:

*"É difícil detê-lo, não é?"*

*"O que você acha, Sr. Diretor? Você tem alguma idéia de como proceder?"*

*"Bem. Sob essas circunstâncias..."*, Suas pupilas brilhavam úmidas na luz neon.

Sem o conhecimento de sua abordagem, de repente Ulysses Allam ficou ao lado deles. Seus olhos prateados olharam desconfiados para Sprague. Então ele foi até o cadáver e chutou-o levemente duas ou três vezes com a ponta da bota, causando tumulto no enxame de moscas. Estranhamente, as moscas não se prendiam aos calcanhares de Allam, ignorando-o completamente. Apesar da alta umidade nesta sala, ele provavelmente era o único que não suava.

*"Bem, Sr. Diretor, como vamos proceder? Vamos examiná-la?"*

Sprague balançou a cabeça com a pergunta de Allam.

*"Provavelmente não há necessidade disso. A coisa toda é mais do que divertida e estamos muito ocupados"*

*"Devemos entrar em contato com a polícia local?"*

*"Não. Se uma mensagem for enviada, primeiro devemos consultar o Sr. Selfridge. Mas devo prever a resposta dele? De jeito nenhum, não! Esse incidente certamente deve-se a uma de nossas pessoas".*

O líder da equipe de segurança assentiu e deu algumas ordens ao seu pessoal. Um enorme carrinho de mão foi trazido e a carcaça da vaca foi lançada sobre ele. Os guardas uniformizados de azul foram embora com o animal morto. O homem com o gorro de malha tentava controlar o Doberman amarrado, que gemia ao redor do carrinho de mão.

Em pouco tempo a multidão se iluminou. Emily olhou para os rostos dos poucos funcionários restantes, sussurrando para Sprague:

*"Então você acha que um de nós fez isso?"*

Ele olhou para Emily com olhos arregalados e assentiu ansiosamente.

*"Acho que foi uma brincadeira elaborada. Uma verdadeira obra de osso. Devemos descansar para libertar nosso corpo e mente de todas as tristezas..."* Ele sorriu largamente.

Emily soltou um suspiro

*"Por favor, responda seriamente. Pode ser que o culpado esteja entre nós."*

Sprague tocou o braço de Emily com o dedo indicador.

*"E como foi o espetáculo? A vaca sem pele foi interessante?"*

*"Era muito mais do que qualquer coisa que você veria em um matadouro. Isso foi muito mais visceral"*

Ele olhou nos olhos dela, rindo.

*"Este incidente é o primeiro de seu tipo aqui, correto?"*

*"Não, acho que de alguma forma eu já tinha visto algo assim, mas não consigo me lembrar em que circunstâncias..."* - Emily colocou as duas mãos nos bolsos e inclinou a cabeça.

*"Provavelmente em uma frigideira, sendo preparado por um de seus entes queridos!"*

Ela queria fugir deste lugar o mais rápido possível a qualquer custo e deu um sorriso para Sprague, que continuou a olhá-la maliciosamente.

*"Eu na cozinha. Essa ideia é tão estranha? Bem, vamos, lá. Eu tenho muito trabalho a fazer para amanhã"*

Uma mosca em busca do cheiro pousou no braço de Emily e arrastou o suor. Suas asas brilhavam prateadas, desaparecendo no escuro, cantarolando suavemente.



## Capítulo 2

Meu corpo está refletido no vidro da janela. Lá fora a paisagem monótona continua. Como no metrô, o ar externo e o interior do ônibus são completamente diferentes. As pessoas que não conseguiam se sentar estavam no corredor. O transporte urbano está superlotado e o ar é quente e abafado; respirar é difícil. No entanto, ao fugir para os subúrbios, todo mundo corre pelas ruas com todas as forças para iniciar suas tarefas para a chegada do verão.

Sim, mesmo em Raccoon City o verão chega. À tarde, depois das aulas, quando estava a caminho da casa de Frank, sempre sentia essa incerteza e expectativa, que são perturbadas pela tristeza e pela alegria, e uma terrível perturbação. Lá fora, uma paisagem incolor passa por mim e eu não posso fazer nada, exceto apenas olhar. Completamente relaxada, sinto a imprecisão do meu próprio eu. Nas ruas movimentadas da rodovia da cidade, o ônibus está tremendo terrivelmente. Para não cair ou ser jogada ao redor, eu me agarro à maçaneta com toda a minha força.

Pegar o ônibus é uma atividade estressante; todos os corpos pressionados um contra o outro. Um ambiente miserável, o dia tranquilo de verão está em declínio. O tempo no ônibus e o tempo lá fora obviamente não estão em harmonia. Sinto que o tempo pára e uma sensação de solidão surge. Quando me agarro à maçaneta, meu rosto na janela de vidro de repente se parece com o de um estranho.

Frank mora nas imediações, mas em seu ambiente cotidiano, ele sempre é um pouco desdenhoso para mim. Não sei por quê. Nossos compromissos sempre acontecem no parque à noite, que faz fronteira com o cemitério. O ônibus está correndo e os passageiros estão balançando para a esquerda e para a direita. Meu corpo também está exposto aos solavancos dolorosos. De um lado para o outro, o ônibus balança como se estivesse fazendo uma dança do Báltico. Mas o balanço também tem seus benefícios, porque me sinto cada vez mais perto dele. O vidro brilha e, como em uma tela, minhas memórias aparecem nele. De repente, as palavras de alguém assombram minha mente. Quem disse isso?

*"Sexo e espelhos são desastrosos porque ambos multiplicam as pessoas".*

De pé sob a mesa, Steven Kirkwood coloca a mão atrás dos suspensórios com os dois polegares e os endireita. Sobre sua cabeça, proliferam cachos castanhos, que ele amarrou em um rabo de cavalo enrugado, o que lhe dá uma aparência um tanto exótica. Uma das especialidades de nosso professor é o comportamento do salmão e da truta, e ele ensina seus conhecimentos com paixão.

*"Supondo que tivéssemos um salmão masculino com bons genes, um dia ele faria espontaneamente uma variação de movimentos, uma ação sem sentido, como balançar a cabeça, fazer um ato de equilíbrio subaquático, fazendo com que algumas fêmeas se atraíssem por ele. Movimentos de namoro e – sem nenhuma razão racional – escolher esse macho como parceiro reprodutivo mesmo quando há muitos outros que compartilham esse desejo... O procedimento se tornou o padrão e hoje, quando a reprodução está prestes a começar, o salmão masculino e a dança do namoro é um ato reflexivo, então o ato evoca um simples desejo procriativo e se torna um notável 'show do amor'. O que você acha? E não há tanta diferença da dança instável do namoro para os humanos usando um buquê de rosas!"*

O professor pisca e olha em volta da sala de aula. Ele observa com prazer como suas palavras são absorvidas ansiosamente por nossos jovens ouvidos.

Como em um filme ocidental, ele forma as duas mãos em pistolas, as colocam no ar e grita:

*"Pastor, você não pode apenas acenar com a cabeça! Vamos, dance sua dança, dance, dance!"*

Um homem bem-humorado, mesmo que nem sempre ria. Kirkwood não é uma pessoa burra. Ele sabe que suas palavras desaparecerão sem impedimentos. Independentemente disso, ele fica atrás de sua mesa e grita em voz alta:

*"Dance, dance, dance!"*

É por isso que o Sr. Kirkwood me deixa nervosa. No que ele está pensando?

Ao contrário de sua aparência na sala de aula, ele sempre fala baixinho na sala dos professores. Lá fora, há o calor quente do verão. É legal na sala dos professores; uma pequena ilha aconchegante no meio das brasas derretidas.

*"Alma, quer conversar mais tarde? Diga-me, como foi trabalhar na ONU ou em qualquer outro lugar?"*

Olho pela janela. No calor do dia, os pássaros parecem cair do céu. A sombra negra e profunda do prédio da escola come os grãos de areia do chão do pátio. A voz do professor não é nada desagradável, você pode até dizer que soa maravilhoso. Ele estará cantando na sala de música no final de semana, como um barítono.

Assim que fecho meus olhos, o profundo rosto preto de Alex Snow, que está voando, aparece bem nítido na minha mente.

Quando abro os olhos no momento em que a reverberação ecoante inunda o beco estreito, posso realmente ver Alex Snow pairando no céu. O skate em que Alex voa vira para a esquerda no ar, causando um som abafado no concreto batido quando ele pousa. Seus movimentos não querem parar, mas Alex o interrompe com uma batida no pé. Ele ri alto. Os dentes brancos brilham em seu rosto. Com um chute, ele vira o skate no ar; ele a pega com uma mão, lentamente deixando-se cair de costas nessa posição e olha para as nuvens.

Alguns garotos parecem tentar vencê-lo, mas ele segura o skate com as duas mãos firmemente na frente dele e luta com seus movimentos divertidos enquanto ri. Eu não consigo desviar o olhar. Encostada na parede com uma das mãos, eu procuro a rosa bordada na outra mão do meu casaco. Com o corpo meio ereto, Alex, que me nota, levanta a mão e grita:

*"Ei, você não é a bruxa? Você está atrasada".*

De todos os jovens na rua aqui, só o Alex que me chama de "bruxa". Uma vez ele me viu na loja do meu avô, enterrada sob todo o lixo, e desde então ele me chama assim.

*"Se você está procurando o professor, ele não está aqui. Ele foi ao cemitério."*

*"Ok",* eu assenti.

Alex se levanta e se aproxima.

*"Outra consulta sobre o seu futuro?"*

*"É, basicamente isso",* eu digo e me agacho.

*"Ele se importa com você."*

*"Quem? Frank?"*

*"Ele precisa se cuidar.",* Alex assente e faz uma careta.

O rosto de Frank brilha nos meus olhos. Eu nunca realmente o entendi. Se você comparar Frank com Alex, Alex geralmente fica distraído, perdido em

pensamentos, mas no momento seguinte, ele pode ser vivaz. Lembro-me da primeira vez que conheci o Frank. Ele mancou coberto de roupas manchadas de sangue até que um grupo de adultos finalmente conseguiu curá-lo. Seus olhos vermelhos olhavam para mim era inspirador.

Quem é Frank? Não sei se posso chamar de "amor passageiro". Às vezes, eu até pensava que talvez não fosse apenas uma ilusão que as pessoas pensavam aqui na rua. Eles procuram uma saída para sua frustração e esperanças não cumpridas de que não podiam confiar em ninguém. Foi assim que Frank nasceu.

Graças à voz de Alex, volto a mim mesma. Ele olha através do espaço entre as casas e o céu, que só pode ser visto como uma faixa estreita.

*"Eu realmente não quero elogiá-la, mas você provavelmente tem..."* – Alex encolhe os ombros e continua - *"... Talento".*

*"Do que você está falando, que talento?"*

*"O que você acha?"*, Alex inclina a cabeça e sorri.

*"Seus pais eram pesquisadores?"*, Alex pergunta

Essa era a verdade, quer eu goste ou não, eles são obviamente responsáveis pelo fato de que sempre haverá uma lacuna entre mim e os jovens da rua. Estou procurando palavras para mudar de assunto.

*"Meu pai, ele parece estar doente"*

*"Doente? É algo ruim?"*

*"Sim, acho que sim, mas ele não pode se consultar em um médico externo. Uma equipe médica interna será enviada em breve".*

Alex silenciosamente acaricia a borda do skate:

*"Também não estou me sentindo tão bem ultimamente, as ondas de calor são assustadoras".*

Um jovem se aproxima de nós rindo e agarra Alex por diversão no pescoço. Alex se levanta e aperta a mão dele. Enquanto isso, os jovens formaram um círculo ao nosso redor. A bochecha de Alex de repente se contrai. Eu sigo o olhar de seus olhos castanhos escuros e vejo um grupo de cinco ou seis adultos que acabaram de virar a esquina e se dirigem para nós. A inscrição "STARS." pode ser lida em suas jaquetas marrons.

É a milícia juvenil liderada pelo chefe deste bairro, Arthur House. Eles se chamam STARS, homenageando a força-tarefa especial da cidade, a S.T.A.R.S. Ouvi no noticiário de ontem que o verdadeiro S.T.A.R.S. foi apagado de uma maneira pouco clara. Este grupo "STARS", no entanto, continua vivo.

Não sei nada sobre Arthur House e não quero saber. Mas há rumores de que ele parece ter sido abandonado por sua esposa ainda jovem. Ele deveria ter alguns filhos, mas ela a proíbe de vê-los. Este homem tem um forte conhecimento da comunidade. Ele sabe tudo sobre a situação econômica e as relações familiares de cada família do bairro. Se houver problemas, ele intervém sem hesitar para encontrar uma solução. É o sentido da vida dele. Como substituto de sua família perdida, ele estabeleceu a chamada "sociedade regional", que forma uma "família" comum, ainda maior, e na qual ele pode saciar sua sede de coesão em sua solidão. Arthur está preso no turbilhão do ciclone que varre esta cidade. Um fracasso proscrito, assim como os outros nativos. O que o distingue dos demais aqui é o fato de ele estar convencido de que é superior aos outros e de nunca ter esquecido que teve muito sucesso. Um dos vigilantes sai do grupo e diz com uma voz militar:

*"Ei, você, o que você está fazendo aí?"*

Alex morde a língua, inaudível para os outros. Outro vigilante assume e diz:  
*"Relaxa. Ele não está falando sério."*

As crianças pulam alegremente para frente e para trás, formando um círculo em torno dos vigilantes. No meio, fica Arthur House, sem palavras e com os braços cruzados. Ele tem cabelos loiros e lisos e usa óculos de sol. Os cantos da boca mostram um sorriso irônico.

*"Os STARS! Eles parecem legais!"*

Pelo canto do olho, vejo o sorriso depreciativo de Alex.

*"Obrigado por cuidar da lei e da ordem"*, ele sussurra para si mesmo.

Dizem que Alex foi pego por eles durante um pequeno furto e o grande castigo quase terminou em um linchamento. Desde esse incidente, ele odeia os vigilantes. Olho furtivamente para Arthur House com a expressão mais equânime no rosto. No escuro dos óculos de sol, que cobrem seus olhos azuis pálidos, meu rosto está refletido.

De repente, os meninos que cercam o esquadrão de defesa vigilante jogam seus skates no chão, assobiam, vão e gritam:

*"Hipócritas!"*

*"Hipócritas!"*

*"Vocês fedem!"*

Cada membro do grupo de vigilantes congelou por um momento por causa da mudança repentina. Os risos de Alex e seus amigos ecoam pela rua. Os rostos dos STARS ficam azul, depois vermelho escuro. Os meninos pulam de skate, empurram os pés do chão e se espalham pelo vento...

Lembro-me então de outro momento, para ser mais exato, com Frank, ele sentado no campo e acenando para mim. Como sempre, tento preencher o silêncio com palavras, enquanto ele apressadamente tenta tirar minha roupa.

*"Não tenha medo, isso não dói"*, Ele fala gentilmente como um dentista.

Deve ser uma lei não escrita ser proposta em tais momentos. Concordo com os olhos arregalados e obedeço como uma paciente dócil. Meio nus, nos abraçamos e roamos na grama, saindo do calor do sol de julho. A grama nos pica aqui e ali, e finalmente chegamos ao cume da unificação, abraçados, olhamos nos olhos um do outro e lutamos para respirar. O humano na minha frente parece que é a primeira pessoa que eu conheci na minha vida. Sentamos em uma lápide aquecida e respiramos pesadamente.

E, no entanto, não importa o quanto permitimos que nossos corpos tremessem em uníssono, a distância entre nós permanece a mesma. Ainda é apenas uma dança de namoro, nada mais que uma dança de namoro, apenas uma dança de namoro... Peixes prateados saltam do pequeno rio à frente e deixam a água espirrar. Examinamos as sombras das árvores e fechamos os olhos para a luz do sol. Nosso suor está fluindo em correntes. Sentimos um cheiro único.

Eu pulo no ar, no ar fino do céu distante e no reino do além. Mas como meu corpo é feito de carne e sangue, caio exausta e desajeitada no rio - enquanto rio tão alto que me sinto tonta - e em cada uma das inúmeras ondas de água refletem outro mundo.

Vejo claramente Huck e Jim andando em uma balsa. A centena de anos que estão gravadas em seus rostos, também reconhece claramente. Mas os dois não olham para nós. A balsa deles continua flutuando rio abaixo.

Os brilhantes dentes brancos de Frank são refletidos nas janelas rachadas do ônibus. Kirkwood endireita os suspensórios e Alex voa pelo ar. A janela logo se torna os óculos de sol de Arthur House, que me observa constantemente. Do outro lado, uma Vespa laranja passa. Várias memórias ao mesmo tempo.

Depois que a feroz viagem de ônibus finalmente termina, fico tonta. Um transporte - esse ato de passar de um momento para outro - é essencialmente um espaço vazio que existe entre dois períodos preenchidos. É por isso que você se sente tão bêbado depois, bêbado do vazio. Se retirarmos esse sentimento durante o processo - que quase poderia ser descrito como "distorção" - não deixaremos evidências das coisas encontradas durante o movimento como fragmentos. O ônibus para. Lá fora, as lápides se alinham até onde os meus olhos podem ver.

### **\*3 de outubro, 5:40; Sala de VR\***

Emily se inclinou sobre a pia e lavou o rosto. Como se todo o estresse tivesse sido lavado com a água, os sinais de falta de sono foram repentinamente soprados e sua cabeça clareada. O aperto que ficou preso em sua garganta, no entanto, não pôde ser afastado. Isso tinha que ser náusea causada pelo VR, pelo menos foi o que ela disse a si mesma. As olheiras ao redor dos olhos verdes de Emily tornaram-se visíveis no espelho, e seus cabelos loiros cinzas, recentemente cortados, ficaram oleosos; sua aparência refletia a medida de sua exaustão.

O traje de borracha que Emily usara para a simulação de realidade virtual, era recortado com uma borda amarela futurista como as encontradas nos filmes clássicos de ficção científica. O design funcional despertou tristeza. Emily não estava feliz trabalhando no turno da noite, mesmo que recebesse horas extras. Isso sempre piora o próximo dia de trabalho, não sendo possível dormir uma noite inteira e tudo. Ela e Hiromu Kinuta se uniram para trabalhar no tanque. No entanto, ambos estavam, como esperado, pouco familiarizados com a operação.

Emily Ran estava usando arranjos experimentais nos quais controlava o comportamento de "elementos" simples onde testava e registrava sua interação em inúmeras combinações. Os experimentos que eles encontraram foram impressos de forma simplificada, como simulações em computador. Por exemplo, programar as propriedades e modos de reação das bactérias e vírus deu a ela resultados que nunca foram tão precisos e rápidos nas experiências convencionais. As bactérias e culturas virais criadas no computador não se extinguíram facilmente devido a binários externos, como poderia ocorrer no mundo real em condições normais.

Finalmente, portanto, os experimentos poderiam ser realizados a um custo menor, em termos puramente econômicos. No sistema de simulação normalmente usado por Emily, a realidade era o que deveria ser hipotético. Você pode controlá-los de fora e refletir sobre eles. Em uma simulação pura de computador, a ideia era chegar o mais próximo possível da visão de "realidade" dos desenvolvedores. Nesse mundo virtual, porém, tratava-se de trazer os participantes e fazê-los sentir, acreditar que estavam no mundo real.

Depois de uma noite de intensa interação com a máquina, Emily estava tentando se envolver com o tanque e obter acesso a ele. Emily, depois de algumas maldições, chegou à inevitável conclusão de que era compatível com isso. A abordagem era muito diferente do tipo de simulação que ela costumava realizar. A mera partida da máquina já havia sido uma tarefa difícil.

Se Kinuta não estivesse ao seu lado, Emily teria desistido há muito tempo. Kinuta era um gênio: era difícil acreditar que ele passasse apenas uma noite trabalhando intensamente no tanque. Emily deixou Kinuta operar o equipamento enquanto mergulhava no tanque. Ela fazia um intervalo de cinco minutos a cada hora, mas isso não a impedia de se tornar vítima de náusea pelo VR.

Quando ela saiu do vestiário, queria ir para a sala de realidade virtual novamente, onde Kinuta provavelmente ainda estaria ajustando os aparelhos.

*"Eu deveria dizer um 'boa noite' e depois ir para a cama", ela pensou.*

A sala de VR ficava no quarto andar. Logo ao lado ficava a sala de cápsulas de Rose, que estava fechada para todos, menos para os gerentes do projeto, Emily e Ren Sprague. Depois de abrir a sala de VR, Emily teve uma visão familiar. Kinuta sentou-se sonolento à mesa ao lado do enorme tanque.

*"Oh, chefe..."*, Ele começou a se levantar quando viu Emily entrar, mas foi parado pela mão dela.

*"Realmente agradeço por me ajudar com isso. Sem você, não teria corrido bem."*

*"Como você se sente...? Está tudo bem?"*

*"Sim, mas eu gostaria de ir para o meu quarto e me deitar um pouco. Não me sinto muito bem por causa dessas repetições".*

Emily forçou um sorriso, sentando-se na cadeira enquanto abaixava os olhos para o chão e respirava fundo. O rosto de Kinuta mostrou simpatia.

*"É realmente tão ruim assim? Eu tomaria seu lugar no tanque. Mas eu não me encaixaria..."*

A voz alta de Kinuta ecoou em sua cabeça. Emily levou a mão à testa - ela apenas limpou o suor do rosto:

*"Bem, o que você acha? Você pode lidar com isso?"*

*"Eu dominei o básico da operação, eu acho. Mas não tenho certeza..."*, Kinuta esfregou os olhos cansados.

*"Por que esse tanque é tão essencial para o projeto, chefe? Se eu não entendo o motivo, como posso continuar entendendo tudo isso?"*

*"O 'Projeto Rose' é basicamente um esforço colaborativo. Por um lado, temos o hardware de simulação VR e, por outro, a imunologia. Nós somos os responsáveis pela simulação real, Reena é nossa operadora habitual de VR, e tem Robert Prash e o resto do departamento clínico. Então, cada um de nós analisou Rose dentro do escopo de nossa especialidade."*

*"Eu já entendo isso. É sobre a produção de uma vacina para proteger o corpo humano do vírus T. Para a divisão do trabalho. Mas é tudo o que sei. Nós do grupo de simulação lidamos apenas como grupo de simulações, lidamos apenas com as simulações e os resultados da observação de Rose, não entendemos a totalidade do projeto. Porque precisamos do tanque?"*

*"Não são os softwares ou periféricos que compõem esse enorme dispositivo VR - a chave principal é o hardware na forma de três supercomputadores localizados atrás da parede. Mas o hardware por si só é inútil, é claro".*

*"Então, isso explica o tanque."*

*"Sim, nesses supercomputadores, visão, olfato, paladar, audição e tato, isto é, estímulos receptivos ao homem, podem ser processados como valores numéricos. E a funcionalidade do tanque torna possível expor os objetos de teste a diferentes influências ambientais."*

*"Então isso significa que esse sistema VR também está ligado à cápsula de Rose, certo?"*

*"Em algumas áreas, a capacidade de processar informações excede a de um humano. O funcionamento interno do sistema é altamente complicado e se tornou uma caixa preta para quase todos – um livro com sete selos. A interface que serve é todo esse espaço, junto com o operador humano".*

Como um sinal de entendimento, Kinuta levantou os dois braços e seu corpo tremeu como pudim.

*"Haha, fabuloso... Este tanque gigantesco e a sala aqui são uma única interface."*

*"Você entende isso agora?"*, Emily assentiu.

*"Eu nunca usei um computador tão grande assim. Uma monstruosidade real."*, Kinuta esfregou agitadamente o rosto duas ou três vezes com as duas mãos.

*"Há algo mais, eu tenho uma última pergunta."*, Kinuta levantou um dedo com um sorriso e pequenas cavidades se formaram em suas bochechas.

*"O que exatamente é essa Rose?"*

*"O material de pesquisa para o desenvolvimento da vacina. Por que você pergunta isso?"*

*"O boato é verdadeiro...?"*

*"Qual boato?"*

*"Rose é uma sobrevivente dos eventos de Raccoon City? É o que dizem."*

Emily franziu a testa e olhou para o rosto de Kinuta.

*"De quem você ouviu isso?"*

*"De Reena Mittford."*

Isso foi um leve choque para Emily. Foi esse boato que causou o estresse extra a Reena... Emily tocou sua testa. Se Sprague pudesse vê-la agora, ele provavelmente reagiria com uma risada.

*"Eu não sei nada específico sobre isso. Para mim, Rose é um objeto baseado em dados para nossa pesquisa - uma série de números e fórmulas"*, disse ela, quando recuperou a postura.

*"Isso é mentira. Você não pode ou não quer me contar. De jeito nenhum você como gerente não sabe disso."*, Kinuta sorriu.

*"Você pode interpretá-la como quiser. Não tenho tanta certeza sobre Reena, mas você é um cientista completo, certo? Não importa a história trágica que um sujeito de pesquisa possa ter, ele não tem influência na análise pendente. Interrompa o questionamento excessivo e concentre-se no essencial. Esse é o elemento crucial, afinal."*

*"Entendi..."*, Kinuta deu de ombros e se levantou.

Ele cambaleou como se sua aparição repentina o fizesse parecer bêbado. Ele parou perto da porta e se virou mais uma vez.

*"Há algo que eu não contei a ninguém..."*

Kinuta ficou em silêncio, deu um empurrão e continuou:

*"Acho que Reena usou essa máquina em particular de vez em quando."*

Emily assentiu. Ela pode não saber sobre o namorado de Reena. Mas esse fato não havia escapado dela. Carmen, que controlava todas as atividades nas instalações de pesquisa, sempre fornecia a Emily um relatório detalhado sobre seu terminal pessoal. Enquanto o projeto estivesse seguro, Emily não queria intervir.



Mas por que Reena - e de certa forma Kinuta - gosta tanto do tanque? Emily não conseguia entender o caminho por trás disso.

*"Bem, eu vou agora. Fizemos um bom trabalho, você deveria ir para o seu quarto e descansar agora",* disse Kinuta, curvando-se e desaparecendo no corredor.

Emily ainda estava sentada na cadeira com a cabeça apoiada nas duas mãos; ela parecia desesperada. Os problemas intermináveis a levaram à beira da exaustão. O acidente de Reena, a vaca jogada na piscina, a próxima visita deste ativista ambiental chamado Richard Fuchs...

Ela queria voltar para seus aposentos rapidamente, tomar uma pílula e dormir. Lentamente, ela levantou os olhos e olhou em volta. Era uma sala sombria e sem janelas, e o ar estava abafado. Para evitar influências externas no fluido transportador, não havia sistema de ventilação. Estava quente, e as náuseas de Emily ficavam cada vez mais fortes.

Uma máquina encantada - um tanque cinza escuro com um terminal de cor creme na frente. Emily olhou para o monitor vazio. Ontem havia as casas em chamas vermelhas ali representadas. O sinal de alarme piscando... Espere, isso é estranho. Emily engoliu a forte saliva de sabor azedo. De repente, uma suspeita surgiu nela. Eram necessárias pelo menos duas pessoas para operar esta máquina: a "cobaia" e alguém para operar o terminal. Embora devesse ter mantido em segredo, era difícil imaginar que Reena pudesse ter realizado testes particulares. Então, quem usou o terminal no dia do seu acidente? E por que não a soltou imediatamente? Ou ninguém esteve aqui, exceto Reena, naquela época? A primeira pessoa elegível que Emily suspeitava era o homem alto líder dos guardas da segurança.

### **\*3 de outubro, 14:10; sala de conferências\***

Emily olhou pela janela da sala de conferências. A chuva da manhã parecia ter dissolvido completamente as nuvens, pois o céu parecia incrivelmente azul e claro naquele dia. O familiar bosque de árvores de cor vermelha fogo destacava-se ainda mais da paisagem. O sol da tarde estava claro demais para os olhos privados de sono. Como a sala de conferências estava localizada no térreo, a vista do céu era limitada a um grande recorte retangular.

Do lado de fora, o instituto de pesquisa não tinha uma única janela. Parecia uma enorme fortaleza cercada por paredes brancas. As janelas estavam todas dentro do complexo, de frente para o pátio. A justificativa oficial para esse design era a proteção de componentes internos - mas Emily acreditava que isso se devia aos delírios paranóicos dos planejadores; porque, se você quisesse, podia ver o prédio retangular, mesmo no pátio, por meio de um satélite espião.

Durante os projetos de pesquisa em andamento, os funcionários não viam a terra - ou a área circundante e o mundo - seu mundo era o pátio quadrado. Um complexo mórbido introvertido de edifícios que esticava os nervos das pessoas que moravam lá...

Renna Mittford... Ela havia usado secretamente a máquina de VR e seu parceiro provavelmente fora seu namorado, Ulysses Allam. Mas não fazia sentido que Allam aceitasse a vontade de Reena de correr riscos e depois a decepcionasse, deixando-a no tanque? Embora Emily estivesse feliz em interrogá-lo, ela não conseguia se decidir sobre como fazê-lo. Além disso, não havia tempo para

perguntas no momento. Esses pensamentos eram inúteis - ela balançou a cabeça e examinou a sala com um rápido olhar.

Na sala de conferências, havia uma enorme mesa oval feita de madeira dura, cujas curvas eram suavemente arredondadas. Na frente de um quadro branco, no outro extremo, estava um jovem cuja idade estimada era de vinte anos. Richard Fuchs era conhecido por odiar a mídia. Ele parecia muito jovem, Emily não esperava isso.

Com sua jaqueta verde-oliva e gravata laranja, ele parecia um jovem empresário ambicioso que se desenvolve e sai bem em suas interlocuções. No restaurante ao lado, durante o almoço, sentava-se sobriamente em sua cadeira, sua postura era quase estática e ele perdeu todos os movimentos supérfluos. Ele manteve sua inclinação à impulsividade sob controle.

À direita, estava o diretor do instituto, Ren Sprague, e diante dele havia um homem careca de camisa pólo verde-escura, o representante da administração Christian Selfridge. A sala de conferências incluía apenas quatro pessoas, incluindo Emily. A grande mesa de conferência parecia um pouco abandonada.

*"Você poderia me dar um café?"*, foram as primeiras palavras de Fuchs depois que ele usou o botão de gravação na máquina de gravação portátil. Ele olhou para Emily com olhos grandes e escuros. O homem devia ter ancestrais espanhóis. Seus traços o retratavam. Involuntariamente, Emily pensou no pai de Ann. O fim amargo de um amor inexperiente, um passado distante, hoje não havia vestígios dele. Emily foi até o interfone na parede.

*"Carmen, podemos tomar um café, por favor."*

*"Entendido"*, a voz da máquina soou.

*"Isso é útil. Uma cafeteira de alta tecnologia, não é?"*, Fuchs sussurrou, apoiando-se nos cotovelos.

*"Carmen não é uma máquina de café. Ela é uma IA e supervisiona a rede do instituto. As estações de trabalho e servidores aqui são controladas por ela. Ela controla todas as sub-redes. Todos os programas e pacotes de dados vagando são agrupados por ela. Tudo é tratado pela Carmen."*, Emily sorriu.

*"Ela criou"*, disse Ren Sprague inesperadamente, que estava perdido em pensamentos até então. Ele parecia orgulhoso.

Fuchs estreitou os olhos e observou Emily com crescente interesse.

*"Inteligência artificial baseada em um programa?"*

*"Para ser preciso, Carmen não é um programa simples, mas uma rede de programas. Toda a rede é o corpo dela. No que diz respeito à inteligência, nosso parceiro de conversação está em um avanço incrível, com uma quantidade inacreditável de inteligência digital sob seu capuz."*

*"Entendo. Parece interessante. E os usuários, nós humanos, interpretamos isso como consciência, é claro. Bem, você também pode pensar no ecossistema global como um organismo gigantesco. Um jogo mental semelhante..."*

*"Visões filosóficas de um ativista ambiental?"*

*"Não... apenas uma generalização"*, respondeu Fuchs com um sorriso.

*"Aham. Por exemplo, a personificação da terra pelo termo 'Mãe Terra' para retomar seu processo de envelhecimento e também a ideia de lar. Tenho pouco interesse no próprio conceito. É muito sentimental para mim. A simulação de um ecossistema, é claro, faz parte da minha pesquisa. Eu gostaria de lidar com isso*

*muito mais detalhadamente do que antes. Devido às limitações do hardware, no entanto, a simulação - ou partes dela - cai muito aproximadamente..."*

*"Como a simulação de uma colmeia?", pergunta Fuchs*

Emily ficou um pouco surpresa. Seu ex-colega - mais tarde seu amante e, finalmente, o pai de Ann - desenvolveu a simulação de uma colmeia para fins de demonstração. A rainha, os zangões, as larvas, os favos de mel... Todo o interior da colmeia. Tudo ganhou sentido.

*"Sim, exatamente."*

Emily caminhou até a abertura para pegar o café.

*"O nome Carmen é um tanto idiossincrático para uma inteligência artificial. Por que esse nome?"*

Sem responder a sua pergunta, Emily esperou o café.

*"Ela a batizou com esse nome", explicou Ren Sprague*

*"Mas você não quis dar o nome à sua filha?"*

Emily virou-se abruptamente e olhou bruscamente para o diretor, em sua boca lasciva. Sprague baixou os olhos apressadamente, fingindo escrever algo em seus papéis. Mas o olhar de Fuchs a pesava e ela se viu obrigada a responder.

*"O nome da minha filha é Ann, mas ela foi chamada Carmen pelos meus pais. Um apelido ou nome de animal de estimação, se você quiser."*

*"Oh, ok. O programa está relacionado à sua filha?"*

*"Talvez. Quando quis dar um nome à Inteligência Artificial, pensei de alguma forma que apenas esse nome era adequado..."*

Fuchs inclinou a cabeça. Obviamente, ele não estava satisfeito com esta resposta.

Ainda assim, ele disse:

*"Tudo bem, pelo menos por enquanto. Devemos gradualmente voltar ao trabalho. Primeiro, gostaria de anotar seus nomes e posições", disse Fuchs, olhando ao redor da sala de conferências. Os olhos dele se voltaram para Selfridge, que assentiu.*

*"Christian Selfridge, diretor de administração deste Instituto de Pesquisa de Vírus."*

Sprague, que estava focado em algo em seus papéis, levantou a cabeça.

*"Ren Sprague, diretor do instituto."*

Fuchs deu um sorriso demonstrativo. Então ele se virou para Emily.

*"E você?"*

Emily olhou fixamente para Fuchs.

*"Emily Ran. Eu lidero o projeto atual."*

Fuchs tocou sua testa; ele obviamente estava tentando se lembrar de algo. Dois segundos depois, ele disse surpresa:

*"Espere. Emily Ran... Simulação... Você é Emily Ran? A garota genial que, aos 15 anos, escreveu um artigo sobre vírus e experimentos com computadores e recebeu um prêmio público da universidade? A Emily Ran? Eu sempre quis saber para onde você foi e agora te encontro aqui, em um lugar como esse..."*

*"Essa é uma notícia antiga. Hoje sou uma pesquisadora comum que pode ser rotulada como 'meia-idade'", disse Emily amargamente, balançando a cabeça levemente.*

*"Por quê? Você não acha depreciativo alguém vir aqui fazer pesquisas?"*

*"Desculpe, fiquei um pouco surpreso. Quando eu era criança, o professor havia publicado um artigo de jornal sobre você. Ele disse que também devemos ser diligentes e aprender para que possamos chegar até você."*

Emily deu de ombros.

*"Sinto muito por ter exposto você e seus colegas indiretamente a tanta pressão."*

Quando ela olhou de volta para o dispensário, o café estava pronto. Ela pegou o copo de papel e entregou a Fuchs.

*"Aqui, por favor."*

Ela olhou para ele com expectativa, enquanto Richard Fuchs tomou um gole e revirou os olhos. O copo de papel caiu sobre a mesa, onde transbordou facilmente. O rosto de Fuchs espelhava sentimentos contraditórios. Ele engoliu o líquido que não parecia se adequar ao seu gosto.

*"Coisas cotidianas da Carmen",* ele zombou.

*"Realmente excelente."*

*"Nossa cafeteira certamente não é a coroa da alta tecnologia",* respondeu Emily, apertando os lábios para não precisar se soltar. Ela foi até Sprague e sentou-se.

*"Também tivemos que aguentar muito até nos acostumarmos".*

*"Não é um hábito que eu gostaria",* disse Sprague, sem levantar os olhos. Ele estava completamente absorvido em seus rabiscos. Emily olhou para ele, mas era impossível decifrar qualquer um dos sinais.

Fuchs apontou o dedo para a parede e perguntou:

*"Notei naquilo quando entrei, o que é?"*

Na parede, pendia uma grande placa de madeira com um quadro de folha de cobre, no qual havia sido perfurado em formato de uma vaca. Sob os cascos estavam as palavras *"Não valorizarás a vaca"* e diretamente abaixo dela estava escrito: *"Em mim está a verdade"*.

Sprague levantou a cabeça e sorriu.

*"Oh, isso. Esse é o nosso símbolo. Pedimos para um artista local criar. É bonito, certo?"*

*"Parece o sinal de propaganda de uma churrascaria".* Fuchs estava prestes a bebericar o café, mas fez uma careta com o mero cheiro e rejeitou o pensamento novamente.

Sprague riu. Ele se abraçou, depois abriu os dois braços e fez um sinal de vitória.

Fuchs pareceu assustado.

*"Você conhece a gênese da vacina? A varíola era galopante em todo o mundo no século dezoito. Uma doença assustadora que, como você sabe, corre carne, pele e causa febre alta e leva a uma morte dolorosa. Edward Jenner, que passou anos combatendo esta doença, finalmente fez uma descoberta épica..."*

*"Jenner! Não escuto o nome há muito tempo. Fui condenado uma vez a ler sua autobiografia e tive que colocar minhas impressões no papel. Ele também usava crianças como cobaias, um cara muito louco".*

*"Naquela época, muitas pessoas que trabalhavam na indústria de laticínios estavam infectadas com varíola bovina. Essa variante do vírus usava o corpo da vaca como hospedeiro; era uma doença relativamente inofensiva, com apenas a pele rachando um pouco. Nas suas observações, Jenner chegou à conclusão de que*

*aqueles que sofrem de varíola bovina raramente são atacados pela varíola normal e mortal. Então, ele teve a idéia de impedir a varíola normal vacinando com a varíola bovina."*

*"Uma doença dissipa a outra... É quase como envenenar um antídoto, não é?"*

*"Estritamente falando, os vírus da varíola bovina não expõem os vírus da varíola. Então, o que foi feito com a varíola bovina é muito semelhante. O sistema imunológico humano lembra a varíola bovina assim que entra no corpo e passa para a fonte de injeção e faz o possível para remover todos os corpos estranhos. Isso ainda não era conhecido por Jenner. Só então se soube que o resultado foi que eles não foram atacados por varíola. Somente nos anos sessenta do século XX, a imunologia alcançou seus avanços colossais."*

*"Isso não foi há muito tempo."*

Sprague olhou para o quadro-negro com a vaca gravada.

*"Correto. Mas isso não significa que essa área da ciência ainda esteja em sua infância. Antes, a imunologia era um ramo importante que redefinia a vida. Diga-me, qual é o limite entre o interior e o exterior de um corpo?"*

Fuchs e Selfridge olharam para Sprague, de conversa e trocas de olhares atônitos.

Seus rostos mostravam algo de cumplicidade, e Emily estremeceu.

Fuchs finalmente encarou Sprague com um sorriso.

*"Bem, a pele, certo?"*

*"A estrutura do sistema imunológico não apenas expõe os patógenos. É um sistema que distingue uma pessoa da outra. As células de anticorpo do próprio corpo eliminam os corpos estranhos após passarem por várias etapas de tentativa e erro e são adaptadas individualmente ao indivíduo. Em poucas palavras, isso significa que o sistema imunológico é o limite do corpo humano. Também se pode dizer que o sistema imunológico, como tal, que responde as influências externas e tenta banir qualquer coisa estrangeira, representa o interior do homem. É claro que esse limite não está presente apenas nos seres humanos, mas em todos os seres vivos".*

*"Eu não entendo isso completamente. Esse DNS, ou o que você chama, diminui?"*

Sprague sorriu e olhou para Fuchs.

*"Isso mesmo. O código do DNA é como um plano que distingue um indivíduo do outro. Esse é o requisito. O tratamento da vacina funciona com base em uma troca bem-sucedida do sistema imunológico. É mais inteligente do que o corpo do homem. Por meio de uma mudança. A definição do próprio corpo é, portanto, modificada tanto em termos internos quanto externos. A decepção do sistema imunológico se torna uma nova realidade."*

Selfridge bateu o dedo indicador na mesa.

*"Ei, quanto tempo essa conversa vai durar? Estamos aqui em uma festa do café? Ou em uma palestra? Você canta tão efetivamente enquanto pesquisa? Uma digressão após a outra... Que tal se você deixar Fuchs dar uma palavra?"* - Selfridge anunciou em um tom irritado.

Sprague abriu a boca, incrédulo, depois caiu na cadeira.

*"Estou te entediando?"*

Fuchs sorriu forçosamente e acenou.

*"Não, isso foi interessante, Senhor Diretor. Vamos falar sobre isso outra hora."*

*"Outra hora, é claro..."*, O comentário de Selfridge foi pura ironia.

*"Bem, então"*, disse Fuchs.

*"Apenas me dê alguns fatos sobre essa instalação aqui. A área do lote, a quantidade de floresta desmatada para este local, os objetivos da empresa..."*

O arrogante Selfridge respondeu como se estivesse memorizado:

*"A área florestal desmatada para construir o complexo de edifícios é de cerca de cem acres. A empresa legalmente adquiriu a terra e tudo é coberto por um contrato. Como você observou no caminho aqui, estamos lidando com uma espécie de ilha no meio da floresta, é o caso do ambiente que brinca conosco, e não o contrário. Não vou falar sobre o conteúdo exato de nosso trabalho, mas você pode assumir que é uma pesquisa genética normal e o desenvolvimento de vacinas".*

*"Sr. Fuchs"*, Emily interveio.

*"Eu não entendo por que você veio aqui. Esta não é uma fábrica, mas um instituto de pesquisa. O impacto ambiental é marginal..."*

Fuchs puxou a gravata e olhou para ela. Ignorando as palavras de Emily, ele continuou a fazer perguntas.

*"É aqui que os experimentos genéticos são realizados. Existe um risco de contaminação biológica, o chamado risco biológico?"*

*"Sem perigo, absolutamente sem perigo"*, Sprague acenou com as duas mãos em um gesto exagerado.

Selfridge o ignorou.

*"É claro que consideramos todos os cenários de ameaças em potencial. Os controles para os sistemas de ventilação de todo o instituto estão preparados para a ocorrência de circunstâncias imprevistas e foram preparados para casos de surtos. O risco de algo entrar na natureza é quase impossível."*

Selfridge olhou para Sprague de lado, suprimindo um olhar vazio.

*"O instituto é o epítome da segurança. Se você quiser, poderá obter documentos escritos no sistema de controle de ventilação e várias precauções de segurança. Isso não está sujeito a sigilo".*

*"Então porque você está aqui?"*, Emily perguntou intencionalmente.

*"O que você realmente quer me perguntar?"*

*"Quero saber como você encontrou nosso instituto, Sr.Fuchs. Já sei quem você é. Você é um especulador. Busca e divulga informações desagradáveis sobre empresas e manipula o mercado de ações".*

Fuchs levantou as sobancelhas e olhou para Emily com espanto.

*"Olha, você parece muito bem informada. Você fez a pesquisa sozinha?"*

*"Embora tenha trabalhado quase a noite toda, levantei-me de manhã cedo e pesquisei um pouco na rede. Obviamente valeu a pena."*

*"Devo acreditar que há algo na rede sobre mim? Você encontrou algo imediatamente com um mecanismo de pesquisa? Sim, sim, o problema da proteção da privacidade na era da Internet... para onde isso vai?"*

Emily olhou para o sorriso desdenhoso dele.

*"Eu tive acesso ao banco de dados da sede corporativa e estava procurando informações sobre as linhas de negócios que possuímos. Revi todas as suas realizações, Richard Fuchs. As campanhas de difamação em 28 empresas, incluindo cinco farmacêuticas, estão associadas ao nome Richard Fuchs, empresas que são*

*grandes conglomerados que têm filiais em todo o mundo. Quatro empresas, um mês antes de serem acusadas, tiveram demissões recordes. O momento ideal para comprar ações de outras empresas farmacêuticas. Imediatamente após o relatório do escândalo, os custos caíram naturalmente no poço sem fundo. É claro que um único artigo não pode ter esse impacto no curso das coisas. É preciso uma pesquisa mais profunda... E parece claro que isso iria além do escopo de um indivíduo de uma simples atividade. Sim, mesmo o de uma organização. O sistema por trás dessa manipulação está disfarçado de várias organizações que operam em uma rede internacional."*

Fuchs parou a máquina de ditar em cima da mesa e respirou fundo.

*"E você... você está concluindo...?"*

Emily fez uma pausa e olhou em volta. Selfridge e Sprague estavam de cabeça erguida e a olhavam atentamente.

*"Máfia", disse Emily.*

Selfridge e Fuchs se entreolharam. Sprague ficou atordoado, vendo o perfil de Emily. Os ombros de Fuchs se contraíram. Ele riu, e essa risada rapidamente se tornou uma risada estridente. Selfridge também se juntou a ele. Até Sprague mal conseguiu resistir. Ele mordeu o lábio, seus músculos tremendo levemente. Naquele momento, Emily não queria nada mais do que deixar essa sala para trás.

Depois de mais de um minuto, Fuchs enxugou as lágrimas dos olhos e disse:

*"Entendo. Entendo. Se sim, o que você vai fazer, chamar a polícia? O pateta de um sindicato do crime está aqui – você dirá isso a eles?"*

*"Eles não entendem. Eles serão eliminados assim que você for exposto como inimigo deste grupo.", diz Emily*

*"Eu sei. De fato, a Umbrella é uma organização do submundo que cria armas estranhas - e este é um centro de testes de armas biológicas... Se alguém aqui não entende alguma coisa, é você, Srta. Ran. Você não vai me tirar daqui, atualmente sou membro desse grupo. Fui contratado por alguns grandes acionistas para vir para cá".*

Com os cotovelos apoiados na mesa, ele abriu as mãos.

*"Eu queria desacelerar a conversa, mas agora parece que poderíamos ir direto ao ponto".*

O rosto de Fuchs de repente perdeu toda a expressão. Ele bebeu da caneca de café e depois silenciosamente a colocou sobre a mesa. Fuchs começou a falar devagar.

*"Ultimamente, houve rumores preocupantes em Wall Street. A destruição de Raccoon City foi causada por uma contaminação biológica vazada pela Umbrella. Um vírus mortal escapou do laboratório e destruiu a cidade. Se isso é verdade, seria um escândalo sem precedentes. E o que isso significa? você pode imaginar. Em suma, a sua 'Umbrella' é na verdade a máfia. Uma empresa cruel que nem se limpa quando defeca nas empresas - bem, você tem reputação a portas fechadas no momento. Portanto, o preço da ação da Umbrella está em queda livre e os acionistas estão todos enfartados. O coração do seu grupo, a unidade militar, também parece se afastar de você. Esta informação trouxe meus queridos intermediários à luz."*

Como se convencesse de que suas palavras alcançaram o efeito desejado, Fuchs olhou profundamente nos olhos de Emily.

*"No entanto, devo dizer que as declarações deles parecem razoavelmente plausíveis. Desde o nascimento, os militares exigem as melhores armas, sujeitando*



*seus inimigos à morte da maneira mais segura possível. Como uma bomba sem um dispositivo de segurança, apenas um esforço suicida, ninguém gosta de andar com uma granada altamente explosiva que ele não sabe se e quando vai explodir em sua mochila. Não há soldado que participe de uma missão tão louca de bom grado."*

Fuchs levantou-se abruptamente e começou a andar de um lado para o outro da sala.

*"A questão-chave é se existe ou não uma vacina. As armas biológicas prevalecem como as armas mais fortes da humanidade. Uma nova ordem mundial com condições de estrutura alterada se emerge disso, em seu horror, a era das armas nucleares. Eles que joguem o dinheiro para vocês, eles só querem saber da vacina. Eles querem explicações. Se estes falirem, acabou. O dinheiro se foi. O grupo perde sua fundação e entra em colapso..."*

*"Não estamos autorizados a fazer tal explicação. Negocie com a sede."*

Por um momento, o rosto de Selfridge ficou pálido. Fuchs continuou subindo e descendo a sala.

*"Precisamente por que se isso não funcionar... é por isso que vim aqui. Isso não parece óbvio? Os superiores da Umbrella tornaram-se estranhamente sensíveis desde o acidente. Uma Assembleia Geral e pelo menos uma Reunião do Conselho Fiscal. Meus clientes não podem mais aprovar esta situação".*

*"Não importa o que você nos diga, não podemos falar sobre o conteúdo desta pesquisa."*, Selfridge balançou a cabeça teimosamente.

Um gesto generoso, Emily pensou.

Fuchs se aproximou da vaca de cobre, levantou o braço e bateu com o punho contra o metal.

*"Este é um instituto para o desenvolvimento de vacinas... Há outro boato credível de que o desenvolvimento de um soro contra armas biológicas está progredindo rapidamente em um centro de pesquisa da Umbrella na América Central. Se isso for verdade, a Umbrella será implementada novamente..."*

*"Talvez sim. Isso seria desejável"*, disse Sprague com a voz trêmula. Ele rabiscou um retrato de pinceladas borradas com uma caneta em forma de foguete. As linhas formaram primeiro um pescoço e um queixo, depois as bochechas. Olhos, nariz e boca pareciam mais uma coisa entrelaçada e a cabeça era coroada por um alqueire.

*"E outra coisa vem à mente. A Umbrella usou a cópia de um corpo humano único para sua pesquisa."*

Os ombros estreitos de Sprague se enrijeceram de tensão e, por um momento, ele abriu os olhos. Até Emily engoliu inconscientemente e olhou para Fuchs. Este homem – o quanto ele sabe? Selfridge mordeu os lábios e finalmente fechou a boca.

*"Meu caro Sr.Fuchs, a partir de agora estamos lidando com segredos corporativos. O bem dos acionistas valiosos que você representa e seus lucros estão em jogo."*

*"Hmm, tudo bem. Eu provavelmente não deveria publicar a coisa sobre experimentar pessoas."*

*"V-você! Então experimentos humanos, isso é fortemente tabu..."*, Sprague chorou.

*"Cale-se!"*, Selfridge o interrompeu severamente e não fez nenhuma tentativa de esconder seu desprezo. Sprague olhou para ele atordoado.

Fuchs continuou seu trabalho.

*"Para conseguir um corpo humano, a Umbrella teria sequestrado crianças e jovens da área, ao que parece."*

*"Essa é uma suposição maliciosa e completamente insustentável!"*

*"Sprague..."*, Selfridge segurou Sprague, cujo nariz torcido se contraía nervosamente e ele se sentou por um momento.

*"O que mais você ouviu, Sr. Fuchs?"*

*"O chamado 'Projeto Rose' é um conceito?"*

As palavras de Fuchs atingiram a sala de conferências como um raio. Sprague caiu na cadeira. Ninguém disse nada. Todos ficaram em silêncio na expectativa de que alguém quebrasse o silêncio. Algo está acontecendo nesta reunião. O que está acontecendo? Selfridge e Fuchs devem ter se encontrado em algum lugar com antecedência e feito um pacto. Selfridge lançou um novo objetivo para dissociar-se efetivamente de seu empregador afundado. Emily ficou branca com o pensamento. Você não pode parar o fluxo das coisas. Ela não sabia o que estavam acontecendo, mas sua interpretação até agora, a coisa da Máfia, foi um grande erro.

Seu estômago enjoadado bloqueava seu pensamento.

*"Você conhece o Projeto Rose?"*

Sprague se levantou lentamente e deu a volta na mesa. Quando ele chegou a Fuchs, ele parou na frente dele.

*"O nome da menina é Rose e, de acordo com os rumores, uma sobrevivente de Raccoon City"*, disse Fuchs.

Sprague parecia que estava prestes a chorar. Ele abaixou os olhos.

*"Sobrevivente, uma expressão engraçada, certo? Ela dorme. Ela sonha."*

*"Sonhos..."*, Sprague passou por Fuchs em direção à saída.

*"Peço desculpas, mas não estou me sentindo bem. Devo dizer adeus..."*

Quando ele saiu, quase parecia um escárnio nos cantos da boca, e as notas deixadas em seu lugar deserto de repente pareciam como um buraco abissal preto como azeviche para Emily.

### **\*3 de outubro, 19:55, Pátio\***

Emily passeava pelo bosque vermelho escuro do pátio. Ela usava jeans, uma gola alta preta sob sua jaqueta favorita. As árvores flamejantes com suas folhas vermelhas eram grossas e misteriosas. A água que escapou do sistema de destilação evaporou para uma névoa que pairava acima da madeira da noite. No chão, que foi suavizado pelo banho de ontem, lama espirrou em suas calças. No entanto, era agradável sentir o vento às vezes frio em seu rosto e ouvir o gorjeio dos insetos.

O pequeno bosque quadrado, com seu comprimento lateral de cinquenta metros, havia sido criado por mãos humanas. Emily enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e vagou sem rumo. Ela tinha que se acalmar, caso contrário ela explodiria por dentro!

Ela parou em frente a uma árvore particularmente grande e olhou para o tronco. Os galhos pendurados pareciam estar envolvidos pelo vento. O olhar de Emily afundou na dança inebriante das folhas. Um suspiro de admiração escapou silenciosamente de sua boca.

Cercado pelos pântanos brancos do instituto, o quadrado céu noturno sobre ela era a única coisa que podia ser vista do mundo exterior. A lua estava brilhante,

as estrelas brilhavam e não havia uma única nuvem no céu. A luz elétrica vazava pelas fileiras de treliça. Iluminadas por isso, as árvores brilhavam roxas. Tremulando ao vento, as folhas vermelhas, fluindo na luz, passaram pelo espectro da cor vermelha. Vermelho, roxo e laranja dançavam na luz que entrava como se estivessem competindo.

Emily fechou os olhos e seguiu seus pensamentos. Como em uma simulação de VR, que é executada estritamente de acordo com o plano, não há coincidências. O homem com sua consciência interpretativa percebe o jogo das cores como fogo e associa a ele chamas dançantes. O gosto pessoal do ser humano decide quais emoções ele sente ao olhá-las. O caos que reina neste instituto apenas ganha um significado, um contorno, através da respectiva visão do homem; uma provocou intrigas por vontade própria, a outra simplesmente foge em confusão e entra em pânico com a comoção. Os eventos sempre correspondem apenas à realidade que as pessoas afetadas se organizam, pensou Emily. Ela estava suprimindo a excitação crescente com toda sua força.

Após os eventos na sala de conferências, ela rapidamente voltou para o quarto. Lá, ela ficou deitada por horas na cama e praticou em sua mente através de vários cenários. Ela lutou e brigou de todas as maneiras possíveis até que finalmente adormeceu. Depois de acordar, ela fez uma refeição leve.

A maioria de seus pensamentos girava em torno do intruso Richard Fuchs. Ela não sabia se devia acreditar nele, que ele fora porta-voz de qualquer grande acionista. Embora Emily tenha colocado com confiança a palavra máfia na boca, essa conclusão foi sem dúvida mais semelhante a uma reação de curto-circuito. Lá dentro, a risada hilária de Fuchs assombrou sua mente. E, embora não houvesse evidências de um relacionamento entre ele e o representante da administração Christian Selfridge, isso parecia muito frágil para ela.

Emily não podia fazer nada. Especialmente porque ela se preocupava com Sprague, porque não estava claro o que estava acontecendo com ele. Um segundo sistema estranho colidiu com o do instituto de pesquisa - e, como resultado, algumas mudanças estão acontecendo, pensou Emily. Era uma conclusão, mas a única coisa que veio a mente. Um sistema chamado "Richard Fuchs" - o pensamento agradou Emily. Ele era um sistema vasto e enorme. Ela foi capaz de se dar bem com essa idéia e se distanciar de seu distúrbio mental.

O que ela levou com ele foram sua aparência e personalidade externas. Os dois lembraram a Emily seu ex-amante - o pai de Ann - e sua incapacidade de vinculá-los um ao outro; eles eram de alguma forma parecidos. Essa percepção a deixou com raiva. Claro, ela não fez nenhum julgamento sobre se o homem era simpático ou seu tipo. Ela simplesmente não podia perdoar a si mesma por ter emoções tão bobas.

Ela podia sentir uma borboleta no estômago, uma após a outra, cuidadosamente colocando-as em pequenas gavetas do coração. Agora não era hora de investigar as coisas sem importância. No momento, o projeto era a coisa mais importante. Não importa o que aconteceu, o trabalho de Emily era exatamente isso - e merecia toda a atenção.

Emily pensou ter ouvido movimentos suaves. Além disso, ela teve a sensação desconfortável de que algo estava se movendo na escuridão. E logo depois ela ouviu um barulho estourando. Ela abriu os olhos, mas o mundo ao redor estava cheio de escuridão. As folhas das grandes árvores haviam desaparecido. Ela examinou a área

rapidamente, mas não havia nada além da escuridão. A luz que iluminara o pátio através das janelas estava completamente extinta.

Emily foi tomada pela incerteza. Ela sentiu o chão desaparecer e balançar sob os pés. Seu batimento cardíaco ficou mais rápido e ela podia ouvir seu pulso tocar nos ouvidos. Por um momento ela não sabia o que tinha acontecido. Houve uma falha de energia?

Este instituto possuía um gerador de energia e era repetidamente protegido contra falhas. O que foi necessário. De fato, no caso de uma falha de energia real, todas as colônias de células e vírus e as simulações controladas por computador estavam sujeitas à destruição.

E agora que todas as luzes se apagaram, ela não pôde deixar de imaginar o pior. Do outro lado da escuridão, talvez tudo já estivesse chegando ao fim... O projeto em que ela investira no último meio ano realmente deveria ter obtido um resultado sem precedentes? Todos os focinhos dessa escuridão total, que pareciam surgir do nada, deveriam ser levados para o próprio nada?

Os rostos de seus funcionários, com as menores mudanças, uma vez de alegria, outras de decepção, surgiram em seus pensamentos... E desapareceram novamente. Não, isso não era permitido! Ela tinha lágrimas nos olhos. Ela queria gritar e só podia se controlar, com dificuldade. Com as duas mãos estendidas, ela seguiu o caminho cautelosamente para frente. Ela queria ir até Rose.

O pé dela se enredou na raiz de uma árvore. Isso a deixou desequilibrada e ela tropeçou. Enquanto tentava recuperar o equilíbrio, ela bateu no tronco de uma árvore. O pátio interno, com sua base de apenas cinquenta metros, tornara-se um labirinto nesse eclipse total. No entanto, seus olhos se acostumaram às circunstâncias, e a silhueta vaga e enluarada da floresta ganhou forma lentamente.

Quando Emily sacudiu o galho que atingira sua testa com a pressão da mão, ela notou um movimento entre as árvores. Isso certamente combinava com os movimentos e a respiração audível de um ser vivo. Apenas um momento depois, ela congelou e pensou: não há animais selvagens no pátio?

Ela procurou desesperadamente pelos bolsos da jaqueta, mas não foi possível encontrar algo que pudesse ser usado como arma; a rigor, os bolsos estavam vazios. Por puro medo, suas próprias pontas dos dedos pareciam estranhas. Emily começou a se mover com cuidado, mas seus joelhos tremiam e ela tropeçou várias vezes enquanto seus pés afundavam na lama. Suas pernas se tornaram auto-suficientes, cada vez mais rápidas - e logo Emily começou a correr.

Um grito saiu de sua garganta ao encontrar uma silhueta diferente, e Emily correu para salvar sua vida... Ou melhor, suas pernas agitadas a levaram para longe dali. A fera notou o movimento apressado de Emily, quando iniciaram a perseguição.

*"Tenho que chegar ao instituto!"*

Por medo, Emily achou difícil pensar. Ela deu ordens às pernas descontroladas para continuar com toda a força. A lama espirrou e os galhos das árvores atingiram seu rosto como chicotes. Estresse, dor, medo e raiva... Tudo se foi. Emily não passava de instintos, saindo correndo da floresta. O prédio do instituto chegou mais perto. Apenas alguns passos restantes...

Mas então Emily parou de novo e tropeçou, caindo de barriga na lama. As paredes externas brancas do instituto refletiam a luz da lua e brilhavam fracamente. Emily estava agachada no chão cheia de terra. A sujeira estava pendurada em seus cabelos e penetrara até em seus sapatos.

Nas imediações de Emily, um cachorro corria empolgado. Sua respiração ofegante a atingia de vez em quando no pescoço, e às vezes baba morna pingava em seu rosto. O homem com o chapéu de malha que Emily uma vez sorriu. No brilho da parede branca, seu rosto estava inexpressivo, quase parecendo um modelo.

*"Está tudo bem? Você está machucada?"*

*"Você pode manter esse cachorro longe de mim!?",* Emily cuspiu.

Emily não conseguiu se acalmar ao ver o Doberman gigante, que estava andando por aí, fungando. Na escuridão, o cachorro parecia um pequeno dragão.

*"Você não precisa se preocupar, ele é um garoto esperto. Ele não irá machucá-la."*

Para Emily, no entanto, os modos do Doberman eram como se ele estivesse prestes a atacá-la, mas quando o vigia exigiu:

*"Tobi, deixe isso - Tobi!",* o cachorro se acalmou.

Emily se levantou, mas continuou a dar a Tobi um olhar de ansiedade. Ela se encostou à parede do instituto e suspirou.

*"Por favor, perdoe. Eu não esperava que ninguém estivesse no quintal"*

O guarda se desculpou e colocou uma trela no cachorro. Emily agarrou a lama que havia pegado em seus cabelos e a jogou para longe.

*"Nome?"*

*"Ha?... Bem, Tobi",* o guarda disse um pouco intrigado.

*"Não, seu nome."*

*"Ah...",* ele sorriu.

*"Meu nome é Simon. Simon Beach."*

*"Eu sou Emily Ran. Prazer em conhecê-lo."*

Emily estendeu a mão suja para ele, e Simon a agarrou com as duas mãos, pelo que o fim da coleira do cachorro caiu na lama. Tobi, agora livre de novo, começou a brincar de novo com os dois.

*"É uma honra, Emily."*

Emily observou Tobi e disse:

*"Segure a trela com força, Simon".*

Simon pegou a trela, mas o cachorro puxou com toda a força para que o guarda perdesse o equilíbrio e caísse. Surpreendente, ele se endireitou e sorriu com força.

*"Ele é um garoto esperto, acredite em mim. Só um pouco travesso."*

Emily assentiu e apontou com o polegar para o instituto.

*"Alguma ideia do que aconteceu?"*

*"Provavelmente uma falta de energia",* disse Simon. Havia um olhar de surpresa em seu rosto.

*"O que causou isso?"*

*"Bem... Eu não sei. Uma parte da Telecom parece funcionar de qualquer maneira."*

Isso significava que a energia não havia faltado completamente. Emily respirou fundo e olhou para o pátio. A visão de uma floresta fantasma desapareceu gradualmente, e o pequeno bosque de sempre retornou. As luzes do instituto ainda não haviam sido acesas novamente e a única fonte de luz era a lua iluminando as árvores. As folhas farfalharam.

*"A comunicação foi à loucura. Deve ter sido um acidente. Falou-se em um 'risco biológico'..."*

Emily não confiava em seus ouvidos. Mais precisamente, ela não queria confiar neles.

*"Um risco biológico..."*, ela sussurrou. Simon assentiu.

*"Foi o que ouvi. Mas o que foi exatamente? Acredito nas diretrizes que recebi quando cheguei aqui..."*

*"De onde veio a contaminação? Até onde ela se espalhou?"*

*"A vaca... a vaca jogada no tanque de água. Isso significa que foi infectada... Não estou informado sobre a situação atual, mas definitivamente há um caos. O relatório foi contraditório e, finalmente, fui enviado em patrulha no pátio."*

Ao pensar na vaca esfolada, Emily sentiu um arrepio. O vírus estava escondido nele? A náusea voltou.

*"O líder do grupo entrou em pânico. Se a vaca estava realmente infectada, deve ter sido outra pessoa! Ótimo... meu estômago não está nada bem"*, Simon agarrou seu estômago, incrédulo.

Emily começou a tremer.

*"Talvez o vírus... Se for esse o caso, as pessoas que moram aqui..."*

Ela fez uma pausa e olhou para o rosto de Simon, que inclinou a cabeça para um lado... *"todos morrem"*, ela continuou a frase em seus pensamentos. Uma tempestade de emoções e pensamentos ameaçou dominá-la. Ela os suprimiu com toda sua força de vontade e pensamento.

Relaxe. Pode não ser o vírus T. O risco biológico pode ter muitas variações. Também poderia ter desencadeado um vírus muito mais inofensivo. De qualquer forma, o projeto tem precedência sobre todo o resto.

*"Vou dar uma olhada no corredor."*

Ela foi até a parede, abriu uma porta e olhou para trás. A escuridão total a recebeu.

Até as luzes de emergência haviam falhado.

A escuridão profunda que encheu a passagem quase a alcançou. Ouviu um som dos alto-falantes no corredor. O pulso da Carmen. Emily gritou no corredor, mas não houve reação. Mas não era possível que a fonte de alimentação estivesse fraca em todos os lugares. Era impossível que toda a rede elétrica tivesse falhado. Alguns dos servidores teriam que permanecer intactos. O fornecimento de eletricidade que conectou Rose pode não ter sido interrompido...

Emily olhou para o corredor escuro. Como esperado, ela não podia ver nada. Foi assustador porque não havia nada para ouvir, exceto o som da Carmen. Eu realmente tenho que liderar o caminho? Ela se virou e olhou para Simon, que estava parado no quintal.

*"Você não precisa se preocupar. Veja o que eu tenho aqui."*, O guarda acenou com uma lanterna rindo como se tivesse notado a insegurança de Emily.

*"Eu quero ir para a sala das cápsulas"*, ela respondeu.

*"O elevador funciona?"*

*"Hm..."*, Simon hesitou.

*"Eu não aconselharia. Onde fica, quarto andar?"*

Emily assentiu. Simon parecia ter se lembrado de algo. Ele iluminou a parte de trás do pátio.

*"Há um machado em algum lugar, eu acho..."*

*"Tudo bem, Simon, vamos procurar."*

Emily fechou a porta e voltou para o pátio. Eles levaram o cachorro com eles e caminharam silenciosamente sob as árvores. Simon segurava a lanterna em uma mão e a trela à qual Tobi estava presa na outra. Emily agarrou-se ao colete e o seguiu com cuidado. Ela se sentia como uma criança assustada se escondendo atrás do pai. Mas, neste caso, era exatamente isso.

*"Isso me lembra algo - acho que ouvi uma música antes."*, Assim que Emily pronunciou as palavras, Simon parou abruptamente. O nariz de Emily quase perfurou suas costas.

Simon virou-se:

*"O que você acabou de dizer?"*

*"Você não ouviu a música? Pouco antes da falta de energia..."*

*"Não reparei."*, Simon coçou a cabeça com a lanterna.

*"Existem alto-falantes no pátio. A partir disso, a música penetra bem. Eu não percebi nada..."*

Emily olhou ao redor do quintal escuro. Era verdade, mesmo aqui havia um som fraco.

### **\*3 de outubro, 20:13; sala da cápsula do Rose\***

A sala quadrada parecia semelhante à sala de VR. O comprimento de todos os lados era de dez metros. Metade da sala estava ocupada por um enorme tanque. No chão, cabos serpenteavam. Em vez de um terminal de computador, no entanto, havia vários dispositivos de medição. No monitor que acompanhava, havia a imagem borrada de algo. À luz dos tubos, as paredes de concreto pareciam brancas brilhantes. Embora o som do motor da bacia soasse levemente, ele penetrou nos limites de toda a sala. Foi incrivelmente abafado. Como na sala de VR, não dava ventilação.

Richard Fuchs estava na sala. Ele estava sozinho e encostado na parede com os braços cruzados. Ele falou no microfone lá.

*"Isso deu certo?"*

*"Sim, absolutamente perfeito"*, alguém respondeu do alto-falante.

Embora os elogios tenham sido bons e agradáveis, ele não parecia feliz com a situação. Nenhum músculo de seu rosto se mexeu. O primeiro ato foi dominado, mas nada mais. Comparado ao que ainda estava por vir, o anterior era pouco mais do que uma pitada.

Ele engoliu a saliva que se acumulava com a tensão em sua boca, abaixou os braços e colocou a mão no coldre para sentir a Beretta dura e fria.

*"Agora, depois de passar pelo palco, me pergunto se era realmente necessário trocá-los. Se você quiser, pode assumir tudo aqui."*

*"Sim"*, soou no alto-falante.

*"É melhor, porém, se esse mal-entendido durar um pouco. Isso facilita nossas ações"*.

*"Uma manobra de distração. Essa conexão é segura? A conversa não é gravada pela Carmen ou como quer que o programa seja chamado?"*, disse Fuchs.

*"Não se preocupe. Existem alguns obstáculos. Mas tudo correu bem aqui. Bem até demais. Essa coisa de técnico em VR foi um pouco duradoura, mas por outro lado..."*

Fuchs pensou em todos os dias que investira para chegar lá. Ele sempre via os mesmos momentos em seus pesadelos. Desde aquele dia ele não conseguiu dormir. Uma onda de pessoas preto-avermelhadas apareceu em sua cama noite após noite. Eles o morderam em partes de todo o seu corpo. Ele sempre acordava suado, exaltado com uma dor indescritível. As injeções diárias contra o vírus T haviam perturbado seu sistema nervoso. Fuchs recebeu ordem de prosseguir com essa tortura - ele aceitou isso. No entanto, cada dia que passava o levava mais perto do seu ponto de ruptura.

O suor que descia em sua testa não se devia apenas ao calor sufocante. Os efeitos colaterais da vacina provisória frequentemente atacavam seu corpo. Então seus joelhos tremiam e ele sentiu uma vontade irresistível de se sentar... Ele puxou a pistola do coldre e pousou na testa. A frieza da arma era agradável.

*"Tudo está bem comigo também. De qualquer forma, você parece confiar em mim, Sr.Fuchs."*

*"Isso se enquadra na categoria igualdade de interesse. Somos apenas trabalhadores escravos para esses caras."*

*"Se você é feliz ou não, isso não importa. Trata-se de tornar o 'T' o best-seller global".*

*"Eu tenho pensado nisso o tempo todo. Você não poderia me dizer algo sobre o vírus T?",* Fuchs perguntou com uma voz trêmula.

*"Você sabe o suficiente... você já viu."*

*"Sim, e provavelmente nunca esquecerei... Mas, no final das contas, não tenho ideia do que é exatamente. A única coisa que sei é que é uma arma biológica da sua corporação."*

Fuchs afastou o dispositivo de metal grudado na testa, levantou a cabeça e exalou profundamente. O ataque diminuiu e sua condição corporal voltou lentamente ao normal.

*"O vírus-T foi criado 'acidentalmente' por um cientista. Quando entra no corpo, toma posse do sistema imunológico e o altera. O resultado dessa invasão é que o 'sistema humano' agora está ansioso para se transformar. Humano... A existência como tal é questionada. Os limites são embaçados, a percepção da morte desaparece. E um apetite irreal – um desejo – é despertado para eviscerar tudo o que existe no ambiente".*

Fuchs mordeu o lábio inferior. As imagens dos cadáveres em seus sonhos corriam ininterruptamente em sua cabeça, como um rolo de filme desenrolado em um loop sem fim. Ele agarrou a arma com tanta força que suas juntas ficaram brancas.

*"O sistema imunológico fica completamente destruído. O objetivo do tratamento preventivo da vacina é fortalecer o sistema imunológico. Portanto, é praticamente impossível desenvolver uma vacina que atue constantemente no 'T', ou é o que dizem".*

*"Mas...",* Fuchs começou e olhou ao redor da sala novamente. Seus olhos permaneceram no tanque enorme - a única coisa que existia naquele lugar desolado.

*"Sim, certo - graças a Rose, a situação mudou."*

O ar estava abafado e pesado.

*"Então aqui está Rose...",* Ele enfiou a arma no coldre e limpou o suor com o punho.

*"Entendo. Você quer conhecê-la com certeza, certo?",* dizia o orador.



*"Neste tanque?", Fuchs perguntou, apontando para a bacia de água.*

*"Sim... ela está lá."*

Fuchs olhou para o enorme cubo que tinha um lado de cinco metros de comprimento. À luz dos tubos de neon, ele parecia um cinza opaco.

*"Para o desenvolvimento de uma vacina, você prende um ser humano o tempo todo num lugar como esse!? Este não é o trabalho dos humanos, mas de bárbaros!"*

*"Os humanos são bárbaros. Sem pestanejar, os outros são linchados ou baleados no frio. Você até faz armas de destruição em massa para erradicar nações inteiras."*

Fuchs estalou a língua. Ele cambaleou perto do tanque, seu olhar permanecendo no monitor colocado acima dos medidores. A foto pálida na tela surgiu.

*"O que é isso? O filho ainda não nascido de Rose?"*

*"Isso não é um filho, Richard Fuchs. Isso é apenas um gráfico de computador, uma imagem simulada, uma cópia para experimentos de comparação. Se ela não simula tudo, não consegue dormir em paz".*

*"Emily Ran?"*

*"Para os experimentos, amostras que podem ser usadas a qualquer momento para fins comparativos são indispensáveis. Ela criou isso."*

Fuchs lembrou-se da mulher que estivera na sala de conferências. Seu cabelo curto e loiro escuro não enfatizava necessariamente sua feminilidade. A conversa mencionou que ela tinha uma filha. Fuchs acreditava na opinião de que as pessoas que trabalhavam na Umbrella estavam destruindo suas vidas de alguma maneira, como Ren Sprague, separando-as da vida cotidiana e profissional...

Por um lado ela era mãe de uma filha e, por outro, envolvida no desenvolvimento de armas de destruição em massa. Se a produção da vacina fosse bem-sucedida, o "T" se espalharia como uma mercadoria pelo mundo. Ou ela acreditava no discurso do médico que eles transformariam armas tão escassas em meros impedimentos? Como ela se sentiu com isso? Ou ela acabou de fazer seu trabalho sem pensar muito no resultado?

A vida dessa mulher provavelmente estava tão fora de controle quanto a qualquer outra. Ela falhou em ser mãe e, com o passar dos anos, seus ideais fugiram. Até um dia, ela se viu envolvida no desenvolvimento de armas devastadoras. Ela dera o nome de sua própria filha ao programa de IA escrito por ela. Até os prodígios estavam ficando mais velhos.

*"Essa mulher não é um gênio? Ela é esperta e me deixou esperto. Pode-se dizer que ela está por trás de tudo. Mas não temos nada a temer com isso", sussurrou Fuchs, inclinando-se contra o tanque.*

A voz do orador disse:

*"Não se preocupe, Richard Fuchs. Pretendo acabar com tudo hoje à noite. Mesmo que ela não deva sobreviver, isso não importa. Terminará em breve... muito em breve. Agora, o que você acha de conhecer Rose?"*

Fuchs colocou as duas mãos cautelosamente na escada presa ao tanque. Ele se lembrou das palavras de Sprague:

*"Ela dorme. Ela sonha."*

Uma menina dormindo em um caixão de aço. E como a princesa dos contos de fadas, ela vai dormir. Um sono profundo e longo. E ela está sonhando. - É noite nos seus sonhos?

*"O que você tem pensado o tempo todo desde então?"*, A voz perguntou do alto-falante.

*"Nada. Faturando, chocalhando, responsabilizando-os – não importa qual expressão eu uso. Meus pensamentos são sobre retribuição."*

Ele sobe no tanque. A escada de metal chiou sob a mão dele como um animal torturado, balançando duvidosamente a cada passo. Fuchs pensou em Raccoon City, que havia queimado intensamente naquele dia e em todas as pessoas desesperadas; ele não poderia ajudá-los então. Enquanto ele subia a escada passo a passo, todas as belas imagens passaram por sua mente. O mesmo acontece com a foto da menina quebrada na estufa.

*"Estou de volta, Rose. Esta é a sua liberdade e vingança também."*

Ele sentou-se lentamente no tanque e examinou a sala. A altura era mais impressionante do que ele imaginara. Se alguém pulasse descuidadamente, provavelmente quebraria um osso ou coisa pior.

*"Quão atrasado estou?"*, Fuchs disse.

*"São exatamente oito horas"*, a voz saiu do alto-falante depois de um tempo.

Fuchs assentiu e olhou para o topo do tanque. Havia algo que lembra uma tampa de bueiro. Ele estendeu os braços.

*"Vou abrir agora...!"*, suas palavras ficaram sem resposta.

Assim que a "tampa do caixão" foi aberta, ele foi recebido com um fedor intenso. Ele fechou os olhos e se preparou para o momento em que visse Rose. Ele abriu os olhos e petrificou. Ninguém estava no "caixão". Não havia sinal de Rose; em vez disso, o tanque estava cheio de água barrenta vermelha e levemente oleosa. Ele olhou e olhou para o fundo o melhor que pôde na luz de neon. Mas havia apenas esse líquido opaco enquanto a superfície flutuava levemente para frente e para trás.

*"Ela não está aqui!"*

Fuchs se encolheu na beira do tanque e gritou na direção do alto-falante:

*"Ei, o que está acontecendo? Ninguém está aqui! Onde está Rose?"*

Fuchs fechou a escotilha com um estrondo e parou no tanque. Ele não recebeu resposta.

*"Esse cara me enganou...?! O que está acontecendo aqui? Isso é uma piada?"*

Ele ficou furioso. Ele sacudiu a escada, o último passo, ele venceu com um salto. A torre piscou em vermelho; o quarto estava trancado.

*"Droga!"*

Fuchs começou a correr e chutou a porta com força. Do alto-falante na parede veio barulho. Nas profundezas do barulho, que soava como se alguém estivesse esfregando incansavelmente as mãos, ouviu-se uma voz sintética que produzia vocais estranhos; eles eram uma reminiscência de riso. Depois de um tempo, a música se desfez do alto-falante. Fuchs cobriu seus ouvidos. A acusação era tão alta que ele teve medo de estourar os tímpanos.

*"O que é isso? Já ouvi isso antes!"*

Um som como se algo estivesse voando pelo ar, soou, e a sala estava submersa na escuridão. No mesmo momento, o alto-falante ficou em silêncio e, de repente, ficou quieto.

Fuchs saltou contra o muro de concreto. Um calafrio tremeu em suas costas. Raccoon City estava em chamas. O cenário de que ele vira, gravado na frente dele.

Havia gotas de suor na testa. O poder em suas pernas diminuiu, ele tropeçou e caiu no chão. Tentando se recuperar, ele perdeu o equilíbrio e entrou em colapso. Deitado de lado, ele começou a se agachar no chão.

*"Droga",* ele disse, com a saliva escorrendo de um canto da boca ao outro.

*"O que eu faço agora?"*, sem deixar de observar o monitor, ele pega sua arma.

## Capítulo 3

Acabei de perceber que minha menstruação está atrasada. Que descuido da minha parte. Minha cabeça gira. Não sinto vontade de conversar com ninguém. Claro que também não com Frank. Continuo chorando cada vez mais no meu quarto sem ter uma ideia do que devo fazer agora. Da minha janela, olho para fora. Meus olhos e ouvidos oferecem impressões infinitas. O relógio, que só vai a uma direção, mostra inconfundivelmente como os dias passam irrevogavelmente.

Meu pai está deitado na cama. Seu corpo está inchado, quase rosado como um recém-nascido, e nos lugares onde a pele foi arranhada, a carne escarlate vem à tona. Não existe uma história em que as pessoas morrem depois que seus corpos se recusam a sair da cama? Definitivamente de Edgar Allan Poe. O título era "Máscara" ou algo semelhante, eu acho. Ele abre os olhos a cada quinze minutos e pergunta a hora exata. Ele reclama dos sintomas atormentadores e eu escrevo tudo em um papel.

*"Depois que eu morrer, leve isso com você e vá para a empresa. Se o fizer, poderá receber dinheiro - você sobreviverá",* ele diz.

Mesmo nessa condição, papai ainda dá confiança à empresa. Será que sobreviverá?

Quase não há recepção de rádio no meu quarto, então eu sempre ouço CDs de Mozart e Bruckner. Encho os dias vazios com música... Os sons que o corpo moribundo do meu pai produz estão ocultos. Se eu fechar meus olhos, só existem Mozart e Bruckner neste mundo. Uma pedrinha bate contra a moldura da janela de madeira.

*"Ei, Alma, aqui em baixo!"*

*"Alma, Alma, alguém está te chamando?"*, pergunta meu pai.

*"Agora não",* eu respondo.

- Não tenho permissão para sair. O generoso príncipe Próspero, a fim de escapar da praga que se espalhou por todo o país, transformou seu próprio palácio em uma fortaleza. Ele reuniu toda a saúde e organizou um magnífico baile de máscaras.

Foi na véspera da destruição. Vestes gloriosas cobertas de sangue... e um intruso usando uma máscara bizarra entrando furtivamente na companhia pomposa para selar seu destino. O primeiro correu para o intruso mascarado e arrancou a máscara dele. E lá estava ele... -

O título da história do livro que leio vem à mente novamente: A Máscara da Morte Vermelha.

*"Alma, desça! Apenas saia!"*, surge novamente a voz.

Quando olho pela janela na rua, vejo alguém lá, envolto em um cobertor, chamando a noite negra e profunda por mim.

*"Quem está aí?"*, Eu respondo suavemente.

*"Sou eu, Alex",* diz a figura bizarra.

Alex? Por que ele está vestindo um cobertor? Apesar do meu desconforto, visto o casaco e saio, como se já houvesse muito tempo desde que o fiz. Alex fica em um beco escuro, apenas a luz neon cai sobre ele. Ele está enrolado em um

cobertor e olha para mim. Apenas seus olhos brancos são visíveis, o resto do rosto permanece no escuro.

O cobertor é bordado com um padrão de margarida muito bonito. No entanto, como está rasgada, desgastada e suja em alguns lugares, você pode dizer à primeira vista que foi pego em algum lugar das ruas. Alex parece completamente ansioso e se torna tão pequeno quanto um cachorro que espera uma surra porque roubou uma linguça.

*"Estou sendo perseguido, eles dizem que estou doente!"*

Alex está muito chateado. Eu o levo a uma área da rua onde ninguém pode nos ver. O fedor de carne podre escapou debaixo do cobertor. Esse sofrimento é familiar demais para mim, porque meu pai também tem este mesmo cheiro. Eu coloquei a mão sobre sua cabeça e seu corpo treme um pouco.

*"Alma, me desculpe. Eu simplesmente não conseguia pensar em mais ninguém para quem eu pudesse ir."*

*"Você está sendo perseguido? Mas por quem?"*

Os olhos de Alex brilham na escuridão com ódio.

*"Aqueles caras... Arthur House... esses vigilantes STARS. Eles dizem que eu sou a raiz do mal e querem me expulsar do bairro".*

Em sua excitação, Alex gesticula enquanto fala e um braço desliza para fora do cobertor. A pele está parcialmente arrancada, a carne vermelha desamarrada. Como esperado, ele mostra os mesmos sintomas que o pai.

*"Mas, Alma. Estou muito doente! Para ondas de calor normais, é muito ruim, isso coça de um jeito muito intolerável. E quando me coço, a pele se dissolve imediatamente. No entanto, não dói, e não estou me sentindo muito bem. O que pode ser? Certamente seu pai saberia? Por favor, pergunte para ele por mim."*

*"Sinto muito, Alex, sinto muito. Não posso fazer nada. Meu pai também está doente. Ele tem o mesmo que você."*

Alex se inclina contra uma lata de lixo e olha para o céu.

*"Ah, está certo. Sim, você mencionou uma vez. Pelo menos eu acho... Minha memória está se tornando cada vez menos confiável. Eu não sei mais quem eu sou."*

Meu pai disse a mesma coisa.

*"É incurável, uma doença do diabo invencível criada por nós. Logo alguém virá me levar... mas... eu queria vê-la novamente antes disso."*

Em algum momento alguém virá e levará meu pai embora. Eu estava preparada para isso o tempo todo, mas até hoje ninguém veio e o corpo dele decai mais a cada dia. Sua personalidade também desaparece aos poucos. E agora Alex tem a mesma doença.

Não posso dizer a ele que é incurável... simplesmente não posso. Alex, sem dizer uma palavra, coça o braço e a pele faz barulhos carnudos que ecoam suavemente pelo beco. Ele ajeita o cobertor novamente e silenciosamente começa a chorar.

*"Por que isso aconteceu...?"*

Eu o abraço. Seu corpo sob o cobertor está brilhando quente. O cheiro de carne podre sobe no meu nariz. No entanto, eu também tenho que lutar contra as náuseas. O rosto de Alex é subitamente iluminado por um raio de luz e está brilhando vermelho escuro. Eu sigo seus olhos castanhos, protejo minha mão na frente do meu rosto e me afasto da luz brilhante. Raios de luz penetram nos meus dedos como um padrão de faixa de pedestres e queimam nos meus olhos. Vários homens de

jaqueta marrom aparecem com lanternas nas mãos, mas não consigo ver o rosto deles na luz de fundo.

*"Gente! Ele está aqui, venham aqui!"*

Alex me afasta e quer correr, mas tropeça nas próprias pernas e cai. Mais e mais figuras emergem da escuridão. Eles formam um círculo e nos cercam. Os tubos e canos de metal que seguram não são um bom sinal.

Arthur House sai do círculo, o cabelo loiro penteado para trás, os olhos azuis, o rosto afundado e antipático são inconfundíveis.

*"Você é... Alma Hartline? Está tudo bem? Ele fez alguma coisa com você?"*

*"Ele não me machucou! Por que ele iria? Nos deixe em paz!"*

Meus gritos passam despercebidos. Os rapazes se entreolham e alguém deve ter feito uma piada, porque de repente estão rindo. House é o único que fica sério e não faz careta.

*"Ele é seu namorado?"*

O rosto de Frank vem à minha mente. Ao meu lado, o Alex abatido começa a se contorcer de dor.

*"Não! Ele é apenas um bom amigo...!"*

House vem até mim e me olha com seus olhos azuis.

*"Sinto muito, mas... ele está doente. Temos que levá-lo conosco. Você ainda pode vê-lo depois."*

Eu quero gritar. Eu quero me revoltar.

*"Seu idiota! Eu não ligo se ele está doente, eu quero ficar com ele!"*

House vai até Alex, coloca a mão no ombro e assente.

*"Você vem voluntariamente, certo? Você tem que sair deste lugar. Se você ficar aqui, corre o risco de infectar todo mundo. Você não quer deixar sua namorada doente, certo?"*

Alex agarra a mão de House apoiada no ombro e morde o mais forte que pode. House se enfurece e bate nele.

*"Seu louco! Por sua causa, nós vamos ficar doentes...! Levem ele!"*

Alex começa a respirar alto, parecendo um animal selvagem. Mas, apesar de toda a resistência, ele é arrastado pelos vigilantes.

*"Pare! Ele não quer ir!"*

*"Me ajude, Alma!"*

Os gritos de Alex desaparecem no círculo de adolescentes. Só consigo gritar o nome dele, sem efeito. Alex mal é visível entre eles. Um dos adolescentes tira seu cachimbo de metal e o bate brutalmente. Um som abafado se espalha no beco, o som de metal e osso batendo um no outro. Alex uiva e começa a rolar, descoordenado.

*"Você tem que parar, por favor!"*

Eu me agarro à perna de House e imploro, mas não consigo ver seu rosto, fundido com a escuridão.

*"Assassinos!", Eu grito com o grupo de adolescentes vestidos de marrom.*

*"Cale a boca! Isso ainda parece humano para você?!"*

Alguém levanta os dois braços e grita. O número de sombras dos braços erguidos aumenta. Superado pela minha impotência, sento-me na rua. As sombras dançantes, com suas armas mortais, movem-se instáveis e vagamente. Eu assisto a cena distraidamente. Vozes raivosas e gritos de dor, o rugido de músculos dilacerantes, ossos partidos, estalos de tubos de metal e madeiras...

Os agressores violentos estavam em estado de intoxicação e o sentimento está rapidamente se transformando em histeria. A voz de Alex não pode ser ouvida pelo rugido furioso. Um dos adolescentes de repente parece notar alguma coisa.

*"Ele está morto..."*

Assustados, eles começam a se afastar de Alex. De repente, quase como se o corpo de Alex fosse explodir no meio deles, os vigilantes se espalharam de repente. Alex não está mais preso por eles e fica visível para mim; Apenas consigo olhar e chorar. Alex está lá como um trapo esfarrapado e suas pernas, que saltaram recentemente como um acrobata aéreo no skate, estão completamente torcidas. O cobertor que o cercava minutos atrás se fundiu com sua carne e sangue. Ele não parece mais um humano. Ele parecia mais um hambúrguer que era mastigado por lobos e atropelado em seguida.

*"O que você fez!?"*

House vira o olhar arrepiado e suplicante para mim.

*"Eu... eu não queria isso..."*

Meu olhar vagueia entre os olhos de House e o cadáver massacrado de Alex. Os jovens pálidos olham alternadamente para suas próprias mãos e para os rostos nervosos de seus companheiros.

*"Você viu Alma. Nós não queríamos isso."*

*"O que!? Eu deveria acreditar que você não queria matá-lo?"*, Eu me afasto devagar para trás.

*"Nós só queríamos ajudá-lo"*, House diz, sua voz trêmula.

Eu corro e deslizo para o interior da nossa loja. Fecho a porta atrás de mim, coloco uma orelha na madeira e ouço. Está quieto, muito quieto. Apenas o vento canta assobiando.

### **\*3 de outubro, 20:15; Sala da cápsula de Rose\***

Emily atravessou um amplo corredor. Chegou em frente à porta do alvo, respirou aliviada, mas se amaldiçoou por não praticar pelo menos um pouco de esportes de vez em quando, mantendo-se em forma. Mesmo que houvesse uma escada íngreme atrás deles que lhe trouxera quatro andares, ela não deveria estar tão sem fôlego agora. Simon certamente fazia exercícios todos os dias. Sem o menor sinal de exaustão, ele fez Tobi sentar. Emily observou a área circundante. E, enquanto ela tentava controlar a respiração novamente, um alarme soou.

*"Iniciação de contramedidas nível cinco no caso de contaminação biológica. Todos os funcionários devem seguir as instruções e manter a calma"*, a voz calma de Carmen soou.

Emily e Simon se entreolharam. Tobi uivou. De repente, algo - ou alguém - golpeou com violência do outro lado da porta em que estavam diante deles... e o ritmo cardíaco de Emily disparou abruptamente.

*"Provavelmente há alguém lá"*, disse Simon

Emily pegou a lanterna e inspecionou a porta. A trava eletrônica parecia estar fora de ordem. De qualquer forma, ter as chaves não adiantou nada.

*"Somente o diretor e eu podemos entrar aqui. Usando o reconhecimento de fala."*

*"Então o diretor deve estar lá..."*

*"Não faço ideia... mas parece plausível."*

Emily chamou a porta, mas ninguém respondeu do lado oposto. Ela usou a lanterna alternando da direita para a esquerda do corredor, mas sem conseguir iluminar o final do corredor com o feixe de luz. No fundo da escuridão, ela pensou ter ouvido um suspiro suave.

*"O que deveríamos fazer? Enquanto o sistema não funcionar novamente, não abriremos a porta",* ela perguntou.

*"Não devemos nos preocupar com isso.",* Simon tirou uma caixa preta da pequena bolsa pendurada na parte de trás do cinto.

*"É uma bateria portátil. É um utensílio necessário para todos os eletricitistas",* disse ele, notando o olhar interrogativo de Emily.

Simon pegou os dois cabos que saíam das portas, os desenrolou e enfiou as pontas nos dispositivos de encaixe ao lado do painel de controle. Ele girou a maçaneta por um momento e, alguns instantes depois, algumas luzes piscaram no painel de instrumentos que estava morto.

*"Por favor, funciona!",* Com a bateria portátil na mão, Simon se afastou e disse a Emily para operar o painel eletrônico. Ela bateu o dedo indicador quatro ou cinco vezes na lousa, que então acendeu.

*"Favor, fale ao microfone.",* comparada a Carmen, a voz parecia rígida e ainda mais modulada.

*"Emily Ran...",* Emily disse no microfone pequeno.

*"Voz identificada. A porta será aberta."*

Felizmente, a trava da porta não estava conectada à rede. Se fosse o caso e a solicitação de verificação de voz fosse do servidor, essa seria a última parada. A trava destrancou com um assobio suave do ar vindo da saída do compressor. Emily usou o dedo indicador para pressionar o botão para abrir a porta. A pesada porta deslizou para o lado e Emily apontou a lanterna para dentro da sala. A visão inesperada a fez recuar. Um homem grande com uma Beretta apontada para eles estava pronto para disparar diretamente para ela. *Ele apertou os olhos para se proteger do brilhante raio de luz.*

*"Richard Fuchs! O que ele está fazendo aqui?!"*

Emily congelou.

*"Ei, é você. Eu estava preso como um porco em uma cela."*

*"Como você chegou aqui?"*

*"Isso não é importante agora. O fato é que eu obviamente fui enganado.",* Fuchs saiu da sala em uma posição pronta para disparar e examinou o corredor.

*"Nenhum dos caras aqui pode ser confiável... Escória absoluta."*

Emily tropeça de costas para a parede. Ela tentou sorrir, mas seus músculos faciais estavam congelados e não a obedeceram. Suor frio escorreu por seu rosto e suas pernas começaram a tremer. Pelo canto do olho, ela assistiu a reação de Simon.

*"Senhor... acalme-se. Largue a arma. Deveríamos conversar em paz."*

*"O que você quer dizer?",* Fuchs balançou a cabeça.

*"Eu não confio mais em ninguém daqui, sem chance!"*

*"Largue a arma agora!",* Simon bufou naquele momento.

Fuchs olhou para a pistola, uma Glock. Simon de repente saiu do nada para desarmá-lo.

*"Droga...",* Ele rapidamente jogou a Beretta de lado com uma mão e estava prestes a atirar em Simon.



Emily deixa escapar um grito curto e explosivo. No mesmo momento, uma sombra negra saiu da escuridão, batendo na mão de Fuchs, gritando de raiva e caindo de volta para a sala. A Beretta escorregou da mão dele e deslizou pelo chão. Quando Fuchs percebeu que a sombra era um cachorro grande, agora rosnando e agachado sobre ele, ele exclamou com raiva:

*"Mantenha essa besta longe de mim!"*

*Simon apontou a arma para Fuchs.*

*"Mãos atrás da cabeça!",* ele chamou o cachorro

*"Tobi! Aqui!"*

*"Vá em frente, atire! Droga!",* Fuchs apertou as mãos nos punhos e pulou com raiva em Simon, que respondeu com um chute, derrubando-o no chão. Rápido como uma flecha, ele puxou as algemas e as enganchou em Fuchs com força.

Fuchs ofegou e gaguejou coisas incompreensíveis. Simon pegou a arma de Fuchs sem tirar os olhos dele. Emily passou por Fuchs até o tanque, subiu a escada e abriu a escotilha. Ela olhou para dentro para obter uma imagem da situação; a fonte de alimentação da cápsula não parecia estar cortada, o que foi um alívio.

*"Fuchs, você esperançosamente não entrou em contato direto com esta água barrenta aqui, certo?"*, Ela apontou a lanterna para Fuchs no chão.

*"Só para você saber, eu não levei Rose embora. Não havia ninguém no tanque desde o início."*

Emily silenciosamente desceu a escada.

*"Richard Fuchs... o que você fez aqui?"*

Fuchs cuspiu e berrou:

*"Fodam-se vocês novamente, tire essas algemas de mim!"*

Simon sorriu para ele e acenou com a chave bem na frente do nariz de Fuchs. Depois de um tempo, ele as guardou no bolso com um gesto de provocação.

*"Droga, essas coisas já estão me matando!"*

*"Eu quero saber o que você fez aqui."*

Fuchs se contorceu e gritou.

*"Para onde Rose foi? Ela foi embora? Ela ainda está aqui em algum lugar?"*

*"Fuchs...",* Emily olhou nos olhos dele.

*"Vou perguntar uma última vez..."*

*"Foi Selfridge",* disse Fuchs, cerrando os dentes.

*"Ele me trouxe aqui. Mas esse vagabundo tinha planos desde o começo para me trair. Ele me enganou!"*

*"Até onde eu sei, apenas eu e o diretor podemos entrar nesta sala. Como você conseguiu obter acesso?"*

*"Eu usei a gravação de antes",* respondeu Fuchs, hesitante e rouco. Sua voz soou estranhamente agitada para Emily, mas na escuridão ela não podia ver sua expressão. No bolso de Fuchs estava o gravador que ele usara durante a reunião. Emily apertou o botão play.

*"Christian Selfridge, Diretor de Gerenciamento deste Instituto de Pesquisa de Vírus... Ren Sprague, Diretor do Instituto... Emily Ran. Eu lidero o presente projeto..."*

As vozes eram compreensíveis. Emily falou imediatamente quando parou.

*"Entendo... Um plano bem elaborado, então."*, O dispositivo desapareceu no bolso dela.

*"Isso é extremamente sorrateiro. Isso não é apropriado!"*

No momento em que o sucesso de todo o projeto estava em risco, não se podia fazer mais do que usar qualquer método para tentar obter os resultados da pesquisa. Emily foi até a parede e verificou as telecomunicações.

*"Desligado, como esperado", ela suspirou, balançando a cabeça.*

*"As telecomunicações não podem ser controladas daqui. Carmen não reage, parece ser um problema em toda a instituição".*

Fuchs estava deitado no chão com dor. Ele pode estar chateado, mas parecia haver algo errado com ele também.

*"Você está bem?"*, Emily olhou para Fuchs, que assentiu fracamente e apontou o queixo para o monitor.

*"O que são essas fotos? Por que elas aparecem na tela mesmo que não haja energia?"*

Ele estava certo. Além da lanterna, o monitor era a única fonte de luz na sala. Na tela não estava a cidade em chamas de antes, mas um beco com uma imagem grotesca. Homens de uniforme marrom, nos quais "STARS" estava escrito, carregavam algo em uma tábua grossa de madeira pela rua arborizada parecido com uma cabeça de vaca. Um homem loiro de óculos de sol andava no meio e parecia liderar a marcha.

Quando Emily reconheceu o rosto dele, ela congelou de medo, e sua boca permaneceu aberta. Seu rosto ficou visível apenas por um momento, mas isso foi suficiente para identificar o homem como Ren Sprague, diretor do instituto. Pouco depois, a cena mudou e um ônibus cheio ficou visível. Emily olhou atentamente para a tela por um tempo, mas a sequência anterior não apareceu pela segunda vez. As imagens que estavam agora no monitor pareciam ter sido tiradas da perspectiva de uma pessoa. Os alto-falantes estavam obviamente quebrados, porque não havia som e a resolução da imagem era muito irregular, como a máquina de realidade virtual.

Os movimentos do povo eram agitados e a coisa toda a lembrava de alguma maneira de um teatro de marionetes mórbido. A partir dessa perspectiva, o interior de um vagão furioso do metrô podia ser visto. No entanto, como imagens aleatórias foram gravadas repetidamente, tudo se transformou em uma confusão que dificilmente poderia ser seguida. Surgiu a impressão de que a consciência da pessoa cujos olhos se via parecia um filme.

*"Tem que haver alguém mostrando essas imagens. A falta de energia, o surto do vírus e agora essas gravações. O tempo é perfeito demais. Não há praticamente nenhuma eletricidade, mas esse monitor funciona? Como resultado, esse quem toca essas gravações e quem causou a falta de energia devem ser a mesma pessoa", disse Emily depois de um tempo.*

*"Ou a falta de energia foi uma necessidade, para que o sistema tenha capacidade suficiente para fazer com que essas imagens apareçam. Ou talvez seja apenas uma manobra de distração para sequestrar Rose?"*

Nas palavras de Fuchs, Emily apenas deu de ombros.

*"Para reproduzir essas imagens você só precisa de uma quantidade muito pequena de eletricidade. Provavelmente o cérebro de tudo queria causar uma bagunça para levar ou destruir Rose. O que por sua vez o torna o principal suspeito, Richard Fuchs."*

Fuchs gritou com raiva:

*"Que bobagem! E Selfridge?! Ele estava pensando seriamente em vendê-la para outra empresa!"*

*"Na verdade, ele teria feito isso. E Rose teria sido uma lembrança apropriada que aumentara seu valor de mercado sem impedimentos. Mas, como não há evidências, não posso confiar em você depois que o pegamos aqui em flagrante."*

*"De qualquer forma, ainda não tenho nada para provar até agora."*

*"Ainda?"*

*"Eu vim aqui com um objetivo específico, admito isso. Mas deixei meus objetivos temporariamente em espera, porque estamos lidando aqui com uma situação excepcional. Se essa contaminação biológica se espalhar além dessa instalação, talvez consigamos outra Raccoon City."* Fuchs estremeceu com suas próprias palavras.

Emily assentiu. De fato, a principal prioridade agora deve ser de obter uma visão geral da extensão do desastre. Todo este problema seria perigoso e irresponsável para a vida.

*"Você também me deve respostas. Você não parece surpresa o suficiente para Rose desaparecer repentinamente. Você sabe alguma coisa? Selfridge não é o único suspeito. Você e todo mundo aqui são igualmente suspeitos!"*

*"Shh, quieto. Você ouviu isso?"*

Uma voz barulhenta soou bastante longe na escuridão. Emily olhou para a silhueta sombria de Simon, que acariciou o cachorro agitado, e apontou a lanterna para ele. Ela podia ver uma pitada de medo em seu rosto.

*"O que houve?"*

*"Eu ouvi barulhos estranhos vindos da sua direção. Tem alguma coisa aí?"*

*"Ah!",* Simon gritou de repente e tocou seu quadril.

*"Meu rádio. É meu rádio! Alguém está falando!"*

Emily correu para Simon. No estalo da estática, ouvia-se fracamente uma voz masculina.

*"... tem alguém... eu... Robert Prasch está falando... CQ, CQ... tem alguém?"*

*"Espere",* disse Emily, entregando a lanterna a Simon e pegando o rádio.

*"Robert Prasch? Sou eu, Emily Ran. Você pode me ouvir?"*

Sr. Prasch - Emily lembrou o rosto flácido e sem expressão do magro assistente de pesquisa. Ele não era um homem com quem faria amizade, mas agora, em uma situação tão desesperadora, ela de alguma forma ansiava por esse sujeito impertinente.

*"Você está machucado? Espero que nada tenha acontecido com você?"*

*"...o diretor... agora está na sala de controle... sistema de reparo..."*

A estática se tornou mais e mais forte e as palavras se tornaram cada vez mais um sussurro. Emily pressionou o rádio no ouvido.

*"O diretor, ele está machucado?"*

*"Sim... agora procurando sobreviventes não infectados..."*

*"E Christian Selfridge? Você o viu?"*

Emily observou Fuchs à distância enquanto ouvia o rádio. Ele parecia encarar o cachorro, mas não conseguia ver a expressão do rosto.

*"...st..."*

*"Prasch? Robert Prasch? O que está acontecendo? Eu não escuto mais você! Responda!"*

*"Com licença. Deixe-me ver."*, Simon prendeu a lanterna no cinto e pegou o rádio.

*"Quebrou?"*

*"Não, simplesmente não funciona bem aqui. Os guardas estão usando o rádio apenas ao ar livre. Para evitar a escuta ilegal do lado de fora, o instituto é construído de modo que as ondas de rádio são quase impossíveis de serem alcançadas. Então você usa as telecomunicações baseadas em cabo no prédio, certo?"*

*"Certo..."*

*"Então isso significa que, enquanto o sistema não funcionar novamente, não aprenderemos nada sobre a situação geral"*, murmurou Fuchs no escuro e lutou com as algemas.

*"E o que fazemos agora?"*

*"Se não entrarmos em contato, estaremos por conta própria. Prasch disse que Sprague estava na sala de controle. Então, vamos para lá."*

Emily abriu a porta e olhou para o corredor. A escuridão parecia interminável.

*"Antes de seguirmos em frente, tenho um pequeno pedido: tire essas algemas de mim"*, sussurrou Fuchs no ouvido de Emily.

*"Isso não vai acontecer."*

*"Você tem alguma idéia do que nos espera no escuro? Vocês dois podem me proteger disso? Eu não sei se você entende isso, mas eu gostaria de cuidar de mim! E não se preocupe, eu não vou causar problemas também."*

*"Quem disse que estamos em perigo imediato? Como gerente, não posso deixar uma pessoa suspeita como você fugir."*

Fuchs agarrou a cabeça teatralmente com as mãos algemadas.

*"Mulher de nariz empinado. Você pelo menos vai me pegar pela mão e me guiar?"*

Um momento depois, Fuchs notou Simon, que se levantou e caminhou em sua direção, recuando instintivamente.

*"Ei, eu disse para você não ficar muito perto de mim!"*

Simon ignorou suas palavras, acenou com a lâmpada e riu:

*"Eu vou orientar você."*

Emily se virou e olhou para o tanque de Rose uma última vez. No monitor, havia agora inúmeras fileiras de sepulturas.

## Capítulo 4

Entre as revistas antigas, há uma cuja capa que mostra uma coleção de soldados e a bandeira americana. Um deles segura o mastro da bandeira, enquanto seus companheiros se aglomeram ao seu redor levantando os braços para alcançar o mastro. Eu já vi isso em imagens da Segunda Guerra Mundial antes. O vovô me mostrou e disse, com uma risada:

*"O povo americano pensou primeiro que estava vendo na foto os soldados que apenas jogaram a bandeira da vitória no chão e agora a endireitam e comemoram. Mais tarde, no entanto, descobriu-se que realmente havia sido uma bandeira caindo e todos pularam para segurá-la. As pessoas ficaram desiludidas e decepcionadas. Na realidade, ambas não eram verdadeiras. Você entende?"*

Quando balancei a cabeça em desaprovação, o avô continuou:

*"Foi discutido se a bandeira caiu ou foi levantada. Era apenas uma foto e um momento congelado, parado no tempo, que nunca muda novamente pela eternidade. O tipo de movimento como você pode ver, está totalmente parado. E por trás disso está um vazio total. Sabe, Alma, isso é uma coisa importante. A decisão não é o conteúdo da história, mas a narração de uma passagem. Não são os fatos históricos que importam, mas as circunstâncias de como uma história é apresentada e o que ela faz na mente das pessoas".*

A procissão que passa do outro lado da janela me parece tão surreal, como se a janela fosse apenas uma tela dando um presente fictício. Sinto que estou em uma casa de espelho vagando sem rumo. Ao anoitecer, os jovens marcham pela rua com suas jaquetas marrons. Quatro deles carregam uma grande placa retangular sobre os ombros, sobre a qual algo preto e vermelho - uma cabeça de vaca...? Bem ao lado dele está alguém segurando uma grande bandeira branca que diz: NESTA CIDADE, UMA DOENÇA TERRÍVEL ESTÁ SE ESPALHANDO!

A marcha para na estrada principal. À noite, quando está envolto em luz laranja, a rua que já parece mágica, hoje está especialmente bem mais. Grupos menores de pessoas assistem a ação à distância. As janelas voltadas para a rua estão abertas. As pessoas olham para fora de seus quartos para descobrir o que está acontecendo. Eu me escondo atrás de uma cortina para não ser vista, observando a agitação através de uma fenda. Arthur House sai do grupo e segura um megafone na boca:

*"Neste bairro, uma doença terrível está se espalhando. É uma doença realmente ruim. Ela vem com sintomas indescritivelmente horríveis. A pele empalidece e você logo se parece exatamente com esta vaca aqui... devo dizer a vocês a terrível verdade: transmissível... Altamente contagiosa... Pense nos outros moradores deste bairro! Vá imediatamente ao hospital assim que notar sintomas. Acredite em mim, esta é a única maneira de impedir que se espalhe ainda mais... No entanto, também existem pessoas que abrigam os doentes. Eu posso entender isso muito bem. Ficar longe de pessoas que eram parentes ou amigos é uma provação terrível. Mas, meus queridos cidadãos, nós devemos compartilhar e superar essa dor juntos. Todos estamos igualmente expostos ao risco de infecção. A tragédia pode atingir qualquer um de nós. Juntos temos que enfrentá-la com determinação. Não podemos nos render ao pesar... Também podem haver pessoas*

*que não têm dinheiro e, por isso, não podem pagar um tratamento. Fale conosco sem hesitação. Nós vamos cuidar de tudo..."*

...e matar os infectados! Eu me agarro à cortina e os amaldiçoo suavemente para mim mesma. Você os matará como matou Alex! Todos eles vão morrer! Meu pai, eu, todo mundo!

Há um rugido alto lá fora. Uma mãe escuta seu filho gritando por socorro, ela o guia pela mão e puxa o filho em direção ao grupo... Ambos choram, ninguém poderia culpar a mãe. O destino sujo de Alex volta à minha mente e eu não consigo entender meus sentimentos. Um amigo foi assassinado diante dos meus olhos e eu não era capaz de fazer nada além de chorar!

Penso no meu pai e tenho que admitir que, em algum lugar do meu coração, desejo que alguém o leve. Preocupação e esperança são os dois lados da mesma moeda, porque ambos contêm incerteza.

Existem algumas manchas vermelhas nas bochechas da criança. O começo da morte. A criança é levantada, diretamente atrás da vaca. Sua mãe aperta as duas mãos sobre a cabeça e, chorando alto, assiste os outros eventos à distância.

*"Meus queridos cidadãos, ajam com coragem. Não temos muito tempo. Por favor, sejam compreensíveis..."*

Gradualmente, as portas da frente se abrem ao longo da rua, e os segredos escondidos desse bairro vêm à tona. Seguindo o exemplo da mãe, os pais trazem seus filhos doentes para fora. Muitos pacientes são levados em macas, alguns vêm por vontade própria, outros contra ela, e todos se reúnem perto da vaca morta. As pessoas começam uma multidão de lamentos, soluços altos e choro ecoam pela rua. A voz de Arthur House está se tornando cada vez mais instável. Ele parece ser dominado por toda a cena. A voz amplificada pelo megafone agora perdeu seu poder e soa apenas como uma brisa suave.

Os sentimentos se espalham mais rapidamente do que qualquer doença contagiosa. Neste momento, a rua parece um lugar de maravilha. Os reunidos aqui são unidos por sua culpa em comum e o sentimento resultante de comunidade lhes concede absolvição. Eles ficam lá chorando e soluçando, ombro a ombro e o sol poente os sombreia no asfalto. Uma pintura laranja. A bandeira branca tremula ao vento. Quer esteja sendo levantada ou caindo, ninguém sabe exatamente.

Observei a rua e meus olhos notaram aquela mulher sem rosto. Ela fica lá e parece estar procurando alguém. Ninguém a nota. Abro os olhos para vê-la melhor, mas de repente ela se foi.

A noite surge, a escuridão chega. E com isso o silêncio. A rua parece ter adormecido, mas é claro que ninguém dormirá hoje. Eu fecho meus olhos. As pessoas esperam em suas casas imóveis, ficam acordadas em suas camas e, em suas mentes, fogem das imagens trágicas de seu futuro. Eu ouço um barulho no corredor e abro os olhos. Eu ainda me agarro à cortina. Assustada com o som, pego o "pacificador" deitado na cama e abro suavemente a porta. O corredor está escuro. Em um canto, bem ao lado da escada, algo vermelho se aproxima, levantando a cabeça e sorrindo para mim atormentado quando me aproximo.

*"... Alma... seu pai também tem que ir agora."*

*"Onde...?"*

Ele balança a cabeça.

*"Tudo bem... Alma... Se apegar à vida em tal estado... estaria errado... contanto que ainda haja uma centelha no seu coração... eu tenho que fazer o que*

*é necessário... eu estou com medo, sabe? Às vezes não nos damos mais bem... às vezes... eu quero te comer... comer tão terrivelmente..."*

O pé da escada parece uma entrada escura e oca. Eu estou enraizada no lugar e assisto em silêncio enquanto meu pai rosna, suas pernas rastejando pelas escadas. Quando chego a mim mesma, corro até ele e o agarro pelos dois ombros.

*"Não faça isso! A doença é incurável! Eles vão te matar!"*

Meu pai me agarra pelo braço e me sacode.

*"Pare!"*

Eu me solto e grito. Minha própria voz parece como se eu estivesse me ouvindo de longe. Meu pequeno mundo está subitamente sem tempo, completamente fora do comum, de modo que sinto que estou em um pesadelo que não termina. O rosto sem pele dele sorri para mim.

*"Você vê?"*

Minha mão aperta o Pacificador cada vez mais firmemente. Existe um vazio completo em minha cabeça e não consigo pensar com clareza; exceto que o corpo do meu pai brilha vermelho no corredor escuro - vermelho, vermelho...

Afasto-me dele, abro a porta e sigo para a rua em direção às pessoas reunidas lá.

### **\*3 de outubro, 20:45, Corredor do Instituto de Pesquisa\***

Depois de sair da sala de cápsulas da Rose e caminhar cerca de dez metros, Emily parou e segurou os outros dois.

*"Espere. Tem algo lá fora..."*

Na frente deles, a uma distância de quatro ou talvez cinco metros, parecia ser um ser humano. Simon apontou a lanterna para o local em questão e uma silhueta humana apareceu na escuridão. A essa distância, ela parecia pequena demais, quase como o contorno de uma criança; mas era a voz de um homem adulto fazendo barulhos ecoantes.

*"Está tudo bem? Você está machucado?"*

Simon deu alguns passos em direção ao homem, mas Tobi, o Doberman, gritou e aparentemente queria detê-lo. O homem vestia um jaleco branco. Ele estava coberto com algo que poderia ser sangue e as manchas enegrecidas eram como um padrão de camuflagem. Um leve cheiro levantou o nariz de Emily. Ela instintivamente recuou alguns passos. Seu coração começou a bater mais rápido.

*"Você machucou suas pernas?", Perguntou Simon.*

As pernas do homem estavam em um ângulo estranho, pois ele estava de joelhos, o que o fazia parecer tão pequeno. Ele não respondeu e não disse nada por conta própria. Apenas sua respiração era muito violenta. Simon deu mais alguns passos em sua direção. Tobi tentou voltar atrás. Simon, no entanto, puxou a corrente com um poderoso puxão, o que causou um barulho alto, e corrigiu o cão bruscamente. Houve um som, como se alguém estivesse arrastando carne pelo chão. O homem pôs em movimento e agora se aproximava passo a passo. Emily olhou fixamente para a escuridão. Seu sentimento desconfortável logo se tornou realidade e a figura sombria mostrou suaverdadeira face. Emily ficou arrepiada por todo o corpo. O homem não tinha pernas. Ele puxou a pele e a carne que caíam dos joelhos atrás dele. Um humano ainda poderia andar nessa condição com os tocos das pernas?

De repente, ela se sentiu tonta. Ela perdeu o equilíbrio e colocou uma mão na parede. Se não fosse por isso, ela teria caído no chão.

*"Não! Simon fique longe! Esse cara é..."*

Naquele momento, o homem pulou em Simon, quase como um gafanhoto.

A lanterna caiu da mão de Simon e rolou no corredor. As paredes refletiam a luz rotativa como se estivesse sob uma luz estroboscópica. Simon foi derrubado pela força do ataque. Ele caiu de bunda, gritando e lutando, mas o nódulo preto nojento de um humano em cima dele não o deixou em paz. Tobi pulou e mordeu o braço do homem. Os dentes do Doberman e seus fortes músculos da mandíbula quase arrancaram seu braço do corpo. Mas a vítima agiu completamente impressionada com isso e se agarrou firmemente a Simon. Gritos de dor ecoaram pelo corredor. A luz fraca da lanterna, ainda se movendo levemente no chão, iluminava o agora imóvel Simon, cujo rosto estava cheio de sangue. O nódulo preto continuou a se encolher acima dele, fazendo movimentos de contração.

Tobi estava ofegando em voz alta e suas garras arrastando pelo chão emitiram um som estridente de pânico. O fedor rançoso estava no ar e, momentos depois, o corredor foi recebido com o gemido estridente de Tobi. Da posição de Emily era impossível ver exatamente o que estava acontecendo.

*"Ajuda, faça alguma coisa!",* Gritou Emily na direção de Fuchs, ele estava encostado na parede perto dela.

*"Eu sinto muito",* seu rosto só podia ser visto vagamente na escuridão.

*"Por favor..."*, Emily deu um tapa na gola dele.

*"Você esqueceu? Eu tenho algemas. E ele tem a chave! Então, o que eu poderia fazer exatamente?"*

De perto, ela percebeu que seu rosto estava pálido.

*"Está acontecendo de novo... Raccoon City se repete!",* Fuchs ofegou com uma voz trêmula.

Emily soltou Fuchs e empurrou o homem para longe. Então ela se aproximou de Simon com passos trêmulos. Tobi estava deitado ao lado de seu mestre no chão e também parecia estar gravemente ferido. De ambos os corpos havia sangue derramado. O homem ainda estava agarrado a Simon, que havia acabado de recuperar a consciência e começou a gritar novamente. O que devo fazer? O que eu posso fazer?! Emily olhou para o homem em pânico. Isso é uma piada de mau gosto! Por que isso acontece comigo, de todas as pessoas, tinha que ser eu? Ela rastejou lentamente até as costas do homem e agarrou um canto do casaco branco manchado de sangue. De coração acelerado e ansiosa, ela puxou.

Nada. E agora? Ela puxou o casaco novamente, desta vez com mais força. No mesmo momento, o homem se virou rapidamente como se tivesse uma mola dentro dele e se lançou contra Emily. Afastada pela força, ela bateu a nuca contra a parede e caiu. A voz que saiu de sua garganta não poderia ser sua, pensou. Ela pegou o rosto do homem com as duas mãos, tentando desesperadamente afastá-lo.

Seus olhos estavam completamente torcidos, brilhando brancos como a neve. Por trás de seus lábios parcialmente rasgados, ela viu os dentes ensanguentados e à mostra, que ele tentava incessantemente afundar nela. As palmas das mãos de Emily estavam pressionadas contra as bochechas do homem, e seu rosto estava assustador. A pele dele mudou sob os dedos dela, descascando um pouco da carne, como uma fruta madura demais.



Rachaduras se formaram em seu rosto. O homem inclinou-se cada vez mais sobre Emily, a cabeça ameaçadoramente perto do rosto dela. Então ela cerrou os punhos como se estivesse possuída, a carne de suas bochechas firmemente envolta nela, e rasgou vigorosamente fazendo com que ele parasse.

Suas bochechas pendiam apenas em algumas fibras e a pele estava rasgada até as orelhas. Os músculos expostos se contraíram, seus dentes bateram. Emily olhou para o rosto dele. O olho direito dele havia voltado para trás e ela viu uma pequena pupila em uma íris azul translúcida. O olho estava molhado. De sua boca jorraram sons incompreensíveis.

Ele gritou. Era o comportamento de um homem primitivo. Talvez ele tenha gritado todos os seus pensamentos subconscientes, um acúmulo final de sua vontade contra sua consciência destruída. De seu olho direito, de repente, um líquido preto opaco estava escorrendo e pingando no rosto de Emily. De repente, o corpo voou para o lado.

*"Seu monstro!"*, Fuchs gritou. Ele o chutou como um jogador de futebol, chutou novamente quando o corpo foi lançado voando pelo chão em uma posição curvada.

*"Morra, monstro!"*

O corpo deslizou pelo chão novamente para a próxima parede. Fuchs se abaixou para pegar a lanterna e a segurou estendida. Ele apontou o feixe de luz para o homem.

*"Bem, o que aconteceu com suas pernas? Seus amigos mordiscaram você, hein? E agora você quer comer as minhas?"*

O feixe de luz direcionado ao homem dançava um pouco para cima e para baixo. E não apenas as mãos de Fuchs, sua voz tremia e soava com medo, o que não combinava muito com suas palavras sarcásticas.

*"Venha e prove!"*

O homem tentou novamente ficar de pé sobre os tocos das pernas, mas caiu e mudou de ideia. Então ele começou a engatinhar na direção de Emily e Fuchs. Um estrondo alto voou pelo ar quando o sangue saiu do peito do homem. Ele caiu de costas, mas ainda tentou se levantar rapidamente.

*"Eu lembro de você..."*

Emily se virou. Simon se levantou e segurou sua Glock na frente dele. A quantidade de sangue coagulado em sua cabeça, pescoço e ombro manchava todo o lado esquerdo. Ele deu alguns passos longos em direção ao homem.

*"Eu me lembro dele. Ele me convidou para jantar. Ele era um cara legal."*

*"Atire na cabeça dele, isso vai matá-lo!"*, Fuchs gritou para ele.

Simon se virou e olhou para Emily. Sua expressão era difícil de interpretar na semi-escuridão, mas ele parecia estar rindo e chorando ao mesmo tempo.

*"Isso não é mais humano. Você não pode mais fazer nada por ele agora"*

Ao ouvir a última frase, ele apontou para o homem e esvaziou tudo o que restava do pente. O homem não se mexeu mais e ficou quieto. Fuchs riu - uma risada estridente e rouca.

*"Isso é uma tragédia, realmente ótimo. De verdade! Ah, então deve haver caras legais aqui? Todos aqui não são nada além de malditos patifes".*

Ele foi até o homem imóvel, cutucou-o com a ponta da bota e ofegou com desdém:

*"E isso vai para a conta da sua empresa!"*

Emily sentou no chão, de costas contra a parede e incapaz de se levantar. Quando ela abriu o punho, encontrou nela as bochechas rasgadas do homem... Elas pareciam papel molhado.

### **\*3 de outubro às 21h35; Departamento Médico\***

Emily e Fuchs levaram Simon ao departamento médico no terceiro andar para cuidar de seus ferimentos. Desde lesões cotidianas, como um corte no dedo, até doenças graves que exigiam cirurgia, era possível cobrir a maioria das necessidades médicas neste local. Para esse fim, tudo foi construído de forma espaçosa e mobiliado de forma abrangente. Eles foram preparados para as mais diversas situações. O departamento médico ocupava um terço de todo o andar. Uma superfície medindo cerca de cinco metros acima foi dividida em três áreas quase iguais. A sala de operações ficava nos fundos da sala. Para garantir sua esterilidade, foi separado por uma parede espessa entre as outras duas salas. Nesta parede estava embutida uma enorme porta de segurança. Na seção do meio ficava a sala onde havia prateleiras para medicamentos e cinco camas para qualquer paciente. A divisão da sala era feita por divisórias giratórias. No momento, nenhuma das divisórias era usada e a sala parecia um corredor. Bem na frente estava a sala de tratamento.

Emily estava sentada em frente ao terminal e às telecomunicações, instaladas em sua própria área. O lugar estava envolto pela escuridão e dali ela não podia ver a estação. O silêncio foi inacreditável, também havia um forte cheiro de droga no ar.

Simon deitou em uma das camas no "quarto do paciente" e respirou pesadamente. Tobi, deitado debaixo da cama, havia enterrado a cabeça entre as pernas da frente. Era óbvio que o cachorro não podia mais ser ajudado. Sua respiração ficou visivelmente mais fraca e seu corpo às vezes tremia por fortes câibras. De um lado, uma grande ferida. A cintilante luz azul e branca do monitor iluminava o lado rasgado e as entranhas rosadas do cão, que ameaçavam se espalhar. Fazia apenas meia hora desde o ataque e, com sorte, eles não haviam mais sido infectados. Se isso acontecesse, Emily dificilmente teria a chance de chegar ao departamento médico junto com o Simon gravemente ferido.

Ninguém disse uma palavra. Mesmo o rádio transmitindo um ruído estático, Emily de alguma forma conseguiu alcançar Robert Prasch e pedir para ele vir aqui. Então Emily afundou na cadeira exausta e cada um deles parecia profundamente pensativo. A conclusão de que a epidemia havia afetado toda a área do instituto era óbvia. Então o vírus que se espalhou foi o vírus-T.

Tudo parecia sem esperança. O pânico e o desespero dominavam os pensamentos de Emily. Com olhos inexpressivos, ela seguiu a ação no monitor. Dos alto-falantes, que anteriormente não tocavam nada além de ruído, vozes e sons que correspondiam às imagens mostradas. Parecia que não havia fim para os infectados. Foi meio assustador.

Na maioria das vezes, o monitor mostrou massacres brutais. No contexto de uma cidade em chamas, as pessoas se reuniam e depois se deliciavam com os corpos. Estes, por sua vez, se levantaram novamente depois de um tempo e morderam aqueles que estavam passando por eles. Eram cenas indescritíveis e bestiais.

*"Todos podem ser eventos reais", Emily murmurou mais para si mesma.*

*"O que?", Fuchs que estava cuidando de Simon se virou.*

*"Essas fotos... No começo, eu estava convencida de que elas eram ficção. Mas elas podem mostrar a verdadeira cidade de Raccoon. Há infectados que querem chegar até nós agora. Com essa hipótese, de repente, tudo faz sentido, certo? Eles jogaram a vaca em nossa piscina e espalharam o vírus. Ao mesmo tempo, eles nos mostram essas fotos. É assim que eles querem nos ensinar uma lição."*

*"Raccoon City não era seu trabalho, era?"*

*"Eu também sou funcionária da Umbrella", Emily balançou a cabeça.*

*"Uma funcionária da Umbrella...", na voz de Fuchs, havia um toque indefinível de reflexão.*

Um monólogo estranho saiu bruscamente dos alto-falantes. Era a voz artificial de Carmen que, no entanto, ela diferia um pouco do tom familiar. De alguma forma, parecia ressoar com uma espécie de vontade. Emily sentiu um calafrio na espinha.

*"Ei, quem está aí? Se você não é uma pessoa infectada, responda imediatamente!", Simon chamou com voz rouca, apontando a arma para a porta.*

A porta de entrada foi aberta com força e uma grande figura humana preencheu a moldura da porta. Foi uma pessoa extremamente massiva que levantou uma mão para proteger os olhos do raio de luz que estava sendo direcionado para o rosto deles.

*"Pare! Mais um passo e eu atiro!"*

*"Não! Não atire! Eu sou humano!"*

*"Kinuta !?", Emily exclamou, pulando inconscientemente.*

*"Chefe?!", o rosto familiar brilhou através da visão de Emily.*

Simon abaixou a arma em alívio e caiu de volta na cama. Ele respirou fundo. Quando Kinuta percebeu que estava realmente lidando com Emily, ele entrou correndo na sala.

*"Você machucou sua perna?"*

*"Sim, tropecei quando estava na frente dele. Estou envergonhado."*

*"Na frente dele?!"*

*"Bem ...", Kinuta olhou para a porta.*

A silhueta de um homem alto e de ombros largos apareceu. O mostrador brilhante de seu relógio flutuava como um verme na escuridão. Seu corte levemente reconhecível e sua característica linguagem corporal revelaram imediatamente que era o líder da equipe de segurança dos guardas, Ulysses Allam. Ele segurou a submetralhadora, que estava pendurada em uma alça de ombro, e colocou firmemente no lugar e olhou ao redor da sala atentamente. O rosto de Kinuta estava cheio de horror.

*"Kinuta, eu não disse para você não correr sozinho? você quer morrer?", Allam espalhou um forte cheiro de sangue.*

*"Fique fora, seu assassino!", Kinuta gritou enquanto corria para o quarto do paciente. Emily ficou em silêncio e voltou-se para o monitor. Havia uma horda de zumbis furiosos cercando um menino pequeno e mutilando-o. Foi uma bênção que a qualidade da imagem fosse muito baixa, mas Emily desviou o olhar antes de ficar doente.*

*"Eu me deixei levar apenas pelo trabalho e pelas circunstâncias. Não entendi, não sabia nada e não queria saber de nada. Alinhei-me com o mundo da simulação. Isso é tudo".*

*"Não reclame, você não é diferente dos outros. Um espantalho não tem vontade própria. Deve apenas manter os corvos afastados. Eu também não sou muito melhor."*

Fuchs deu alguns passos em direção a Emily e passou as mãos algemadas sobre a caixa e a tela. Bem onde seu dedo indicador parou, um homem mordeu alguma coisa. Quase parecia que o zumbi estava tentando arrancar o dedo de Fuchs através do monitor. Simon se endireitou.

*"Calma. O rádio está respondendo... eu acho. Há alguém por perto."*

Fuchs olhou para a porta da sala de tratamento. Emily rapidamente alcançou a lanterna e a apontou para a porta. Ambos se retiraram instintivamente e lentamente para o quarto de Simon. O barulho estridente do rádio enviou os cabelos do pescoço para cima. Alguém estava perto. Talvez Prasch? Outra pessoa ou outra coisa?

*"Foi embora..."*

Emily apontou a lanterna para o rosto de Allam. Allam apertou os olhos e sorriu com desdém. Ele foi para o canto da sala até a cadeira onde Emily havia se sentado e sentou-se nela. Seus movimentos pareciam um pouco descoordenados e desajeitados, como se ele estivesse sendo guiado por fios pendurados no teto. Com uma parte amassada próximo de sua cabeça.

*"Uma lanterna, exatamente o que eu estava procurando",* disse Allam, estendendo os dedos. A mão dele balançou à luz da lanterna, como se quisesse equilibrar a luz.

*"O que?"*, Emily ficou perplexa.

*"Dê para mim. É para nossa segurança."*

*"Chefe, não! Ele é um demônio que indiscriminadamente mata pessoas!"*

*"Tudo o que eu estava procurando era luz."*, Allam levantou a arma e sua boca brilhou no raio de luz. Emily engoliu em seco.

*"Você vê isso?"*

*"Você quer me matar por uma maldita lanterna?!",* ela gritou na cara dele.

*"Um inseto trabalha para o benefício de todos, não me leve a mal".*

Allam se inclinou para frente e bateu com o dedo indicador no chão.

*"Passe para mim!",* seu comando foi sussurrado.

Emily ficou arrepiada. O que fascinou Reena Mittford por este homem? Eu não poderia passar um segundo com ele, ela pensou.

*"O que você está planejando?"*, ela disse, tentando falar com uma voz firme. Colocou a lâmpada no chão e a deixou rolar em direção a Allam de uma seção da sala para a outra. Allam pegou e olhou profundamente para a lanterna.

*"O que ele está fazendo?"*, Emily virou-se para Kinuta, que balançou a cabeça silenciosamente.

*"Líder da equipe de segurança..."*, Simon levantou a voz.

Allam virou o cone de luz em direção à cama na sala ao lado. Simon endireitou a parte superior do corpo. Ele parecia ter perdido uma quantidade significativa de sangue através da ferida no pescoço. Mesmo sob a luz do flash, era possível ver claramente a pálida face dele.

*"Você é Simon Beach, certo?"*

Allam foi em direção a Simon. Chegando em sua cama, ele acidentalmente chutou o corpo de Tobi e apontou a lanterna para ele. Para Emily, Tobi parecia uma montanha de carne preta.

Os pés de Emily começaram a se mover para trás e ela bateu com o quadril contra uma das camas mais para trás. Emily olhou ao redor da sala rapidamente. Além de Allam, que segurava a lanterna, ela realmente não sabia onde os outros estavam naquele momento.

*"Esse é Tobi. Ele se machucou quando tentou me proteger deles..."*, a voz trêmula de Simon soou em algum lugar fora da escuridão.

*"Ele foi atacado por eles?"*

*"Eles?"*

*"Sim. Vocês foram atacados por eles?"*

*"Ah... sim, uma equipe de pesquisa estava infectada e eu me aproximei de um deles sem perceber. De repente, ele me atacou. Tobi veio em meu auxílio."*

*"Você foi mordido?"*

Iluminado pela luz da lâmpada, o rosto de Simon apareceu de repente na escuridão. Allam estava parado ao lado dele.

*"Sim..."*, Simon estreitou os olhos com força, de modo que suas sobrancelhas tomaram uma forma de dor.

*"Mostre-me"*, Allam suspirou, inclinando-se para olhar o pescoço de Simon.

De repente, ele pegou o curativo e o afastou ao mesmo tempo em que os gritos de dor de Simon soaram.

*"Deus, caramba..."*

Allam balançou a cabeça e soltou um suspiro.

*"Oh, uau!"*, Repetiu várias vezes, apontou o cone de luz para o rosto de Simon e, de repente, apontou para ele com a submetralhadora. Os olhos de Simon estavam bem abertos, os olhos cheios de pânico.

*"Não se preocupe, isso terminará em breve."*

Segundos depois, Allam apertou o gatilho. A cabeça de Simon foi explodida, empurrando em todas as direções, e seu corpo caiu sem vida na cama. Emily gritou. Allam se virou quando ouviu a voz dela. A mão dele segurava a lanterna, o rosto estava indiferente. Mas ambos os olhos pareciam completamente torcidos, pois apenas o branco era visível. A lanterna caiu no chão. Apenas sua voz foi ouvida. Emily fechou os olhos.

Nada disso é real, é tudo apenas um sonho. Não pode haver tal coisa. Tudo é apenas um sonho... Seus pensamentos giravam em torno das imagens de Raccoon City. Ruas em chamas e cadáveres vagando por aí. Cadáveres atacando outros cadáveres e comendo-os. Quando ela não aguentou mais, ela abriu os olhos manchados de lágrimas. Perto da porta, no entanto, soou o pedido de ajuda. Robert Prasch, esse homem tão legal e controlado, gritou como uma criança. Ele estava caindo em um pesadelo. Sua voz reprimida logo surgiu:

*"Droga, não me mate! Quem é você, afinal? Pare, droga, não posso mais me mexer! Ai, o que é isso! Espere! Não! O que você está fazendo? Pare..."*

Mais uma vez, tiros caíram na escuridão. Então a voz borbulhante de Allam veio da porta.

*"Doutor, caramba... estou coberto de sangue... você está imundo... você estourou como um tomate... olhe para você... você picadinho... o que é isso... você mijou nas calças ...? nojento..."*

Barulhos soaram. Parecia esfregar metal contra metal.

*"Você já sabe...? Se você se parecer com eles, terá que atirar na cabeça deles... A melhor maneira é fazer um buraco no crânio... a maldita cabeça tem que voar..."*

Ele murmurou, provavelmente rindo. Emily olhou para a porta, concentrando-se na sombra humana que estava lá. Seu corpo torcido e enrolado parecia uma figura feita por um brinquedo de massa estranho.

*"O que aconteceu!? Metade do corpo dele implodiu!?"*, ofegou Fuchs, que estava ao lado de Emily.

*"Eu não sei..."*, a voz de Emily tremeu.

*"Esse é o vírus T...? O que é isso? Esse é o resultado da sua pesquisa?"*, Fuchs sussurrou para ela.

Emily queria dizer não mas era óbvio que qualquer outra coisa era impensável. Fuchs colocou a mão no ombro dela.

*"Me traga a chave de algema que Simon carregou."*

*"O que faz você pensar nisso agora?"*, Emily protestou com raiva.

*"Se isso continuar, nós dois vamos morrer. Deixe-me assumir o comando, sou profissional. Vou levá-la embora."*

Emily permaneceu no abrigo da divisória, lembrando o cadáver de Simon deitado na cama. Em sua mente, ela já estava planejando a rota. Não era tão longe, no máximo três metros, mas parecia muito mais para ela agora. A luz da lanterna de Allam deslizou sobre o caroço preto que estava enrolado embaixo da cama e parecia estar morto.

*"Sem chance. Quando eu levantar e o raio cair sobre mim, estarei morta em pouco tempo. Não temos tempo para procurar a chave agora."*

*"A chave está no bolso dele, eu o vi colocando. Pegue, por favor!"*

*"Não!"*

*"Pegue!"*, Emily olhou para a escuridão insondável.

Tobi estava morto. Simon estava morto. Eles haviam se encontrado no pátio apenas algumas horas atrás e ambos estavam vivos até então. Descanse em paz com Tobi. O que parecia tão real até recentemente era como uma bolha estourada, fazendo as memórias parecerem irreais. Os cidadãos de Raccoon City provavelmente teriam morrido dessa maneira, cheios de medo e paralisados. O rosto da filha apareceu diante dos olhos de Emily e ela falou seu nome com suavidade e esperança. Ela esperou o momento em que a luz passou pelo cadáver.

Ela arrastou-se para a escuridão com um salto. Gotas de suor frio se formaram em sua testa. Naquele momento, a lanterna parou na parede e todo o resto estava escuro. Mais da metade da sala estava coberta pela escuridão total e a probabilidade de não ser descoberta era muito alta. Em algum lugar na escuridão, alguém estava respirando pesadamente. Com as mãos, Emily sentiu o terreno à frente, tentando evitar qualquer barulho. Ela avançou na ponta dos pés passo a passo. Parecia que ela estava flutuando em completo vazio. Não importa para onde ela fosse, nada além de escuridão, escuridão, escuridão, como se estivesse nadando em um caixão. A lanterna e sua emissão de luz eram como peixes luminescentes do fundo do mar, onde a luz solar não é mais capaz de penetrar.

*"Mais uns passos e eu estarei lá"*

Se a imagem em sua cabeça estivesse certa, o cadáver teria que estar bem na sua frente. A luz passou por Emily e caiu na divisória atrás dela. Emily teve que engolir e o som suave resultante pareceu incrivelmente alto para ela. Quero voltar,

quero voltar, ela pensou desesperadamente. Seu pé bateu em algo macio, era essa consistência esponjosa e peculiar que era a característica dos seres vivos. Ela cuidadosamente tocou o corpo com o pé e virou. Sangue grudou em seu sapato. De repente, ela sentiu como se estivesse escorregando.

Ela cambaleou duas a três vezes e quase caiu, mas finalmente encontrou a cama e a alcançou. Emily bateu ao redor da cama e, finalmente, sua mão encontrou o corpo de Simon. Ela se agachou e mergulhou atrás do corpo para evitar ser vista. Felizmente, se a luz viesse aqui, Allam não suspeitaria de nada. Um odor de sangue e pólvora emanava do corpo morto de Simon. Emily fechou os olhos e viu o Simon decapitado em sua mente. Ele desmaiou várias vezes na cama e Emily se esforçou para não vomitar imediatamente. Allam bateu no terminal com a submetralhadora.

*"Esconder não ajuda... Srta. Ran... sai... Ulysses Allam precisa de você... É para a segurança de todos..."*

Não foi fácil para Emily, Simon estava de costas, ela estendeu a mão e começou a procurar seu corpo. Na sua confusão apressada, Emily entrou em contato com o cinto e tocou um objeto frio de metal. Instintivamente, ela retirou a mão. Era a pistola que Fuchs carregara com ele. Ela respirou fundo e desta vez alcançou suavemente a bunda de Simon, onde procurou cuidadosamente o bolso da calça e, como se atingida por um raio, ela teve um choque repentino de que não estava lá. Não está lá! Merda! Não há chave em lugar nenhum! Emily estava à beira do pânico. Ela estava tentando manter uma cabeça fria. Gotas grossas de suor escorreram por seus olhos, ela começou a fechá-los reflexivamente.

Pense... O que aconteceu quando Fuchs colocou as algemas? Simon acenou com a chave... e então... com a mão direita, ele segurou a corrente de Tobi, para que ele só pudesse armazená-la com a esquerda! Isso significa a chave...

O brilho da lanterna caiu na direção de Emily e ela se aconchegou o mais perto possível até o cadáver de Simon. Ela subjugou o pânico e o medo que estavam prestes a explodir nela com toda sua força de vontade e cerrou os punhos. Mas o feixe de luz mudou no momento seguinte. Ela caiu sobre Kinuta, que se agachou contra a parede e segurou as duas mãos protetoramente na frente de sua cabeça.

*"Sua escória... vocês ficaram infectados esse tempo todo...? então... vocês tem que morrer também."*

Emily enfiou a mão levemente no bolso esquerdo do quadril e agarrou um objeto metálico, que ela puxou com um empurrão. Aí está!

Ela apertou a chave com força na mão esquerda, enquanto com a direita pegava a arma que era muito mais pesada do que ela imaginara. Ela mudou de ideia, apertou a chave entre os dentes e segurou a pistola com as duas mãos. Ela apontou na direção da lanterna. O raio de luz permaneceu em Kinuta, deixando Emily despercebida. Se ela não fizesse nada, Kinuta estava indubitavelmente condenado à morte. Ela apertou o gatilho.

O tiro foi amplo e atingiu um objeto que explodiu em chamas. Allam rapidamente apontou a lanterna e a submetralhadora em direção ao barulho e começou a disparar loucamente. Emily aproveitou a distração e voltou para Fuchs, que continuou a se esconder atrás da parede divisória. A Beretta quase pressionou com força nas mãos de Fuchs, tirou a chave da boca e começou a mexer nos punhos às pressas. Não foi fácil acertar o pequeno buraco da fechadura pois a chave estava constantemente escorregando no metal, especialmente porque suas mãos estavam molhadas de suor. O barulho dos tiros diminuiu.

*"Droga... onde você está...? Sra. Ran..."*

*"Relaxe. Ele está apenas em pânico. Relaxe e tente usar a chave outra vez",* a voz sussurrada de Fuchs chegou ao ouvido de Emily. Ela assentiu e tentou colocar a chave muito lentamente no buraco...

Sucesso. Um clique suave e as algemas abertas voaram. Fuchs espiou por trás da divisória, mirou na direção da lanterna e deu vários tiros. A lanterna foi arremessada para longe. A metralhadora de Allam sacudiu e as balas acertaram os dois lados. Eles mergulharam na cobertura da cama próxima.

*"Como ele sobreviveu? Isso deveria ter sido um sucesso!",* Fuchs exclamou. Sua voz parecia incontrolavelmente insegura.

*"Eu pensei que você fosse um profissional? A situação está piorando!"*

*"Merda, talvez... não, eu tenho certeza... eu acertei na cabeça dele três vezes! Por que ele ainda está vivo?"*

*"Reena, Reena... Você vê...? É Raccoon...",* Allam gaguejou palavras incompreensíveis e parecia estar girando em círculo. Ele atirou loucamente. Vidro quebrou em todos os lugares e objetos de metal giraram ao redor da sala.

Com medo do tiroteio e do caos, Kinuta começou a gritar histericamente no escuro.

*"Droga! Ele ainda está atirando!",* Fuchs assobiou.

E, de repente, toda a luz retornou e inundou o departamento médico. Na porta, completamente surpreendida pela repentina explosão de luz, estava a caricatura de um homem ferido e afundado. O sangue vermelho profundo espirrou no chão. Allam cambaleou alguns passos para dentro da sala de tratamento. Algo correu pelo chão, pulando nele. Allam levantou a mão com a submetralhadora e abriu fogo. A coisa negra saltou para o teto e de uma parede para a outra finalmente acertou Allam.



## Capítulo 5

Eu vou para a rua e começo a correr. Ninguém parece me notar. Já está no meio da noite, o asfalto brilha na luz azul. O povo permanece imóvel, como um exército de estátuas sólidas. Está quieto. Eles olham para o espaço e não prestam atenção em mim. Lá dentro, a batalha se enfurece contra sua própria escuridão.

Enquanto estou esparramada sobre a barreira humana, vejo a vaca morta. Os humanos se reuniram ao redor do animal. Seus sintomas variam em gravidade, mas a maioria tem os mesmos sintomas que meu pai teve. Alguns agachados, outros jazem mortos de lado. Alguns abraçam a vaca morta como se estivessem em uma ilusão. Sua podridão parece ser magicamente atraente para eles. Homens, mulheres, idosos e crianças todos misturados.

O que estou procurando está sentado em uma cadeira simples, que foi costurada com pedaços de canos e pedaços de pano. Arthur House, líder do "Vigilante STARS", assassino... Carrasco. Ele está inclinado na cadeira e agora permanece imóvel nessa posição, sem nenhuma emoção. Com o cabelo penteado para trás e desgrenhado. Entre os dedos da mão, com os quais ele apoia a cabeça, as retas louras e lisas pendem.

*"Arthur House! O que você estava pensando?"*

Eu seguro a alça do pacificador firmemente e aperto o gatilho. O barulho alerta House para levantar a cabeça. Ele olha para o meu rosto com um olhar pasmo. Obviamente, ele não sabe imediatamente quem o enfrenta. Ele pensa muito e finalmente abre a boca.

*"Ah é você..."*

*"Por que você fez isso?! Você quer matar todo mundo? Fale!"*

As palavras saem da minha boca involuntariamente alta e eu seguro a arma apontada para ele. A multidão reunida examina House e eu com uma expressão facial confusa.

*"Todo mundo aqui! Não se engane! Eu vi com meus próprios olhos! Essas pessoas mataram meu amigo ontem à noite como se ele fosse um inseto nojento! Você matou Alex... meu amigo Alex!"*

Meu aperto no Pacificador treme. Os jovens vigilantes se entreolham.

*"Oh, o que você quer? Me leve se quiser. Não importa de qualquer maneira."*

House olha para as pessoas reunidas em torno da vaca morta. Eles não se parecem mais com indivíduos, mas são fundidos em uma massa sem rosto, como um enorme bloco de carne. Os corpos vermelhos não mostram interesse no que está acontecendo diante dos olhos. Não envolvidos e destemidos, eles apenas observam os eventos.

*"Eu já me tornei um deles."*

Arthur House afasta o fio loiro que cai na testa com um gesto cansado. Eu recuo. Na testa, as marcas vermelhas começaram a se espalhar.

*"Apenas faça, se você quiser. Não tenho medo da morte. Muito pior, tenho medo de perder minha personalidade, meu ego, enquanto ainda vivo."*

Todo o poder cede do meu corpo e deixo o pacificador cair. Não há mais nada para eu fazer agora. De repente, um dos rapazes do grupo de vigilantes começa a gritar alto. Algumas das figuras reunidas ao redor da vaca se direcionam a ele e o

mesmo luta contra a onda de corpos vermelhos e grita cada vez mais quando o agarram, puxam, o despedaçam e o devoram. O inferno irrompe sem que ninguém seja capaz de fazer nada.

Como se estivesse sob comando, os infectados começaram a atacar as pessoas petrificadas ao longo da calçada. O grupo provavelmente está paralisado por sua culpa coletiva e, portanto, não consegue resistir. Primeiro trouxe os sentimentos de culpa comuns de absolvição, agora eles trazem a morte.

O assassinato em massa ocorre sem resistência. As pessoas estão despedaçadas. Em toda parte, braços, pernas, cabeças, dedos e pequenos pedaços de carne, a origem do caos não pode mais ser determinada. Lascas de ossos na estrada. O inferno agora é um lugar aqui na terra.

A escuridão noturna está ironicamente se rompendo por um estouro vermelho. Um pano de carne vermelha foi desenhado pela doença e branco entre os sobreviventes. Tão poucos daqueles que foram poupados do vírus. É um contraste hediondo. Repetidas vezes, acho que descubro rostos familiares. Até sinto várias vezes que meu pai está na multidão. Mas é difícil dizer se realmente é ele que eu vi. Alguém deve ter incendiado as ruas. As línguas de fogo se espalham pela cidade e gritos ecoam pelas ruas. De repente, sou agarrada pelo braço e arrastada para uma rua lateral.

Esse é o fim! Lágrimas se encham atrás dos meus olhos e os fazem borrar. Eu sei, não vou conseguir fugir. Minha vida passa por mim como um filme. Vejo meu pai na minha frente, ou alguém como ele, antes que ele se torne um monte de carne vermelha sangrenta. Eu olhei para a figura segurando meu braço.

*"Frank?"*

Eu me jogo no peito dele e choro sem restrições. Ele está me abraçando com mais força.

*"Não se preocupe, Alma. Eu vou protegê-la.",* sua voz treme.

A onda mutante já está derramando em nossa pista. Eles assumiram a perseguição. Um rosto vermelho brilha diante dos meus olhos... O rosto manchado de sangue de Arthur House.

O beco se enche de uivos e gritos de puro frenesi. Uma súbita rajada de vento faz poeira, pedaços de papel e folhas girarem e eu fecho meus olhos.

*"O que é isso?"*

Um estrondo se aproxima. Frank levanta o dedo e depois grita. Então eu descubro a sombra negra no ar, penso por um momento que um corvo surgiu do inferno para nos buscar. É um helicóptero. Ele dança no ar e parece que vai se chocar contra as casas a qualquer momento, devido ao quão baixo está voando.

*"Ei, vocês aí! Protejam-se!"*

Anunciam pelo sistema de alto-falantes e o som ecoa pelas ruas. De repente, Frank me agarra e me puxa para baixo, enquanto eu impiedosamente bato no chão. Os cadáveres ambulantes são despedaçados. O sangue jorra em todas as direções e se acumula na enorme tempestade de granizo nas ruas. Eles mergulham com o helicóptero nas ruas atirando para todos os lados. Nós nos escondemos atrás de um monte de escombros e nos agarramos tremendo. De repente, há um silêncio mortal. O helicóptero desapareceu.

*"Vamos lá",* diz Frank determinado.

Corremos para as ruas e beliscamos os olhos para não precisar ver os montes de cadáveres. Seguro o braço dele e deixo que ele navegue. A cidade está queimando. Tudo é vermelho vivo iluminado pelas chamas.

*"Não se preocupe, não vai acontecer nada de errado."*

Ele fala gentilmente como um dentista. Tão gentil que sua voz quase me faz chorar. Por puro medo, perco todo o senso de realidade. Deito na quadra, braços e pernas esticados. Pensamentos estranhos passam pela minha cabeça. Os gemidos da cidade em chamas estão fluindo em minha direção em meio a uivos alegres. Tantas pessoas... tantos... seres... Como os soldados na foto que meu avô me mostrou, eles param e congelam. Uma foto para sempre. Meu avô, meu pai, Alex, Arthur House, Sr. Kirkwood, você... e... eu...?

*"Finalmente eu te encontrei."*

A mulher sem rosto está subitamente ao meu lado.

*"Você está por trás de tudo isso?"*, ela me pergunta com um olhar de reprovação.

Estranho. Eu deveria estar por trás da coisa toda? Eu pensei que era ela... eu não fiz nada além de viver minha vida normal.

*"Quem é você?"*

*"Eu te disse, sou Alma Hartline. Quantas vezes mais você vai perguntar?"*

Quem sou eu? Quando um ser humano é realmente humano? Eu sou humano? Ou não?

*"Seu nome não me interessa. Quero saber quem você é. O que é você!?"*

Toco o bordado no meu casaco de veludo com as pontas dos dedos. A rosa se destaca um pouco do resto do tecido e, portanto, é fácil perceber.

*"Uma rosa... Rose... isso mesmo, suponho que você seja Rose?"*, Ela disse com força.

Envolvo a rosa bordada no casaco entre os dedos e o tecido se contrai na minha mão. Rose... um bom nome.

*"Onde está Sprague?"*

A mulher é curiosa, apesar de seu rosto inexpressivo não demonstrar.

*"Sprague...? Eu não conheço nenhum Sprague."*

Um helicóptero circulando no céu. A ave de rapina que matou pessoas na rua antes.

*"Seu amigo está seguro a bordo."*

Eu sinto que todos foram mortos pela praga vermelha e levados para longe, alguém virá até a cidade e aprenderá sobre nossas vidas. Esse alguém levará todas as pessoas que até então viveram aqui como meros instrumentos, tornando-os pretendentes e extras de sua própria encenação. Estamos perdidos nas ruas que conhecemos como a palma da nossa mão e passeamos para becos sem saída. Finalmente paramos. Onde estamos? Ao nosso redor, os moradores da cidade se atacam e se desfazem de ganância.

O vírus se espalhou sem problemas e sem aviso prévio, e sua explosão repentina varre a cidade como um furacão. Os pais comem seus filhos que estão chorando, os filhos devoram os pais de olhos arregalados com os dedos nus, irmãos têm os dentes enterrados um no outro. As pessoas, que até ontem eram amigas nas ruas, agora se colidem sem piedade e se matam.

Alguns cruzamentos estão bloqueados, a infraestrutura da cidade está completamente paralisada. Finalmente chegamos a uma quadra de basquete

deserta. Decidimos fazer uma pausa e eu me sento embaixo da cesta. Frank se inclina contra o poste com um suspiro e fica ali de pernas afastadas.

*"Para onde vamos agora?"*, ele se questiona...

Quando olho para o rosto dele, não consigo reprimir um grito de terror. Os sinais da doença, as manchas vermelhas, se espalharam da testa até o queixo.

*"Eu assustei você?"*, a mulher surge novamente

Como isso aconteceu? Eu seguro minha bochecha. De repente, tudo parece diferente... minha pele fica esponjosa por baixo dos olhos até o queixo. Quando olho para o meu braço, reconheço rachaduras vermelhas que se espalham pela pele. Minha carne começou a rachar.

*"Meu diário... eu tenho que pegá-lo. Há muitas coisas lá..."*, murmuro para mim mesma quando a memória passa por mim. Mas o que mais pode ser embaraçoso?

*"Diga-me, eu realmente estou fedendo?"*

A mulher não responde. Quando abro meus olhos, o céu está cinza profundo. Raccoon City está em ruínas. Ainda estou encostada no poste de basquete, mas fechei os olhos como se fosse dormir. Eu levanto. Eu tenho que ir. O cheiro crescente de decadência... vem de você, ou é o cheiro da minha própria pele podre? Foi assim que conseguimos nos tornar um. Eu sussurro baixinho enquanto Frank dorme:

*"Estou grávida".*

Não há mais ninguém fora de nós. O mundo nos abriga sozinhos. A terra começa a estremecer ressentida...

### **\*3 de Outubro, 22:05; Departamento Médico\***

Quando ela fechou os olhos, tudo ao seu redor estava branco. De longe, um barulho chegou ao ouvido dela: rugindo, gemendo, soando como se algo estivesse desabando. Este clarão a confundiu. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo, mas por algum motivo a energia estava obviamente ligada novamente e ela ainda estava viva...

Quando alguém lhe deu um tapinha no ombro ela abriu os olhos. Contra a luz, ela reconheceu o rosto de Fuchs.

*"Acabou."*

Emily olhou para a Beretta que ele segurava na mão direita. Ele seguiu o olhar dela e riu.

*"Não se preocupe, eu não vou atirar em você."*

Ela agarrou a mão dele, que ele estendeu para ela finalmente se levantar. Suas pernas pareciam flutuar. Depois que Fuchs devolveu a pistola ao coldre, ele sacou uma segunda: a Glock de Simon, que ele enfiara debaixo do cinto na parte de trás da calça.

*"Isso é dele. Você deveria carregá-la com você para se defender."*

Ela olhou para o corpo de Simon na cama e baixou os olhos. Um homem decapitado como uma boneca quebrada é impressionante, ela pensou. Emily silenciosamente pegou a arma e a colocou no bolso, onde a pequena pistola desapareceu completamente. Fuchs apontou para o corpo perto da porta. Havia os restos de Tobi, o torso completamente esfarrapado, a cabeça e os membros arrancados. E em meio à espessa poça de sangue em torno da qual os restos do cão se espalharam, o antebraço de Allam. A metralhadora ainda estava agarrada pela

mão dele. Ao desviar os olhos de nojo e inalar, recebeu um cheiro terrível. Queimou-se em seu cérebro com o que ela viu como uma memória atormentadora. Em algum lugar além provavelmente havia os restos de Robert Prasch e pelo menos ela se poupou dessa visão.

*"Você viu o cachorro? Ele também foi infectado. Então o vírus também é transmitido aos animais?"*

*"Não faço ideia... eu não entendo, absolutamente nada. Eu só sei sobre as simulações."*

*"Eu quase acho que ele queria atacar seu próprio mestre. Mesmo no final, ele ainda tinha um plano... Diferente de nós"*, Fuchs fez uma careta e acariciou lentamente o queixo. Então ele olhou para a luz.

*"De repente, o sistema parece estar funcionando de novo, mas por quê diabos? Se quisermos sair daqui, devemos ir agora."*

*"E Allam?"*, Emily perguntou.

*"Não faço ideia. Ele saiu correndo e desapareceu. Ou por causa da luz ou porque Tobi arrancou seu braço. E eu devo ter acertado nele com algumas balas."*

*"Chefe..."*, murmurou Kinuta, que havia caído no chão na parede após presenciar o massacre.

*"Está tudo bem? Você teve sorte."*

*"Provavelmente um milagre"*, respondeu Hiromu Kinuta, apático. Ele tentou se levantar, mas não conseguiu. Ele cambaleou, erguendo a mão no chão e sentando-se novamente.

*"E o instituto?"*, Emily perguntou.

Kinuta desistiu de tentar ficar de pé. Ele respondeu enquanto estava sentado:

*"Eu não sei. A infecção se espalhou muito rápido. Talvez pelo suprimento de água, embora os sensores da IA devessem ter captado contágios radicais. Quem está por trás disso deve ter colocado Carmen sob seu controle"*

Fuchs olhou em volta da porta e voltou para o quarto.

*"Emily, agora que temos energia a telecom deve funcionar, certo?"*

Emily olhou para o monitor de telecomunicações.

*"Prasch não disse que Sprague estava na sala de controle? Vamos checar."*

Ela pegou o cartão de identificação que estava usando no pescoço e o segurou no leitor de telecomunicações. O scanner começou e a voz feminina do computador solicitou o endereço de conexão desejado. Emily digitou rapidamente o número da sala de controle. Tecnicamente, a telecomunicação nesse tipo de aplicativo não passava de um telefone interno. Começou a tocar várias vezes. Emily ficou nervosa. Ela quase rezou para encontrar alguém. De repente, o rosto de Reena Mittford apareceu na tela.

*"Reena...?"*, Emily perguntou

*"Não, sou eu, Sprague."*

*"A tela mostra o rosto de Reena Mittford..."*

*"Isso ocorre porque o servidor está inativo devido à falta de energia. Os IDs devem ter se misturado. Embora eu tenha conseguido reabrir a fonte de alimentação, não posso consertar o sistema no momento. Estou feliz por poder usá-lo novamente. Mas tudo está sendo exibido incorretamente, Emily."*

Foi uma sensação estranha ver a foto de Reena e a voz de um homem falando.

*"Você está bem?"*

*"Sim, até agora."*

*"Tem alguém com você? Segurança talvez ou outra pessoa?"*

*"Não, eu estou sozinho. A equipe foi completamente infectada pelo vírus ou morta pelos infectados. A maioria provavelmente está morta."*

Emily ficou triste.

*"Eu estava em contato de rádio com Prasch até recentemente, ele disse que você o contatou. Está correto?"*

*"Prasch... caramba!",* Emily vira a cadeira e amaldiçoa. Lágrimas correram por suas bochechas.

*"Aquele desgraçado o matou! O líder do grupo dos guardas..."*

*"Ulisses Allam?"*

*"Sim. Também Simon Beach, o treinador de cães, foi morto por ele. Não sei quantas pessoas ele matou. Ele foi atacado pelo vírus e ficou fora de si completamente!"*

*"Bem... pelo menos nada aconteceu com você. Tem mais alguém com você?"*

Emily olhou para Kinuta, que estava agachado no chão com os olhos vazios, olhando para o espaço.

*"Hiromu Kinuta da minha equipe."*

*"Ah, fico feliz que nada tenha acontecido com ele. Ele se controlou?"*

*"Ren!"*

Toda a força restante parecia fluir para fora de Kinuta, pois naquele momento ele afundou no canto, encostado na parede como um saco de batatas. Emily ajustou a cadeira e recostou-se nela.

*"Além de Kinuta, Richard Fuchs ainda está aqui.",* Fuchs se aproximou dela e olhou para as telecomunicações.

*"O que!? O que ele está fazendo com você?",* Sprague exclamou, assustado.

*"Você provavelmente já sabe",* respondeu Fuchs ironicamente.

*"Eu não estou desistindo."*

O suspiro de Sprague não foi ouvido pelos alto-falantes. Fuchs pegou o microfone.

*"Ren, conte-nos sobre a situação, tudo o que você sabe. Emily já disse que fomos atacados pelo chefe dos seguranças. Ele ainda parecia ter um objetivo e finalmente nos abriu fogo com uma metralhadora. No entanto, ele era mais um monstro que humano, metade do corpo já havia se liquefeito."*

*"Ah...? Então a decadência foi tão longe?",* Sprague falou atônito.

*"Não fique tão surpreso!",* Fuchs juntou as sobrancelhas.

*"Você é quem caiu, cara!"*

Sprague desatou a rir. Parecia que o riso vinha do rosto fixo de Reena Mittford - uma imagem assustadora. Ele cruzou os braços sobre o peito em frente ao monitor, depois levantou as mãos e fez um sinal de V - seu símbolo

*"Gesto de 'Paz e amor'? O que há de tão engraçado nisso?"*

*"Ah, nada. Obviamente, o vírus foi espalhado pela vaca que foi jogada no reservatório de água. Como Emily já temia, o sistema de purificação da água falhou. Mas... por que uma vaca? Você não acha isso engraçado?"*

Engraçado...? Como ele poderia se divertir em tal momento? Ele tinha que estar louco. Emily pegou o monitor e olhou para ele. Mas o rosto de Reena Mittford apenas tremeu inexpressivamente.

*"Você poderia falar algo com sentido?",* Fuchs exigiu impaciente.

*"Bem, Reena disse uma vez. 'Alma está na simulação de VR' e Rose sonha com ela. Não é óbvio? Rose está no centro de tudo aqui. Ela é o gatilho!"*

*"Ren, como assim? Do que você está falando?"*

*"Como você não entendeu, Emily? Você olhou as imagens de vídeo? Eu as observei várias vezes. Nela, Alma é chamada por um amigo de 'bruxa'. Quer saber por quê?"*

*"Não faço ideia! Eu tinha mais o que fazer, lutando por nossas vidas! Não havia tempo para estudos precisos! Era sobre sobrevivência bruta!"*

*"Sinto muito, eu sei. Bem, deixe-me explicar. A garota pode ler as memórias ligadas ao indivíduo no tanque."*

*"Que tipo de besteira de conto de fadas você está tentando dizer? Isso não faz sentido!",* Fuchs gritou.

*"Você tem certeza sobre isso?"*

*"Sim, temos certeza",* enfatizou Emily após a declaração de Fuchs.

As risadas de Sprague ecoaram novamente pelos alto-falantes.

*"Bem. Claro, essa é apenas a minha interpretação ridícula. Então, Alma estava dormindo o tempo todo no fluido do tanque e fazia parte do mundo virtual criado pelo sistema de realidade virtual. Ela sonhava pacificamente com caminhadas nas montanhas da Guatemala. Mas um dia em que o sonho se transformou em um pesadelo, as memórias que ela tinha dentro dela despertaram..."*

*"Você está tentando dizer que ela está causando isso? Ao assumir o controle da fonte de alimentação, reproduzir essas imagens, apreender o sistema e gradualmente destruir todo o instituto de pesquisa? Que absurdo! Como isso é possível? E a vaca? Foi obviamente jogada no abastecimento de água do instituto por mãos humanas!"*

*"Uma pergunta: Onde está Rose?",* interveio Fuchs.

Houve um silêncio por um momento antes que risos ecoassem nos alto-falantes. Fuchs franziu a testa e esperou que a risada quase histérica parasse. Pareceu levar quase um minuto para Sprague recuperar o fôlego.

*"Então você ainda não sabe? E não percebeu antes?",* Ele falou as frases rindo, porque obviamente ele ainda não era capaz de se acalmar. Fuchs deu a Emily um olhar desamparado.

*"Diga a ele, Emily. Ele quer saber."*

Emily olhou para Fuchs e, por um momento, não soube explicar-lhe.

*"Fuchs... você viu também. Aquela água barrenta vermelha no tanque, na sala das cápsulas... Aquela é a Rose. Uma solução mista de células-tronco, o fluido transportador e o vírus... Essa é a forma real da Rose".*

*"O que!? Aquela sopa podre é a Rose? Mas isso não pode..."*, Fuchs lembrou da memória que teve antes - do tanque e seu conteúdo - a memória o fez estremecer. Ele se afastou das telecomunicações e caminhou incansavelmente para cima e para baixo na sala de tratamento.

Sprague ainda estava rindo, batendo no microfone várias vezes.

*"Um choque legal, certo? Mas acalme-se, Fuchs. Não é tão ruim assim. Isso não muda o fato de que o 'Projeto Rose' ainda está em andamento."*

*"Droga!",* Fuchs gritou de repente no meio da sala. Kinuta, que estava ouvindo a coisa toda, pulou, assustado.

*"E o que aconteceu com a garota que levamos conosco antes?",* disse Fuchs.

*"Antes...?",* Emily repetiu.

*"Como assim, a levou? Você estava em Raccoon City?"*

*"Sim, é claro, antes que tudo fosse destruído pelo ataque das armas nucleares. Estávamos apenas coletando materiais quando a encontramos."*

*"Você presenciou o acidente!?",* Emily perguntou em transe.

*"Sim, um acidente terrível",* respondeu Sprague secamente.

*"E por que você não me contou?",* Emily gritou no microfone.

*"Você sabia de tudo, certo? Você sabia o tipo de pesquisa que estávamos fazendo aqui! E o que fizemos com isso! Você sabia de tudo. Tudo!"*

*"Mas você também sabia, senhorita Ran.",* A voz dos alto-falantes soou suavemente.

*"Este instituto de pesquisa foi construído para se parecer como em Raccoon City. O que estamos experimentando atualmente é um ecossistema fora da cidade."*

Emily fechou os olhos e mordeu o lábio.

*"Emily, de volta à vaca... encontrei algo interessante durante a verificação do sistema na fita de vigilância da semana passada. Bastante esclarecedor... Você pode ver quem jogou a vaca no tanque. Ele não parecia se importar com nada, nem as câmeras de segurança".*

*"Quem?"*

*"O líder do grupo dos guardas que atacou vocês... Ulysses Allam."*

*"Allam?",* Emily olhou para o teto.

*"Ulisses Allam... fez isso?",* Com os olhos bem abertos, ela olhou para a imagem de Reena no monitor.

*"Ele estava louco desde o início, estava envolvido o tempo todo. Ele deve ter usado a máquina de VR regularmente com Reena por um longo tempo. Então ele entrou em contato com Rose. Na verdade, Rose deve ter começado a capturar as imagens e desintegrar-se muito antes de Reena sofrer esse acidente. Você disse que ele já estava meio liquefeito, certo? Isso é prova de que o tempo está acabando. Mas isso não significa que Rose está acordando, Emily. Ela apenas sonha. E esse sonho, esse pesadelo que já foi verdade, virá a ser verdade de fato. Estamos no meio desse sonho agora, flutuando impotentes no útero de uma jovem..."*

A imagem de Reena de repente começou a tremer violentamente, e Emily bateu o punho contra o monitor.

*"Diga-me finalmente. Qual é o motivo disso tudo! É você, estou certo? Você criou e jogou essas fotos! Por que está fazendo tudo isso, seu louco? O que é Rose na realidade? Ren...!",* grita Fuchs

*"Nós somos os insetos que carregam o pólen de uma flor para outra, a semente... o vírus! Logo o sangue de Rose finalmente fluirá. O Dia de Ação de Graças está se aproximando, o desfile começará em breve..."*, a tela com o rosto de Reena começou a tremer e falhar.

*"Está começando! A colheita começou... O que você quer fazer agora? Você não tem tempo para fugir."*

O monitor escureceu brevemente e imagens desconhecidas passaram pela tela. Uma quadra de basquete. Um jovem cuja pele estava quase completamente despida apareceu em grande escala. Seu rosto parecia estranhamente velho em contraste com seu corpo. Esse não era o rosto de um jovem. Pertencia a Ulisses Allam. Emily bateu o punho contra o monitor até Kinuta se levantar e segurar o braço dela. De repente, a voz de Carmen ecoou pela sala.



*"Detecção de risco biológico. Aviso a todos os funcionários. O vírus-T se espalhou no instituto. Em dez minutos, todo o centro de pesquisa será desinfetado com a vacina do vírus-T 'Rose'."*

Fuchs levantou a cabeça e olhou para o teto. O sistema começou a zumbir como um enxame de abelhas e começou a liberar uma corrente de ar dos orifícios redondos, que tinham um diâmetro de cerca de vinte centímetros. A brisa inesperada fez Emily apertar os olhos. Ela olhou para Kinuta, que gritou em desespero.

*"Isso não pode ser! Agora Rose borrifará todo o sistema de ventilação!"*

O coração de Emily estava batendo forte. Em sua mente apareceu Ulysses Allam, metade do corpo dele havia desaparecido. Então ela ouviu Fuchs gritar algo:

*"E o pátio? Podemos sair pela escada de incêndio...?"*

*"Não importa. Também existem aspersores conectados ao sistema de controle de aeração"*, Emily balançou a cabeça.

Os pensamentos de Emily tremeram. Carmen havia sido tomada. A colheita foi iminente. Uma fuga era impossível. A aquisição deliberada do sistema controlou todo esse desastre e todos eles foram expostos desamparados à situação. De repente Kinuta falou:

*"A sala de realidade virtual! Temos que ir para a sala de realidade virtual! Não há sistema de ventilação lá!"*

### **\*3 de outubro, 22:42; Corredor do Instituto de Pesquisa\***

A contagem regressiva havia começado. O corredor escuro estava agora banhado em luz branca. Emily e os outros correram sem dizer uma palavra. A sala de VR era o destino declarado. Para proteger o equipamento contra um ataque externo, a sala de VR era a única não conectada ao sistema de ventilação, o que tornava a sala geralmente insuportavelmente quente e abafada, mas agora era um amuleto da sorte.

Havia duas maneiras de ir do terceiro andar para a sala de VR no quarto: por elevador ou escada. No entanto, o elevador representava um certo risco. Carmen não se comportava normalmente e não havia garantia de que eles realmente parariam no quarto andar. O consenso unânime era chegar a pé. Então eles decidiram pelas escadas.

Primeiro eles correram pelo longo corredor, depois se viraram e finalmente alcançaram a escada. Lá eles subiram as escadas. Kinuta agarrou-se ao corrimão e se arrastou em agonia. Ele estava suando com medo. O suor escorria de todos os poros do corpo.

*"Mais rápido, não temos tempo!"*, Fuchs falou, que já havia chegado ao topo, mas deu alguns passos para trás para motivar Kinuta.

Kinuta colocou as mãos nos joelhos e ofegou violentamente.

*"Mais seis minutos para o lançamento de Rose."*

No caminho para o VR e a sala das cápsulas havia três ou quatro corpos novos. Kinuta gritou e se agarrou a Emily.

*"Vamos lá!"*, a voz de Fuchs ecoou pelo corredor. Eles andaram pelos cadáveres com grandes passos. Kinuta correu pelo corredor, os outros dois o seguiram. Quando Kinuta chegou à porta, ele começou a esmagar os botões no painel até finalmente apertar o botão para abrir. A porta pesada deslizou para o

lado, revelando a sala quadrada de concreto cujas paredes e tetos eram idênticos: dez metros cada.

Ao lado do enorme tanque no centro da sala estava um homem encostado contra a torre de metal. Era um velho conhecido. O rosto gordo, o crânio careca, o corpo carnudo... A camisa laranja brilhante rasgada e as calças pretas largas que seu estilo de moda questionável. Na mão direita, ele segurava uma pistola automática.

"Ei!", Christian Selfridge levantou a mão esquerda.

"O que você está fazendo aqui?", Perguntou Fuchs.

"O que estou fazendo aqui? Eu poderia perguntar o mesmo. Primeiro o apagão e depois, quando as luzes finalmente voltaram, essa mensagem de aviso de Rose... Eu fui um pouco retraído...", inclinou a cabeça contra o encosto do banco.

"...e finalmente acabamos aqui."

Selfridge levantou-se e aproximou-se com passos largos.

"No entanto, houveram alguns imprevistos. Não sei como operar essa fortaleza aqui e fiquei desesperado. Tive sorte de encontrar vocês! Sele bem esta sala, verifique se nada entra ou sai."

Emily e Fuchs se entreolharam.

"Você está brincando comigo? Você está falando sério?! Com todo esse pânico, você pretendia colocar Rose em outros sobreviventes?! Os mortos-vivos lá fora certamente entrarão aqui também!", Fuchs gritou com ele.

Selfridge calmamente apontou a arma para Emily.

"Não temos tempo para discussão agora. Vamos lá!"

"Faltam quatro minutos para o lançamento de Rose."

"Vá para o inferno, Selfridge!", Fuchs apontou sua Beretta para ele.

O rosto de Selfridge tremia de raiva. Então ele suspirou e inclinou a cabeça levemente para o lado, apertando o gatilho de sua arma. A bala atingiu a coxa de Fuchs. Fuchs gritou de dor e caiu no chão. Em pouco tempo, os azulejos brancos ficaram manchados de vermelho com o sangue pingando. Selfridge chutou a Beretta na frente dele. A arma deslizou para a parede e parou em um canto da sala.

"Sinto muito, mas não tenho tempo para explicações longas. Nós temos pouco tempo para tomar decisões rápidas agora.", disse Selfridge.

Kinuta olhou para Emily com uma expressão completamente confusa.

"Se você ama sua vida, você também vai entrar lá!", Selfridge voltou para o quarto protegido sem olhar para Emily.

Ela olhou para ele por um tempo. Então ela ajudou Fuchs, que passou o braço em volta do ombro dela e o arrastou atrás de Selfridge. Atrás deles, a porta deslizante se fechou. Fuchs se separou de Emily. Desesperado, ele tentou se manter sozinho, mas o único resultado de seus esforços foi que cada vez mais sangue derramava de sua perna. Selfridge olhou para ele, pensativo.

"Você planejou atirar em Fuchs de qualquer maneira, não é?", Emily engoliu em seco e procurou no bolso a pequena Glock.

Selfridge apenas deu de ombros.

"Acredite no que você quiser. Mas agora não é o momento para essa discussão."

De repente, algo do lado de fora bateu contra a porta com força indescritível. Emily se afastou, observando angustiada a porta pesada vibrar sob a força da gravidade. Uma voz que não poderia pertencer a alguém rugiu do outro lado.

Kinuta gritou em pânico e rastejou atrás do tanque em um canto, enterrando a cabeça entre os braços.

*"Mais dois minutos..."*

Selfridge começou a falar com uma voz firme:

*"Algo está lá fora. Zumbis ou o que quer que seja, eu não sei... Enfim, não é humano, com certeza. Temos que trancar a sala",* ele esfregou as mãos.

Emily se virou e focou na arma na mão de Selfridge. A articulação do dedo no gatilho parecia branca. A arma tremeu e o rosto de Selfridge estava histérico.

*"Selfridge, acalme-se..."*

*"Temos que trancar a sala! Se não..."*, Ele olhou para Kinuta, que virou as costas e se agachou no canto.

*"...eu atiro em vocês... e farei isso sem remorso!"*

Emily se afundou com espanto no terminal do computador. Selfridge estava certo: eles não tinham escolha no momento. Então ela colocou a mão no teclado, digitou rotineiramente alguns comandos e ativou o selo. O silicone, que estava preso a todas as válvulas de risco biológico, disparou contra as rachaduras e a sala foi hermeticamente fechada. Carmen anunciou:

*"Cinco... quatro... três... dois... um... zero. A vacina 'Rose' será implantada agora."*

No corredor, eles ouviram o líquido ser pulverizado. As gotas bateram com tanta força contra a parede que quase soou como uma tempestade torrencial dentro do prédio. Gradualmente, o martelado contra a porta diminuiu.

*"Foi isso?"*, Emily gemeu debilmente.

*"Você pode obter um feedback ao vivo da situação no instituto?"*, Perguntou Selfridge.

Ele limpou o suor da testa com o antebraço. Emily digitou algo no teclado e se conectou à rede. Ela procurou a rota de acesso correta para ver através dos olhos de Carmen o que estava acontecendo lá fora no corredor. De alguma forma, as câmeras de vigilância haviam resistido a todos os eventos. Na tela a cada dez segundos, as câmeras individuais alternavam entre visualizações separadas.

O que eles viram foi simplesmente horrível. Em todo lugar no chão do instituto, poças escorregadias em preto e vermelho eram vistas, os restos daqueles que já haviam sido infectados pelo vírus era dissolvido. Chovia lodo vermelho escuro do teto, formando riachos ásperos no chão e correndo pelos corredores. Nessa mistura irreal, as cabeças, braços e pernas daqueles que ainda não haviam se dissolvido completamente vagavam pelos aposentos. Emily silenciosamente cortou a conexão. Na sala, o doloroso gemido de Fuchs e o gemido de Kinuta ecoaram. O monitor ficou preto. Ela fechou os olhos e enterrou a cabeça entre os braços.

## Capítulo 6

Um jovem soldado pegou sua submetralhadora no chão na frente dele e se aproximou de Ren Sprague. Prendia uma máscara de oxigênio do mesmo tipo usado pelos bombeiros em volta do pescoço. Devido ao traje de proteção ser preto, o homem quase foi engolido pela escuridão e parecia assustador, quase como um fantasma.

"Aparentemente não há sobreviventes aqui."

Sprague assentiu, soltou a mão da câmera de vídeo e chutou um pedaço de entulho para o lado. Foi no meio da noite em Raccoon City. Fazia apenas uma hora que eles deixaram o helicóptero e, no entanto, foram atacados várias vezes por esses personagens de terror. A situação na cidade era dez vezes pior do que se temia. O caos havia eclodido em todos os lugares, o incêndio pode ter matado mais pessoas que o vírus. Aparentemente, as pessoas entraram em pânico e acenderam acidentalmente suas casas em chamas.

Era óbvio que até esse soldado estava nervoso. Embora ele tivesse sido especialmente treinado para manter a cabeça fria em todas as situações e de ter participado do briefing sobre o que eles deveriam esperar da situação aqui.

E Ren Sprague? Ele veio por conta de uma perspectiva científica e de uma certa curiosidade, determinado a investigar a catástrofe. Mas agora não restava muito de sua determinação. Ele só queria voltar ao instituto de pesquisa e tomar um banho quente, beber alguns copos de conhaque e esquecer tudo. Talvez escolha uma música no violão e cante...Era isso o que ele queria. Mas antes, ainda havia algo a fazer. Sprague limpou as gotas de suor da testa. O jovem soldado que o acompanhara como sua proteção empalideceu e tremeu um pouco. Se ele estivesse desarmado, ele mal poderia continuar andando devido ao medo.

*"Faltam apenas quatro horas até que tudo seja destruído pelo ataque nuclear",* ele rosnou.

*"Pelo menos a vacina ainda deve estar funcionando... é melhor sairmos daqui rapidamente."*

*"Sim, eu sei. Me dê mais trinta minutos!",* Sprague passou por cima da pilha de detritos. O soldado de elite apareceu atrás dele e foi para o lado.

*"O que você está procurando?"*

*"Você também a viu do helicóptero, não viu? Tudo aconteceu tão rápido e não ficou claro, mas a garota ainda não parecia estar infectada."*

Sprague viu a menina cercada na rua pelos infectados. Ele deu uma ordem de ataque ao piloto e viu com seus próprios olhos em como a garota fora arrastada para fora da rua em chamas, alguém a arrastara para um beco. Ela conseguiu escapar.

"Isso foi há mais de uma hora... Você realmente acha que ela ainda está viva?"

*"Eu quero encontrar um sobrevivente... Qualquer que seja o custo. Vamos apenas para este beco, está bem? Então voltaremos para a base.",* Sprague olhou para o mapa de Raccoon City no dispositivo de navegação portátil preso ao cinto.

*"Tenho certeza que estava aqui em algum lugar..."*

O soldado mordeu o lábio e não disse nada. Ele colocou as mãos trêmulas em torno da metralhadora. Graças apenas a ela, eles chegaram tão longe. Ela evitou os demônios de carne vermelha nos quais os humanos haviam degenerado.

Sem dizerem uma palavra, eles escalaram as ruínas da cidade. Este silêncio era devido ao medo crescente que dominava seu mundo de emoções. A preocupação de estar muito longe do helicóptero. O medo de se perder. Ou o que aconteceria se o piloto tivesse sido atacado e o helicóptero destruído? Então eles estavam irremediavelmente presos neste inferno.

*"Sr. Diretor... Por favor, me diga a verdade",* o soldado parou.

*"Isso tem algo a ver com a pesquisa que nosso grupo está conduzindo?"*

Sprague se virou e assentiu.

*"Infelizmente, não posso responder isso, mas posso dizer que esse trágico acidente não está diretamente relacionado ao nosso instituto, mas outro dos afiliados..."*

O soldado balançou a cabeça lentamente.

*"Como você pode ficar tão calmo com isso? Isso não foi apenas um punhado de assassinatos... uma população de uma cidade inteira foi privada de sua humanidade e se perdeu de uma maneira tão brutal!"*

*"Eu sei. É imperdoável",* Sprague olhou para o prédio de um supermercado, com as janelas todas lascadas, até o céu mostrava-se cinza. Havia rachaduras correndo pelas nuvens e quase parecia que havia outro planeta lá em cima.

*"Eu também sofri um choque... Mas é diferente do seu. Mas o que você acha que devemos fazer?"*

O clima de tempestade varreu a cidade, deixando línguas de fogo brilharem em diferentes direções, formando trovoadas tempestuosas. Uma rajada de vento agarrou os longos cabelos loiros de Sprague e puxou seu rabo de cavalo. O soldado e ele marcharam novamente e o eco de suas botas no concreto soou pela cidade noturna. Sprague queria encontrar apenas um único sobrevivente nesta cidade fantasma. Esse desejo o fortaleceu e lhe deu o desejo de continuar procurando. Entre as ruínas, Sprague de repente viu a forma de uma mulher desmaiada. Seu coração começou a bater forte no peito. É ela?

Ele correu em direção a ela e parou dois pés à sua frente. Com a luz da lâmpada pendurada no pescoço, ele percebeu que as roupas do cadáver estavam ensanguentadas. O abdômen da mulher estava quase desaparecido. Uma visão horrenda. Com os braços magros, ela segurava o corpo de um bebê. Nem mãe nem filho tinham a cabeça. Parecia que alguém tinha estourado a cabeça.

*"Não, não é ela..."*

Quando ele se virou, o soldado agachou-se diretamente atrás dele. Ele estava tremendo por todo o lado.

*"Eu não posso... Droga! O que estamos fazendo aqui?"*

Sprague olhou para o homem com calma e evitou o impulso de se agachar ao lado dele e também ceder ao desespero. Ele caminhou até a rua, parou e se virou.

*"Ambrose, você fica aqui. Eu continuo. Se algo acontecer, você pode me colocar no rádio."*

Com a ajuda do seu dispositivo de navegação, ele caminhou por um tempo pela cidade destruída e finalmente chegou ao seu destino. O beco procurado estava coberto de tijolos e madeira. Um labirinto de escombros havia sido criado. Onde

quer que ele olhasse, cadáveres esfarrapados estavam por toda parte. Sprague teve um ataque de ansiedade. O suor frio chegou à sua testa. Ele desligou a câmera e a prendeu no cinto. Então ele pegou a submetralhadora com as duas mãos e olhou em volta em pânico. A qualquer momento um desses mutantes temidos poderia pular de um canto e atacá-lo! Ele mordeu o lábio nervosamente, quase assustado.

Se eu for morto, esse é o sacrifício que estou disposto a fazer. Eu não vou deixar esse medo me parar! Minha vida não é tão importante para mim, ele reuniu toda a coragem que pôde e seguiu em frente. De repente, um tiro ecoou em seus ouvidos. Veio da direção da pequena loja que ele estava passando.

Sprague parou e olhou para o prédio em ruínas. ANTIGUIDADES HARTLINE estava escrito na placa acima da entrada. O tiro veio de trás do prédio. Ele teve que se esforçar em quase todos os passos, Sprague foi silenciosamente como um profissional para os fundos da casa. O chão estava encharcado e as impressões de lama se formaram nas solas das botas. Então ele viu a garota na frente dele, ele queria ir até ela, mas escorregou e evitou cair com uma mão no chão. Depois disso, sua luva estava cheia de lama. Sprague continuou seu caminho.

*"Tem alguém aí?",* ele gritou na estufa.

O ar pesado e abafado congestionou a sala imprevisível. Mas, além disso, havia também um cheiro típico no ar, o mesmo que ele estava respirando desde que chegou a esta cidade, o fedor da decomposição. Na escuridão na parte de trás, ele viu uma capa marrom à luz da lâmpada. O coração de Sprague começou a acelerar, era o casaco que ele vira do helicóptero!

Ela está aqui. Graças a Deus! Eu finalmente a encontrei! Eu sabia! Lentamente, ele entrou na estufa e foi até a garota. Ela segurava a mão de um garoto, o mesmo garoto que provavelmente a havia arrastado para a segurança mais cedo. Ele estava deitado em uma lona e estava coberto de inchaços vermelho-preto por todo o corpo, como os infectados que foram atacados do lado de fora. Úlceras no couro cabeludo estouraram, sangue e massa cerebral se espalharam como poças grossas na lona. Sem dúvidas ele já estava morto. Ao lado da garota havia uma pistola. Eles cometeram suicídio juntos por medo e perda completa de suas personalidades e transformação em um desses zumbis?

Sprague correu para eles. O peito da garota subiu e caiu fracamente. Graças a Deus! Ele parou na frente dela e agachou-se ao lado dela, estudando seu rosto. No mesmo momento, sentiu um calafrio percorrer sua espinha. A pele da garota já estava gravemente afetada pela influência do vírus T. Ele chegara tarde demais. Uma vez infectado com o vírus, você não pode detê-lo, por mais que seu corpo tente combatê-lo. No final, o vírus sempre vence e toma posse total de sua vítima...

Sprague acariciou suavemente o rosto da garota com a mão com luvas brancas. As bochechas estavam inchadas, como se estivessem prestes a estourar. Sprague ficou impressionado com uma onda de resignação. A voz de Ambrose ecoou em sua cabeça:

*"Droga, o que estamos realmente fazendo aqui?"*

Sem uma luva protetora, eu nem estava autorizado a tocar sua bochecha. Essa é a realidade que criamos. A triste realidade. Ele desviou o olhar do rosto da garota e a estudou de cima para baixo. Ele rapidamente reconheceu outro fato triste que fez seu estômago revirar: a jovem estava grávida. Sprague viu um caderno ao lado dela. À luz da lâmpada, ele leu algumas linhas nela. Aparentemente, era o seu diário. Ele olhou em volta e respirou fundo. O que poderia ter acontecido com ela?

Nos canteiros e vasos havia mudas esporadicamente isoladas, crescendo e diminuindo as plantas. Sprague de repente sentiu como se nunca fosse capaz de se levantar novamente.

*"Quem é Você?"*

Sprague quase pulou de choque, a jovem de repente abriu a boca e falou! Ela abriu os olhos, suas pupilas negras pareciam querer bani-la. Quando ele brilhou seu rosto com a lâmpada, seus olhos se estreitaram.

*"Quem é você?",* ela repetiu com uma voz atormentada.

*"Eu sou Ren... RenSprague. Eu vim para te salvar!",* a voz de Sprague quase falhou, mas aparentemente ela não ouviu. As bochechas dela tremeram.

*"Estou morrendo?"*

*"Bobagem. Você não vai morrer tão cedo."*

Ele olhou para o diário e repetiu:

*"Estou aqui para salvá-la."*

Ela não respondeu. A garota deitada ao lado da lona havia fechado os olhos novamente. O peito dela subiu e caiu irregularmente. Impossível! Ela ainda está em sã consciência! Sprague caminhou incansavelmente para cima e para baixo da lona. Depois de alguns minutos, ele finalmente pegou o rádio.

*"Ambrose... Ambrose! Responde!"*

A voz monótona do soldado soou difícil de entender devido às falhas.

*"O que está acontecendo? Onde você está? Não resta muito tempo até o ataque nuclear!"*

*"Eu peguei ela. Encontrei uma sobrevivente. A garota de antes. Você tem que voltar para o helicóptero, pegar uma maca e trazê-la aqui! Nós a levaremos conosco!"*

Na voz de Ambrose, havia espanto, mas também uma pitada de dúvida.

*"Ela está saudável?"*

*"Não, ela está infectada. Mas ela está desmaiada."*

*"Mas é proibido ter contato com infectados! Não podemos levá-la conosco!"*

*"Ela está infectada, mas ainda está em sã consciência. Sua condição está realmente infectada, mas sua personalidade ainda existe! Uma reação muito peculiar. Essa garota pode ser de grande utilidade para mim em minha pesquisa de vacinas. Vou explicar isso aos superiores. Eu assumo total responsabilidade. Não temos tempo a perder, então se apresse!"*

*"Entendido",* a comunicação de rádio terminou.

Sprague voltou para a lona, onde a garota ainda estava respirando pesadamente. Abalado, ele estudou o rosto dela afetado pela infecção e os pensamentos mais aventureiros passaram por sua mente. Era possível que a menina sofresse de uma deficiência imunológica? Um defeito que levou ao fato de que o próprio sistema de defesa de seu corpo estava inativando o vírus? Talvez tivesse algo a ver com o fato de a jovem estar grávida...

Sprague foi lembrado das ideias de sua própria pesquisa antiviral: se o vírus atacasse e destruísse o complexo "sistema humano", significava a morte. Mas, de um ponto de vista mais alto, um novo elemento acidental foi adicionado à "estrutura química do homem"... Portanto, o vírus era, em última análise, algo diferente de um instrumento que criava uma nova ordem. As pessoas veem isso como uma doença simplesmente porque têm medo de perder a consciência individual, pensou Sprague.

O vírus-T atacou o indivíduo humano e, quando assumiu o sistema humano e tomou posse do corpo, as fronteiras foram dissolvidas e uma nova linha divisória foi traçada para o meio ambiente. Em outras palavras, os indivíduos que sofreram essa mudança foram os precursores de uma nova espécie!

Como essa jovem aparentemente apresentava um defeito em sua função imunológica, ela não poderia realizar esse "salto evolutivo". Por causa disso, ela havia sobrevivido ao ataque do vírus-T, cuja capacidade é de tomar posse de seu sistema imunológico e alterá-lo. Uma coincidência paradoxal... Sprague segurou a mão macia da garota. A menina estava tão vulnerável que foi um milagre ela ter sobrevivido por tanto tempo.

*"Eu quero que você viva!"*

Sprague olhou para o casaco da garota e encontrou a rosa bordada nele.

#### **\*4 de outubro, 00:15, sala de VR\***

*"Você não pode sair, Emily. Lá fora está cheio de bactérias."*

Seu pai riu e a abraçou por trás. Quantos anos ela tinha? Lembrou-se de como o sol da Califórnia brilhava e de quão escuro estava na sala. A pequena Emily mais uma vez não conseguiu passar despercebida. Ela resmungou tão baixinho que ninguém ouviu. Em frente à porta, as palmeiras sopravam ao vento. Na rua em frente à janela, um jovem pedalava sua bicicleta, o capacete que ele vestiu refletia a luz do sol azul.

Se você seguisse pela rua, chegaria ao movimentado centro de Los Angeles, com seus altos edifícios comerciais, as fachadas das janelas esticavam a paisagem da cidade como um labirinto espelhado em todas as direções. Lá, as ruas estavam cheias da agitação do povo.

Emily acabara de se recuperar de uma febre que durara uma semana inteira. Seus pais e ela mesma sofreram, sua morbidade já era rotina. E logo após a cura, ela não teve permissão para sair. Seu pai a pegou e a colocou nos ombros.

*"Vamos lá, vamos ao meu escritório. Eu vou te mostrar uma coisa especial, ok?"*

Em algum momento, os soluços de Hiromu Kinuta também desapareceram e se tornaram um ronco leve. As pernas de Emily doem porque ela está sentada há mais de uma hora. Ela levantou a cabeça, que estava enterrada entre os joelhos e lentamente abriu os olhos. Quatro pessoas, três homens e uma mulher, trancados em uma sala de dez por dez metros. Até agora, tornou-se duro. Havia um cheiro de uma mistura de sangue, suor e fluidez viscosa. A cabeça de Emily estava pesada.

A sala ainda estava hermeticamente fechada. Quanto tempo o oxigênio em uma sala desse tipo pode durar para quatro pessoas? Ela se atrapalhou por um tempo, mas simplesmente não conseguia se concentrar. Atrás da porta, ainda parecia que um chuveiro estava esguichando.

*"Agora entendi. Eu sou Carmen!", disse Emily*

*"Me Desculpe...? O calor já endoidou você?"*

Fuchs, que estava deitado de lado, abriu os olhos. Ele respirou uniformemente. O curativo temporário - ou melhor, o lenço - ficou vermelho com o sangue e a cor original não era mais reconhecível.

*"Não", Emily balançou a cabeça.*



De alguma forma, ela realmente se sentiu estranha, estava até muito doente. Ela não tomara as pílulas da noite. Naquele dia, seu pai lhe mostrou seu programa desatualizado de geração de texto auto-desenvolvido. Estranho que ela se lembrasse de tudo tão claramente agora, porque ela não pensava nas melhores conexões por um longo tempo. E, no entanto, agora ou apenas por causa da situação, ela havia batizado o sistema do instituto com o nome "Carmen", inconscientemente. Ela pensou em Ann. Seus pais mais tarde a apelidaram de Carmen.

Ela queria ir com os pais. Ela queria ir para Ann. Ela queria pressionar seu pequeno corpo quente contra o peito e nunca deixar ir. Ela pensou em "As aventuras de Huckleberry Finn" em sua mesa.

*"Quanto tempo teremos que ficar aqui?"*, Selfridge perguntou sombriamente.

Ele estava sentado em um canto da sala, com as costas contra a parede. Seus olhos estavam vermelhos e tinham fios secos de saliva nos cantos da boca. O homem está totalmente exausto, pensou Emily. Devemos lidar com nosso ataque com mais cuidado. Emily tirou a jaqueta suja e espessa de sangue.

*"Posso perguntar uma coisa?"*, Emily fechou os olhos.

*"Foi Ren Sprague quem levou você para a sala de cápsulas de Rose e o deixou entrar, certo?"*

*"Sim, é verdade."*, confirmou Fuchs.

*"Mas você disse que entrou com isso, certo?"*, ela puxou o gravador de voz do bolso.

*"Bem, isso foi uma ideia boba..."*, Fuchs corou levemente.

*"Na época, eu não tinha ideia dos planos reais de Sprague. Pensei que, na minha ingenuidade, tudo poderia correr bem e confiei nele, apesar de tudo o que estava acontecendo. No entanto... Rose queria fugir e ser livre"*, Ele apontou o queixo para Selfridge

*"Então você acabou cooperando comigo para o show acontecer?"*, Selfridge perguntou, bufando com raiva.

*"Cale-se"*, disse Fuchs

*"Colaborar..."*, Selfridge baixou os olhos para a pergunta de Emily e se silenciou.

*"Richard Fuchs é, em certo sentido, apenas um pseudônimo para o meu papel, que envolve o movimento de todas as empresas que se tornaram poderosas demais para correr o risco de se afastar da influência do Estado. A personificação de um consórcio poderoso: a identidade coletiva de uma organização em particular, bem como o papel a ser desempenhado nas operações"*.

Emily assentiu depois de deixar Fuchs descansar por um tempo. Talvez esse seja o significado original de autoridade, ela pensou. Existem inúmeras autoridades no mundo e muitas pessoas estão reunindo suas autoridades, suas personalidades, para impedir que a ordem entre em colapso. Se você pensar bem, autoridade e indivíduo não são necessariamente termos relacionados. Quando as pessoas se dão autoridade, algumas pessoas primeiro adquirem uma personalidade e então uma organização é criada.

O sistema humano nada mais é do que uma única existência fraca de um "eu" que precisa ser gerado para separar do "você". Um sistema imunológico. Mas o vírus-T ataca o sistema de defesa e quando o destrói, o ego se turva visivelmente e o homem, despojado de sua demarcação, se dissolve no mundo sem conseguir manter sua consciência.

Os pensamentos de Emily se voltaram para Rose. O vírus que se espalha nos rouba a individualidade como seres humanos e o abstrato "Rose" já passou por todo o instituto de pesquisa. Nós estamos em Rose. Talvez não passemos de elementos individuais que juntos formam a organização Rose.

*"Tornei-me a encarnação dessa autoridade e tentei rastrear os apoiadores das empresas. Quanto maior o grupo, mais produtividade toca em segundo plano. Coleta as informações e as registro no sistema que as vaza para a mídia de massa para que o mercado e a estrutura de poder sejam controlados".*

*"A Umbrella foi considerada uma ameaça?"*

*"Mais do que isso. E o fato de eles terem se tornado cada vez mais orientados para a Europa e de não poder excluir uma realocação do escritório principal foi o fator decisivo. Não esqueça que armas nucleares foram usadas para remediar as consequências do acidente em Raccoon City. Os Estados Unidos simplesmente não ignoraram esses incidentes".*

*"Eu pensei que a Umbrella era na América..."*

*"Não é tão fácil. É claro que a Umbrella é mais do que apenas uma empresa farmacêutica comum. A Umbrella também é uma corporação, esse é um segredo aberto. E os altos executivos mantêm conexões até os mais altos níveis do governo. Precisamente por esse motivo teria sido crítico se essa empresa, com seu vírus estrategicamente importante e a vacina associada, fosse realocada para a Europa, o que teria destruído o equilíbrio global. O desenvolvimento de uma vacina para esse vírus biológico é, é claro, a maior prioridade. A ordem que recebi foi investigar o Projeto Rose e obter informações sobre as atuais intenções da Umbrella. E devo roubar a vacina em desenvolvimento, como uma espécie de promessa."*

*"Você quer a vacina como penhor?"*, Emily perguntou.

*"Como pressão política contra a Umbrella. Aqueles que seguram a vacina na mão não precisam temer o efeito do vírus-T."*

Fuchs olhou para Selfridge.

*"Ele planejava trair a Umbrella e correr para outra empresa farmacêutica. Como um rato saindo do navio afundando. Mas ao redor do navio nada mais é do que um oceano escuro."*

Selfridge lutou.

*"Ele se aproveitou de mim! Ele me fez acreditar que havia uma empresa que queria comprar a vacina. E eu acreditei nele!"*

*"Como você sabe, eu era o escotado diretor do instituto em Raccoon City na época do acidente. Eu era um soldado da Umbrella. Passamos por esse inferno juntos, vimos o horror com nossos próprios olhos. Naquela época, decidimos que algo assim nunca mais aconteceria e que a Umbrella teria que ser destruída. Esse era o nosso, pelo menos, meu objetivo. Entrei em contato com a organização usando o nome Richard Fuchs e informei que tinha informações sobre a Umbrella e poderia obter mais. A propósito, Selfridge acabou entrando em ação como um meio para atingir um fim. Além disso, Raccoon City, que havia abalado os preços das ações da Umbrella, imediatamente concentraram sua atenção aqui e exigiu que terminássemos o jogo. Logo, a vacina. Se eu a tivesse roubado, o impedimento e o valor do vírus-T seriam zero".*

*"Mas Sprague tinha outros planos..."*

*"Não me importo com o que ele realmente pensou", retrucou Fuchs.*

*"Ele não está certo na cabeça!", Selfridge exclamou com raiva.*

*"De qualquer maneira, esse é o fim agora. Todos nós vamos morrer aqui",* Fuchs fechou os olhos e parecia ouvir o barulho do chuveiro vermelho escuro no corredor do lado de fora.

*"Morrer? Como...?",* Aparentemente, Hiromu Kinuta havia acordado novamente. Ele esfregou os olhos com uma expressão vazia no rosto.

*"O que... ainda não acabou?",* ele gritou. Todo o seu corpo tremia quando ele passou os braços pelos joelhos.

Emily o observou sem palavras. Os canos sobre suas cabeças começaram a gritar cada vez mais estridente. Ela sabia que eles não durariam muito tempo. Emily respirou fundo. O nome da filha assombrou seus pensamentos. Agora ou nunca... Esta é a última chance. Ela se endireitou.

*"Ainda não podemos desistir. Vamos dar uma olhada nos fatos..."*

Fuchs também se levantou com uma expressão de dor no rosto e olhou para Emily.

*"Exatamente. Temos que fazer alguma coisa."*

*"Bem, primeiro houve o acidente da Reena Mittford. Isso foi planejado ou foi um acidente real?"*

*"Foi um acidente",* respondeu Fuchs.

*"Sprague disse que foi um acidente."*

Emily assentiu e continuou.

*"Então a vaca infectou tudo com o vírus. Isso não foi coincidência, certo? Ulysses Allam jogou-a no reservatório."*

*"Sprague acha que Allam foi capturado por Rose enquanto secretamente usava a máquina de VR com Reena",* Kinuta olhou para o tanque enquanto ele falava.

*"Sim",* Emily olhou para a mão dela.

*"Está certo. Então esses dois incidentes ocorreram no mesmo lugar."*

*"O que isso significa?",* Selfridge soou.

*"Simplificando. Ambos foram manipulados por Rose no mundo virtual, que os usou como médium. Eles se conheceram aqui como namorados, entregando-se ao ciberespaço, mas foi um trio desastroso. É nisso que se trata, certo?"*

Selfridge balançou a cabeça em aborrecimento, coçando a cabeça careca.

*"Aqueles idiotas! O que eles achavam que essa máquina extremamente cara realmente é? Um parque de diversões? Idiotas infantis...!"*

Emily o ignorou e continuou falando.

*"E então ocorreu a falha de energia. E quanto a isso?"*

*"O timing foi perfeito demais. O surto de contaminação, a disseminação furiosa do vírus e depois essas estranhas gravações em vídeo..."*

Kinuta apertou o queixo duplo e abaixou os olhos.

*"Eu concordo. Talvez Carmen tenha sido assumida durante a falta de energia. A falta de energia gradualmente controlou o sistema e, eventualmente, o utilizou incorretamente."*

*"Quando estava completamente sem controle, Rose foi libertada, certo? Mas por que?"*

*"É sobre a 'pesquisa'. O objetivo é que a vacina devore o vírus".*

*"Só um momento. Rose é mais do que apenas uma vacina? Algo como uma... coisa viva?",* Kinuta berrou.

Dentro de Emily, uma ideia despertou.

*"Os impulsos contínuos da realidade virtual. Um sistema que envia feedback sobre sinais elétricos. É a verdadeira forma do 'Projeto Rose'! E se houver uma entidade viva agindo como um deus para este mundo? Colocaria todos os seus sentidos ilimitados para dentro dele. E se este instituto de pesquisa, como Sprague disse, estiver realmente preso no sonho de Rose?"*

*"Aqui", Emily foi ao tanque.*

*"Talvez possamos entrar em contato com Rose."*

Os três homens assistiram irritados enquanto Emily andava de um lado para o outro.

*"Kinuta, levante-se e me ajude. Farei um mergulho no VR. Entrarei no sistema a partir do tanque e recuperarei Carmen. Se eu puder lidar com as funções do sistema de controle, poderemos escapar daqui."*

Kinuta olhou para ela com um olhar confuso. Emily olhou para os canos no teto, o que fazia barulhos ainda mais perturbadores. Ela tinha que fazer isso antes que todos pudessem aqui!

*"Vamos entrar na simulação de realidade virtual sem os comandos da Carmen?", Kinuta perguntou, obviamente abalado pelo olhar de Emily no teto.*

*"O terminal e o supercomputador do tanque estão conectados localmente e não podem ser influenciados pelo sistema. Portanto, ele deve funcionar".*

Emily olhou para os três supercomputadores embutidos na parede.

*"Kinuta, sente-se no terminal e tente colocar o sistema em funcionamento o mais rápido possível. Procure os sinais de Carmen e chegue até eles. E eu..."*

Ela olhou para o tanque com os olhos estreitados.

*"Vou subir nesta caixa mágica e encarar suas fantasias."*

Emily encontrou o traje de borracha na entrada atrás do tanque. Estava lá exatamente como havia deixado na última vez e rapidamente se moveu para trás do contêiner. Então ela subiu a escada e abriu a escotilha redonda. O tanque estava cheio de líquido verde-amarelado e a cabeça de Emily estava cheia de dúvidas. O que aconteceu com ReenaMittford também pode acontecer comigo. Na pior das hipóteses eu vou morrer neste caldo viscoso...

De repente o líquido verde-amarelado lhe pareceu a entrada do submundo. Para afastar sua incerteza ela se concentrou totalmente na tarefa à frente. Ela puxou a mangueira que se projetava da escotilha do tanque e a conectou ao traje. Com um som como se uma cortiça estivesse sendo retirada, o fluido começou a escorrer pelas cavidades do traje. Apesar da borracha grossa, ela estava com muito frio.

Emily tirou os óculos de realidade virtual e olhou para o espaço circundante. Talvez não fosse uma visão particularmente refrescante: alvenaria de concreto e tubos de teto desencapados... Uma realidade pouco atraente.

Selfridge estava sentado ao lado da porta, sem palavras escritas em seu rosto. Kinuta estava envolvido no trabalho em frente ao terminal e Fuchs olhou para ela depois que ele lentamente encostou a parte superior do corpo contra a parede. Sua perna parecia machucá-lo, pelo menos seu rosto estava distorcido pela dor. Ela queria gravar tudo o que via em sua memória para que a imagem se tornasse uma âncora que a mantinha neste mundo.

*"Ok, liguei o sistema VR", Kinuta chamou do terminal para Emily.*

*"Você tem certeza de que quer fazer isso?"*

Emily mostrou sua determinação com um aceno confiante. A máscara de oxigênio a impediu de falar, ela estendeu o braço direito e levantou o polegar. Kinuta voltou-se para o monitor.

*"Por favor, não demore muito. Se você sentir uma anomalia, me mande uma ligação de emergência imediatamente, ok?"*

Emily respirou fundo e depois colocou os óculos. Ela as pressionou com força no rosto, de modo que o ar escapou com um assobio e os óculos de realidade virtual se fundiram com ela. Então ela olhou para a superfície do líquido e mergulhou silenciosamente no tanque.

#### **\*4 de outubro, 01:00; máquina VR\***

Estava escuro. Uma escuridão que absorvia toda a luz. Depois de um tempo picos surgiram à distância, multiplicaram-se e se espalharam rapidamente. Logo a paisagem montanhosa noturna da Guatemala se estendeu por Emily. Um cenário baseado em dados topográficos do mundo real. Emily olhou atentamente para a selva gerada por computador. A floresta era real, não parecia um modelo. As texturas com as quais as árvores foram fornecidas se expandiram em alguns lugares de maneira não natural para se ajustar à grade. Mas, quando tocados, pareciam árvores de verdade. Havia até um cheiro de madeira de árvores vivas no ar. Mas, para Emily, agora era necessário penetrar mais profundamente no sistema - no núcleo que se escondia por trás dessa simulação. A verdadeira forma da máquina VR. Ela tinha que entrar nessa caixa preta.

Emily chamou um teclado virtual na frente dela. Por causa da máscara de oxigênio que ela estava respirando, nenhuma troca de idiomas com o mundo exterior era possível. É por isso que o teclado foi desenvolvido. Emily pairava na frente de algumas letras brilhantes no ar. Uma interface imaginária baseada em algoritmos matemáticos. Emily passou os dedos sobre este teclado.

ESTÁ TUDO BEM. TUDO OK NA ÁREA. EU ESTOU SEGUINDO EM FRENTE.

Pelo fone de ouvido veio a voz alta de Kinuta.

*"Entenda. O sistema está muito bem protegido. Eu não esperava menos. Embora conheça todas as senhas do instituto de pesquisa, acho difícil chegar lá. Portanto, aproveite a exploração. Aproveite a vista das montanhas, certo?"*

Emily riu atormentada. Para Kinuta, obviamente, não era novidade substituir as restrições. Eu sou realmente uma péssima chefe. Bem, de qualquer maneira, pensei desde o início que não sou apta para posições de liderança. Emily olhou para o céu. No céu noturno, uma grande lua cheia era visível. Mesmo que essa lua fosse apenas uma ilusão. Ao contrário do mundo real, parecia uma fonte de luz fixa que estava próxima.

A lua estava aqui apenas para tentar tornar este mundo mais vivo, não é o corpo celeste real que orbita a Terra. E não apenas a lua, mas também todas as outras coisas que existem neste mundo podem ser subdivididas em categorias elementares para esse ser que estão por trás de tudo o que é visto, ouvido, cheirado ou sentido. No caso do sentido da visão, por exemplo, padrões de grade e textura...

Se Sprague tivesse realmente tentado criar a vida de Rose apenas usando uma simulação que se aproveitasse dessas realidades virtuais, como seria essa vida? Rose saberia sobre o mundo real? Emily olhou para a cordilheira distante. Rose não sabia sobre o Caribe além das montanhas. E os padrões de movimento das ondas

que estavam lá eram muito complexos para a representação atual refletir com precisão.

Em algum momento, chegará o dia em que todos os movimentos das ondas no mar poderão ser mostrados em tempo real. Para Rose, essa realidade artificial e disforme, talvez algum dia chegará no momento em que ela conhecerá o mar. Enquanto Emily contemplava esse cenário desganhado, preso e aprisionado em máquinas, vagando em algum lugar na fronteira entre homem-máquina, ela foi tomada pela melancolia. Sprague, o que você estava tentando fazer?

*"Bom, eu estou no sistema! Chefe, há alguma mudança?"*

As texturas nas grades se libertam dos modelos e se desintegram em partículas que desaparecem como pixels. Até a floresta que se tornara um esqueleto de treliça inorgânica começou a desmoronar rapidamente... Não, pelo contrário, as linhas formaram novas estruturas.

HÃ, SIM...

Emily queria digitar alguma coisa no teclado, mas parou e olhou para os arredores, intrigada. Depois que a repentina tempestade de formas geométricas diminuiu, ela de repente se viu no metrô. Era o cenário que ela já conhecia das imagens de vídeo. Não havia passageiros no metrô. Estava quieto. Ela parecia estar no vagão da frente do trem.

Emily sentiu algo quente correr por suas pernas e quando olhou para baixo, aquele calor fofo acabou sendo um gato preto. O gato se moveu em direção ao vagão traseiro e depois parou. Ele olhou de volta para Emily com seu rabo balançando suavemente no ar. Parecia que ele estava pedindo que Emily o seguisse.

*"O que está acontecendo? Por favor, responda!"*, a voz de Kinuta soou no fone de ouvido.

Emily digitou sua resposta sem tirar os olhos do gato. Ela estremeceu, depois o seguiu.

ESTÁ TUDO BEM, ESTOU ME MOVENDO.

*"Hã?"*

Depois que Kinuta recebeu a resposta de Emily, ele notou um sinal estranho e inclinou a cabeça. Além dos sinais do tanque, outra assinatura de acesso apareceu de repente. Isso significava que alguém estava acessando o sistema VR de fora. Agora, neste exato momento!

*"O que é isso?"*, perguntou Fuchs, que assistia ao lado de Kinuta e da tela.

*"Além da nossa conexão local, alguém tem acesso ao sistema."*

*"É Sprague?"*

Kinuta apressadamente digitou comandos e tentou localizar a fonte do tráfego. Isso foi surpreendentemente fácil, o resultado foi ainda mais surpreendente.

*"O acesso é através de todos os cinco servidores do instituto e também da cápsula de Rose. Um grande aumento de números singulares também!"*, Kinuta olhou para Fuchs surpreso.

*"E isso significa?"*, Perguntou Fuchs.

*"Talvez seja Rose. Uma entidade de informação, como Carmen. A superestrutura, a encarnação de todas as informações dentro da rede."*

*"Bobagem. Eu vi Rose em Raccoon City em pessoa. Ela era uma menina de carne e osso"*, respondeu Fuchs.

*"E eu que pensei que Rose era uma vacina?"*, Selfridge gritou da porta.

Kinuta colocou os braços atrás da cabeça e pensou por um tempo. Rose não tinha mais um corpo físico; nada a entender concretamente. Os seres vivos tendem a consistir em mente, corpo, espírito...

*"Claro!"*

De repente ele gritou e pulou animado. Aliviada pelo peso de Kinuta, a cadeira deu um grito agudo.

Se alguém considerar mente, corpo e funcionar exclusivamente como uma unidade, a resposta está oculta. Mas Rose não é uma unidade, ela é uma coisa viva dividida em várias partes. Ela tinha uma mente na forma de informações da rede, um corpo na forma de caldo de lama e, finalmente, teve um papel como vacina contra o vírus através dos seus anticorpos.

*"Não foi o diretor que assumiu Carmen, mas a própria Rose...!"*

Fuchs levantou uma sobrancelha em resposta aos murmúrios de Kinuta.

*"E os videocliques no sistema são os pensamentos e lembranças dela. Aqui, e somente aqui, existe um mundo para Rose viver"*, Kinuta mudou o monitor para o modo de vídeo e ficou surpreso com o cenário que apareceu na tela. Essas não eram mais as montanhas da Guatemala. Era o interior de um... metrô?

O olhar de Emily se moveu lentamente no metrô furioso, balançando levemente ao ritmo de seus passos. Na escuridão à sua frente, havia um barulho de bagagem. Kinuta ficou surpreso quando percebeu que sua respiração havia acelerado. Ele agarrou o peito perto do coração com as duas mãos mas o batimento cardíaco acelerado não queria se acalmar. Neste momento, tocamos no âmago de todos os eventos. Fuchs gritou no microfone:

*"Senhorita Ran, há mais alguém que está acessando a simulação! É muito perigoso. Saia daí!"*

*"Do que você está falando? Estamos apenas chegando ao fundo da verdade"*, respondeu Kinuta, assustado.

*"Se alguém de fora pode controlar o sistema aqui, pode cortar facilmente o suprimento de oxigênio! Precisamos abortar a missão imediatamente!"*

*"Mas..."*

Uma mensagem de Emily apareceu no monitor.

TUDO ESTÁ INDO COMO PLANEJADO. CARMEN ESTÁ SOB NOSSO CONTROLE DE NOVO. POR FAVOR. AGORA DEVE SER POSSÍVEL CONTROLAR O SISTEMA DE CONTROLE DE VENTILAÇÃO.

Fuchs e Kinuta se entreolharam. Kinuta pulou para trás em sua cadeira e golpeou ansiosamente o teclado. Uma exibição de status dos sistemas de ventilação internos apareceu na tela. Imediatamente ele deu ordens para impedir o vazamento do vírus no corredor em frente à sala de VR e os respingos que ouviram do lado de fora ficaram em silêncio instantaneamente.

O barulho era insuportável. Emily queria tapar os ouvidos, mas com o barulho vinha direto do fone de ouvido, era um esforço inútil. Não havia mais nada a fazer senão tentar ignorar a bagagem barulhenta. Emily pensou ter ouvido alguém gritando por ela no meio do barulho estridente, mas esteve muito ocupada concentrando-se no que havia pela frente.

Seu campo de visão era severamente limitado e ela tinha medo de perder de vista o gato à sua frente. O gráfico também foi severamente perturbado pela comoção. Era como se o gato preto pudesse desaparecer a qualquer momento por uma das muitas pequenas rachaduras que se abriam por toda parte.

Um palhaço com pompons coloridos passou por ela. Emily olhou para ele atentamente, mas o palhaço não respondeu, dando a impressão de uma mente completamente incapaz. O gato preto agora estava correndo mais rápido e parecia estar indo direto para os vagões traseiros. Mas assim que o gato entrou no vagão seguinte, ele subiu no ar e desapareceu sem deixar rasto.

Emily parou e olhou em volta, preocupada. Embora a pista oscilasse violentamente, ela não teve problemas em manter o equilíbrio. Ela se aproximou de um dos assentos onde uma garota solteira estava sentada. Talvez ela estivesse dormindo porque permaneceu imóvel. Embora tivesse que ser uma pessoa virtual em uma realidade virtual, ao contrário do palhaço, essa garota exibia uma presença muito real. Ela tinha o rosto de Reena Mittford. Emily ligou para o teclado virtual.

VOCÊ ESTÁ... - Emily começou a contatá-la.

A garota olhou para ela distraidamente como se estivesse olhando para Emily, mas não a percebendo. Sua consciência parecia habitar em uma distante terra dos sonhos.

*"Nós nos conhecemos...?"*, a menina perguntou. Era impossível para Emily dizer se era Reena ou qualquer outra pessoa.

*"Você pode me dizer seu nome?"*

A garota fez uma careta ao ouvir a pergunta de Emily. Emily sentiu um calafrio nas costas porque não parecia uma mulher fazendo uma careta. Parecia que um pedaço de papel estava sendo enrugado.

*"Vá embora"*, disse a garota.

*"Ei, quem é você?"*, Emily entrou rapidamente no teclado.

O trem parou e a garota se levantou. Parecia que ela queria descer nesta estação.

Ao sair do compartimento, a garota quase sussurrou:

*"Alma... Alma Hartline. E quem ou o que você é? Você é humana?"*

Com a resposta já nos lábios, ou melhor, na ponta dos dedos, Emily percebeu que de repente estava de volta a outro lugar. Ela suspirou, ligou o teclado virtual e digitou uma mensagem para Kinuta.

KINUTA, COMO VÃO AS COISAS AÍ?

Ela ouviu atentamente e tentou filtrar a voz de Kinuta do fluxo de barulho. Mas por mais que ela se concentrasse, ela não conseguia ouvir uma resposta.

*"Um sucesso completo. Carmen está ativa de novo!"*, Kinuta gritou no microfone.

*"Chefe, parece que temos controle total sobre o sistema de aeração novamente!"*, cartas apareceram na tela.

EM ORDEM PARA FAZER TUDO FUNCIONAR, PURGE ROSE DO INSTITUTO.

*"Estou nessa"*, Kinuta murmurou, lambendo os lábios alegremente.

Ele fechou as mãos e poderosamente estalou os nós dos dedos. Então ele voltou para o teclado. Ele não sabia o porquê, mas toda a situação era muito divertida. O pânico de ficar preso e cercado desapareceu completamente.

*"Isso é realmente tudo tão fácil?"*, sussurrou Fuchs, que estava ao lado de Kinuta e ergueu as sobrancelhas para enfatizar seu ceticismo.

Kinuta parou os dedos por um momento no teclado e sorriu brilhantemente para Fuchs.

*"É como o ovo de Colombo. A solução pode ser mais simples do que parece, como previsto pela Emily Ran. Quem é que seja nosso oponente, provavelmente*



*não esperava que entrássemos diretamente na cova dos leões. No final, quem agir melhor vence."*

Entrada por entrada, as telas dos sistemas de ventilação individuais passaram de vermelho para verde novamente. O mapa de pesquisa do instituto no setor de tela superior esquerda indicava que agora todos os sistemas de ventilação estavam parados.

*"Tudo bem, está feito. Apenas um pouco mais deste mistério para desvendar. Mas..."*

Kinuta parou os dedos, que atravessaram o teclado a uma velocidade impressionante e parou para pensar. Pouco tempo depois, ele começou a dar ordens novamente com uma velocidade impressionante.

*"O que você está fazendo agora?"*, perguntou Fuchs.

*"Mudando da nossa conexão local para a rede... Procurarei Rose nos servidores."*

Kinuta levantou a cabeça.

*"Esta é a nossa chance. Vamos jogar Rose para fora da rede!"*

*"Tome cuidado. É muito mais importante verificar o status..."*

Fuchs agarrou o braço de Kinuta. Ele olhou para Fuchs um pouco irritado. Mas ele realmente não entende nada. Esta é a chance de finalmente se livrar de Rose.

*"Tudo bem, até isso deve satisfazer você..."*, Kinuta deu um comando de mão.

*"Agora eu tenho a conexão local e a rede sob controle ao mesmo tempo"*, o polegar dele impacientemente bateu na borda do teclado.

De repente, houve um som de assobio quando o ar comprimido saiu e a porta que deveria estar trancada abriu. Selfridge, que sentara letargicamente em frente à entrada, pulou assustado. Na porta estava uma mulher alta. Ela tinha longos cabelos negros, um rosto como porcelana e seus membros esbeltos tremiam. Seu macacão rasgado pendia em trapos em seu corpo.

*"O que você está fazendo?"*, Kinuta franziu o cenho.

Ele caminhou lentamente em direção à mulher, quase como se estivesse em transe.

*"O que você está fazendo aqui... Reena?"*

*"Ei, não se aproxime!"*, alertou Fuchs.

Kinuta parou no meio da sala. A água vermelha e lamacenta que choveu pelos corredores entrou no quarto entre as pernas da mulher e se espalhou pelo chão como uma película de óleo. Kinuta sentiu cada um dos pêlos do corpo se endireitar. Selfridge lentamente percorreu a parede em direção ao tanque.

*"Ei, Kinuta! Dê uma olhada nisso! O que aconteceu agora?"*, a voz veio de Fuchs.

*"O que foi?"*, Kinuta respondeu.

*"As luzes verdes estão lentamente ficando vermelhas de novo!"*

Essa observação de Fuchs parecia ter sido um sinal. Uma detonação, como se o metal batesse um contra o outro e o ar comprimido saía pelas aberturas do sistema de ventilação. No momento seguinte a água barrenta vermelha começou a irrigar o corredor do lado de fora.

*"Nós fomos enganados!"*

Kinuta tremeu. Rose estava esperando ele abrir a conexão local e a rede ao mesmo tempo. E agora ela estava aproveitando todo o poder necessário para

eliminar os corpos estranhos que invadiram o sistema de VR. A parede protetora não durou muito.

*"Aqui, Kinuta! Me ajude a tirá-la do tanque!"*

Kinuta olhou em volta. Richard Fuchs subiu no enorme cubo de metal e gritou em sua direção. Ao lado de Fuchs estava Christian Selfridge que também olhou na direção de Kinuta. Mas os joelhos de Kinuta eram tão macios quanto o pudim e ele não conseguiu colocar um pé sobre o outro. Segundos depois, ele finalmente se livrou da paralisia e tentou entrar em uma das áreas traseiras da sala. No entanto, ele escorregou na água barrenta vermelha e caiu no chão. Seu corpo estava coberto de muco vermelho.

*"Por que você está tentando escapar?",* Reena perguntou, rindo atrás dele.

*"Para onde você quer fugir?"*

Os longos braços de Reena serpentearam ao redor do pescoço de Kinuta. Dos poros de seus braços, inúmeros pontos vermelhos brotaram, que gradualmente aumentaram e finalmente obscureceram completamente seu corpo, como num lapso de tempo.

*"Vocês..."*

Kinuta virou-se e olhou para o rosto de Reena. Ele congelou por um momento. Não havia nada onde o rosto deveria estar. Um mundo vermelho, repleto de nada se espalhou por lá. O líquido escorrendo pelo chão se reuniu ao redor de Reena, a cercou e começou a se fundir com ela.

*"Desta forma estamos unidos"*

O peito de Reena se abriu e um segundo rosto se mostrou. Ele olhou para Kinuta, que mudava constantemente como mingau em uma panela e desenhava novas formas. O rosto deu uma risada alta. O grito de socorro de Kinuta ecoou pela sala. A lama vermelha cobria completamente Reena e ela se tornou um enorme caroço roxo, semelhante a uma geleia que balançou, se contorceu e finalmente absorveu Kinuta.

A cena mudou. Novamente Raccoon City. Uma situação que já havia sido vista nos monitores do instituto. Zumbis humanos que comem carne andando pelas ruas... Emily se escondeu atrás da pilha de entulho mais próxima. Seu coração parecia dar um pulo selvagem no peito.

O traje de realidade virtual carregava até o vento abrasador causado pelos incêndios em toda parte. O cheiro de carne queimada estava no ar e o cheiro era tão extremo que Emily queria arrancar a máscara de oxigênio, que teria desligado todos os componentes dos cheiros simulados. Ela estava lutando por seu autocontrole.

*"Mantenha a calma, isso nada mais é do que uma realidade virtual. Não há perigo. Eu estou no tanque."*

Uma pessoa infectada passou cambaleando diante de seu rosto. Emily prendeu a respiração quando o homem não a notou, mas ficou assustada por um motivo muito diferente.

*"Esse é... Robert Prasch!"*

Sem pensar, Emily queria correr atrás do homem, mas parou abruptamente em seu movimento. Essa era, sem dúvida, a fisionomia de Prasch. O rosto afundado, inexpressivo e parecido com uma múmia que ela conhecia o suficiente das telecomunicações. Oh sim, era aquela cara que ele fazia na Telecom!

A realização atingiu Emily como um raio. Ela pulou de trás da pilha de escombros e estudou os cadáveres ambulantes. Todo mundo tinha rostos que ela já tinha visto em algum lugar antes. Muitos obviamente usavam as imagens de identificação do servidor dos funcionários que serviam para comunicação via Telecom. Quase parecia que eles estavam disputando entre os figurantes em um novo filme de terror. Os retratos foram colocados como texturas sobre as cabeças das modelos!

Em algum lugar aqui talvez um cadáver também tenha a minha face. Estremecendo, Emily olhou para as pessoas que cambaleavam. É quase como uma paródia do nosso instituto de pesquisa. Ren Sprague havia dito que os eventos no instituto eram semelhantes aos de Raccoon City e estava convencido disso. E nessas fotos aqui, Raccoon City imita os eventos dentro do instituto como um salão de espelhos de uma feira. Uma sensação de levitação, como se alguém tivesse sido jogado em um dilúvio eterno de reflexões.

Risos altos surgiram. Quando Emily levantou a cabeça, o gato preto estava empoleirado no topo da pilha de detritos. O gato pulou, deu alguns passos e depois olhou para Emily.

*"Você quer me levar a algum lugar de novo, não é?"*

Emily seguiu o gato e caminhou até uma quadra de basquete cercada em uma rua maior. Havia apenas um menino e uma menina no campo. O gato desapareceu em algum momento. Mesmo antes de Emily abrir o portão e entrar na quadra, Emily já sabia quem eram os dois jovens.

Os olhos de Emily caíram em Ulisses (Frank). O garoto ficou de pé com as pernas afastadas, encostado no poste da quadra de basquete e olhando indiferentemente para o céu. A garota estava deitada no campo com os braços e as pernas esticadas, olhando também para o céu. Ambos mostravam sinais claros de infecção. Lágrimas de sanguena pele, manchas no rosto e, em alguns lugares, carne nua. A garota tinha uma aura estranha e bem real, que faltava ao outro personagem aqui. Reena (Alma) olhou para Emily e riu.

*"Finalmente você veio."*

*"Você está por trás disso tudo?"*, Emily ligou o teclado e pressionou-o sem sentido. Ela mudou de ideia várias vezes e teve que corrigir a calúnia. Reena/Alma assistia com um sorriso.

QUEM É VOCÊ?

*"Eu te disse, sou Alma Hartline. Quantas vezes mais você vai perguntar?"*

SEU NOME NÃO É INTERESSE PARA MIM. EU QUERO SABER QUEM VOCÊ É. O QUE VOCÊ É?

"Uma rosa... aberta a tudo, absorvendo tudo, tornando tudo próprio", ela persistiu nessas palavras como se estivesse distraída.

Impaciente, Emily se ajoelhou e a sacudiu. Nenhuma reação. Apressadamente, Emily ligou o teclado e digitou uma mensagem.

ROSE... TUDO BEM, JÁ ENTENDI

A menina assentiu.

ONDE ESTÁ A REN SPRAGUE?

A garota olhou para Emily e balançou a cabeça.

*"Sprague...? Eu não conheço nenhum Ren Sprague."*

Emily caiu de joelhos e olhou para o céu onde um helicóptero estava circulando.

*"Meu diário... eu tenho que pegá-lo. Há muitas coisas lá... Diga-me, eu realmente estou fedendo?"*

Essa observação deixou Emily ciente de algo. Por alguns momentos o fedor desapareceu em seu nariz. Além do mais, o ar que entrou em sua máscara ficou mais fino e mais escuro. Não há mais oxigênio! Emily mal conseguia respirar.

KINUTA, KINUTA! MERDA, O FORNECIMENTO DE OXIGÊNIO ESTÁ INTERROMPIDO. SOCORRO! POR FAVOR AJUDE!

Emily trabalhou nas teclas. Reena/Alma olhou para cima. O céu foi elevado por tempestades. Emily chamou a interface virtual e a calibrou na rede. Todas as texturas descascaram, o mundo permaneceu apenas como uma grade de treliças. Mesmo que a forma fosse simples, a grade não formava nada além de um único cubo enorme. Emily estava no meio desse cubo sem forma. A qualidade do som agora estava nítida e livre de ruídos e a velocidade de processamento era incrivelmente rápida.

Emily estava assustada, quase em êxtase. Ela discou a cópia de backup de Carmen dentro do sistema e se preparou para reiniciar. Uma Carmen recém-nascida... Mesmo que ela morra, você poderia criar rapidamente uma nova.

*"Carmen, oxigênio, por favor!"*

Sentindo-se envergonhada, Emily pensou que estava passando por várias cenas: uma avenida, o interior de um ônibus, um cemitério, uma estufa... E ela entendeu. Esta não era uma caixa preta de informações. Tudo era ilusão. Uma litografia de conhecimento em que as reações foram falsificadas como consciência. Não mais que um diário cheio de lembranças de um passado. Seja o pé de cabra do imperialismo ou um toque de ternura, uma história ainda permanece uma história. Ren Sprague apareceu nos olhos de sua mente. Seus cabelos claros, seu rosto emaciado, marcado por inúmeras decepções e julgamentos. Os anseios de Sprague haviam produzido esta história. E a história, afinal, devorara Sprague.

A resposta é tão fácil! Eu também contribuí para esta história. Carmen não causou nenhum problema, apenas brincou com Rose sem nenhuma resistência. Rose e Carmen eram uma desde o início.

*"Ótimo, é você, Emily?", o pai dela riu.*

O programa de geração de texto reuniu aleatoriamente os episódios. Era assim que este jogo funciona. As histórias armazenadas nas quais os usuários digitam se encontraram e são entrelaçadas. Dessa maneira, gradualmente uma estranha colagem de histórias individuais passa a existir.

O corajoso alfaiate apareceu de repente nos Contos das Noites Árabes, e Dom Quixote brigou com o capitão Ahab... Mas o programa poderia fazer ainda mais. Até uma simples conversa era possível com ele.

QUEM SOU EU?, entrei com meus dedos desajeitados por cima do teclado.

Após uma breve reflexão o sistema desatualizado responde: CARMEN. VOCÊ É CARMEN.

*"Esse é o nome da mulher que participou de tudo!", disse seu pai*

A partir de então, eu fui Carmen e minha filha receberia o mesmo apelido.

*"Você não pode sair, existem bactérias demais lá fora!"*

Minha filha, minha doce e pequena Carmen, que herdou meu fraco sistema imunológico. Eu dei esse nome a você... Carmen imediatamente colocou todos os sistemas de ventilação fora de serviço.

*"Entendido."*

Emily respirou fundo - até mesmo essa Carmen provavelmente seria tomada por Rose novamente, mas isso não podia ser interrompido. Emily verificou o tempo projetado nos óculos. Já eram 02:00 da manhã. Ela decidiu definir a data do renascimento de Carmen como uma IA às 03:00 - a hora da verdade.

De repente o mundo estava tremendo. O barulho alto voltou ao seu padrão habitual e a existência de um cubo de grade simples se dissolveu de um momento para o outro. Seu campo de visão de repente se tornou negro como azeviche e o pânico tomou conta dela. Ela bateu e chutou onada de uma maneira histérica.

No meio da escuridão perfeita, absorvendo toda a luz, Emily nadou selvagem e aleatoriamente no líquido pegajoso, procurando uma saída. Embora o tanque tivesse apenas cinco metros de largura, não havia saída a ser encontrada. Era quase impossível distinguir de cima e de baixo na água pesada mas, de repente, algo redondo apareceu como a luz no fim do túnel.

O pequeno mundo quadrado virou de cabeça para baixo. Com toda sua força, Emily trabalhou seu caminho para a luz. Uma mão forte alcançou seu braço, puxando-a para cima e, antes que ela percebesse, Emily foi puxada para fora do tanque. Ela se agarrou ao braço que a segurava, subiu até ele e saiu em cima do tanque, depois de um movimento de rolagem. Ela estava se sentindo ansiosa, a consequência normal de uma sessão prolongada de VR. Ela estava deitada no tanque ao seu lado. Emily tirou os óculos e a máscara de oxigênio do rosto.

*"O que aconteceu? Eu quase fui morta!"*

*"Eu também..."*

Emily olhou na direção em que a voz tinha vindo. Nas imediações, um homem alto ofegou. Foi Richard Fuchs. Seu corpo gotejava o fluido transportador verde-amarelado. Fuchs se acomodou no tanque e respirou fundo. Emily puxou o capacete apertado do traje de borracha, que se soltou da cabeça com um estalo e depois oscilou entre as omoplatas. O líquido viscoso grudou em seus cabelos loiros escuros e curtos, quase parecia que Emily havia penteado os cabelos para trás com gel. Ela tirou as luvas e limpou o rosto com as palmas das mãos. Ela se sentiu infeliz.

*"Você me salvou. Obrigada."*

Fuchs apenas silenciosamente levantou a mão.

*"Você está bem?"*

Fuchs assentiu quase imperceptivelmente. Todo o seu corpo estava coberto de sangue e podia ver imediatamente que ele estava gravemente ferido.

*"Rose veio aqui. Eu não sei o que exatamente aconteceu. Nós fomos enganados."*

*"Enganados? E para onde ela foi?"*

*"Não faço ideia. Ela não veio para nos matar. Depois que ela destruiu totalmente as instalações ela simplesmente desapareceu."*

Emily olhou ao redor da sala. Foi tudo completamente devastado e apresentou uma imagem terrível. O terminal foi desmontado em pedaços e a fumaça dos supercomputadores na parede eram visíveis. O tanque foi inclinado para o lado e abaulado com saliências e amassados.

*"Kinuta, onde ele está?"*, Emily perguntou.

*"Ele foi levado por ela, ela o consumiu. Ele ficou petrificado de medo e não teve chance..."*, Fuchs fez uma pausa, como se só agora ele pudesse se lembrar corretamente e ficou branco.

Emily abaixou os olhos.

*"Kinuta..."*

*"Os sistemas de ventilação estão inoperantes!",* uma voz veio da porta.

Selfridge se agarrou à moldura da porta. Seu olhar estava fixo no corredor, ele parecia exausto. Os poucos pêlos remanescentes em sua cabeça estavam despenteados em todas as direções e sua camisa laranja estava amassada como se tivesse sido lavada sem amaciante. Emily pulou do tanque.

*"É melhor esperar até que tudo tenha sido completamente descontaminado."*

Ela desapareceu atrás do tanque, tirou o traje de realidade virtual e vestiu as roupas. Olhando para a jaqueta suja, ela fez uma careta, em vez de vestir um jaleco branco que estava em um cesto. Ela recolheu tudo do chão, soltando algumas notas amassadas e guardou os itens nos bolsos da jaqueta suja no casaco novo. Quando saiu de trás do tanque, Fuchs estava agachado contra a parede. Emily foi até ele e sentou-se ao lado dele. Selfridge estava parado perto da porta, ainda olhando inquieto para o corredor. Fuchs falou primeiro.

*"Então? Você a conheceu? O que realmente é a Rose? O que aconteceu lá?"*

*"Isso é difícil de explicar... Havia muitos cenários no começo, e eu pensei que talvez fosse a consciência de Rose. Mas no final, era apenas uma pequena parte da memória dela com um roteiro preparado pelo Sprague. Foi planejado desde o início que Rose deveria se unir a Carmen. Foi integrado ao sistema do instituto e foi cultivado dessa maneira".*

*"Isso realmente não me faz sentir melhor. Não que eu te entenda de qualquer maneira."*

*"Bem, bem... quando esse projeto começou, fiquei muito feliz porque me deu a oportunidade de fazer minhas simulações experimentais. Simplesmente transferei as simulações para os testes em andamento, conciliei as respostas. Mais uma vez, comparei meticulosamente esses resultados com repetições de outras experiências tentando chegar ao padrão de reação mais apropriado para um anticorpo, desenvolvi as proteínas necessárias para o desenvolvimento de uma vacina contra o vírus-T com base em tentativa e erro dos sentidos e memórias. Isso dificilmente difere do que acontece no corpo de um ser humano. Essas simulações teóricas deveriam ter sido o ponto de partida para o desenvolvimento prático de uma vacina contra o vírus-T. Mas Ren Sprague perseguia outros objetivos. Sei disso. Para ele, Rose foi uma jogada revolucionária para verificar sua própria teoria."*

*"Teoria? E que tipo de teoria é essa?"*

*"Você não pode simplesmente dar uma vacina ao sistema imunológico e confiar em um efeito universal. A imunidade é, desde o início, um sistema fechado adaptado ao indivíduo."*

*"Isso surgiu mais cedo, mas eu ainda não o entendo direito. Então imunidade não é uma função que combate doenças?"*

*"Exatamente. O sistema imunológico diferencia o corpo de uma pessoa com a de outra. Portanto, você não pode simplesmente usar anticorpos para a doença de uma pessoa e transferir para outra pessoa. Pelo contrário, pode até acontecer que a doença real seja agravada e as células saudáveis do corpo sejam atacadas. Por exemplo, uma vacina nada mais é do que fortalecer os humanos contra o patógeno real, permitindo que eles lutem antecipadamente contra um oponente imaginário. No entanto, o desenvolvimento da substância de defesa real, ou seja, o anticorpo, assume o controle imunológico do sistema, nas condições individuais do paciente. Imagine um jogo de tiro com alvos de papelão. Se você pegar um*

*criminoso, você aumentará sua pontuação mas se você explodir um civil haverá uma punição."*

Fuchs juntou as mãos após a explicação de Emily, fingindo que os dois dedos indicadores eram uma arma, mirando no ar e imitando o recuo de um tiro.

*"É apenas uma analogia para entender a situação... Mas é um exercício que, se não for treinado, pode matar alguém. Especialmente se o inimigo for tão forte quanto o vírus-T. O vírus-T, depois de entrar no ser humano, se liga às células e altera sua estrutura para seu próprio benefício. Como um soldado que é hipnotizado e de repente ataca seu próprio país. Portanto, é extremamente difícil desenvolver uma vacina porque, quando infectada pelo vírus T, dois DNAs diferentes estão em um corpo. Então ele não mata o vírus, mas o DNA hospedeiro... O próprio ser humano".*

*"Isso mesmo foi o que disseram ontem... Através da autodestruição do sistema imunológico, o homem é roubado de sua humanidade e as linhas de sua existência são perdidas, o que é basicamente quando você se torna um desses... zumbis".*

*"Como medida para combater o vírus-T, o diretor tem procurado uma maneira de atacar o sistema imunológico antecipadamente e colocá-lo fora de ação. Um corpo indefeso se torna necessariamente um ninho de bactérias e vírus. Mas Sprague não pensava assim. Simplesmente via isso como uma mudança de corpo".*

*"Que idiota. Uma doença é uma doença!"*

*"Pensar assim seria normal. Mas não para Ren Sprague. Segundo sua teoria, uma cidade ainda permanece uma cidade, mesmo depois de um bombardeio e de toda a vida nela ter sido apagada e todos os edifícios terem sido destruídos. No entanto, esse lugar é ainda uma cidade, apenas com uma aparência alterada. É claro que essa lógica finalmente nega a vida humana como consequência. E Sprague disse que a grande manifestação era então a água barrenta. O objetivo de Sprague não era criar uma vacina, mas um novo modo de vida que qualquer sistema pode superar. E ele subiu esse modo de vida no caminho da realidade virtual. Algo que está aberto a tudo, absorve tudo, faz tudo parar. Uma adoração sem limites. Um entendimento sem limites. Uma evolução sem limites."*

*"Então essa deveria ser a Rose?"*, Fuchs começou a tremer.

Emily olhou interrogativamente para ele. Ele riu desesperadamente, lágrimas derramando em seus olhos.

*"Eu estava em Raccoon City naquela época. Como soldado do exército particular da Umbrella que usava o nome 'forças especiais anti-risco biológico'. Fomos enviados para coletar informações e nenhum de nós fez justiça a isso. Foi uma visão terrível! Essa realidade completamente caótica e de merda! Eu sou um homem crescido e mesmo assim fiquei traumatizado, minha vontade de viver desapareceu. Questões morais, erradas e corretas, boas e más, preto e branco, merda! Sobreviver ou morrer, o que você escolher, sempre foi a mesma porcaria."*

Ainda encostado na parede, Fuchs se levantou devagar.

*"Você tem um filho, certo?"*

*"Sim, eu tenho. Uma menina de sete anos..."*

*"E o pai?"*

*"Eu não sei onde está"*

*"Nada parece ser fácil para você... quem cuida dela?"*

*"Meus pais, em nossa casa. Não sou muito adequada como mãe. Por muitas razões. Não sou necessariamente um grande modelo".*

*"Por que diz isso?"*

*"Bem, não é como se eu sempre fizesse o meu melhor e saísse por cima. É assim que a vida vai. As coisas podem ir bem ou mal. Quando eu era criança a vida parecia diferente, uma curva constante, sem altos e baixos."*

*"Mesmo que pareça diferente, tenha isso em mente. Isso faz uma ótima vida para sua garotinha."*

Involuntariamente, Emily olhou para Fuchs.

*"Me surpreende que essas palavras venham de você"*

*"Vamos ter certeza que sairemos vivos daqui!"*

Fuchs fez um esforço honesto para produzir uma piscadela fria.

Selfridge, que estava sentado ao lado da porta falou depois de um longo tempo e sussurrou para eles:

*"Chega de sentir pena de si mesmos. Vamos sair daqui agora."*

Emily olhou para o relógio. Sim, estava na hora. Ela olhou para a máquina VR destruída. Agora não é mais possível entrar em contato com Rose e Carmen só pode ser reiniciada mais uma vez. Esta é definitivamente a última chance.

*"E qual é o plano? Vamos nos despedir deste maldito instituto?"*, Fuchs perguntou enquanto estendia as mãos.

*"Não, é muito cedo para escapar"*, Emily agarrou as mãos dele e o puxou para cima.

Fuchs olhou para ela interrogativamente.

*"E o que faremos então?"*

*"Vamos encontrar o diretor! Ren Sprague provavelmente está na sala de controle. Faremos uma pequena visita a ele."*



## Capítulo 7

### **\*4 de outubro, 02:45, Sala de controle\***

Inúmeros cabos que brotavam do gigantesco gerador do instituto serpenteavam por todas as paredes. Os vários tubos que atravessavam o teto e as paredes, de algum modo, se uniam parecendo um esqueleto ou pelo menos lembravam ossos. Em outra parede, havia inúmeros monitores quadrados fixados que mostravam diferentes áreas do instituto. Em todos os lugares vistos pelas telas dava para ver a água barrenta vermelha de Rose que parecia ter se espalhado por todo o complexo. Na sala de controle, tudo fedia a podridão. Em uma cadeira redonda de metal em um canto da sala estava Ulysses Allam. Ele segurava uma submetralhadora como uma boneca dura e parecia que estava mastigando palavras em sua boca.

O cheiro mais extremo soprava de sua direção. A pele de metade do rosto já havia desaparecido completamente e a carne vermelha pendia. Seus músculos podres, que não mais mantinham a mandíbula no lugar, estavam aparecendo livremente e a metade esquerda de seu corpo havia se liquefeito quase completamente. Um tentáculo que se projetava da articulação do cotovelo esquerdo estava carinhosamente amarrado sobre o cano da submetralhadora. Sua figura sob os holofotes dos brilhantes tubos de neon parecia a de uma criatura misteriosa de um mundo estranho.

Hiromu Kinuta sentou-se diretamente ao lado dele. Ele tinha os braços em volta dos joelhos.

Kinuta não fez nada além de olhar fixamente para o teto e não mostrou reação quando Emily apareceu na frente dele. Sprague estava sentado em uma cadeira no canto no fundo da sala. Havia uma caixa azul emitindo um zumbido constante sob seus pés, provavelmente uma unidade de refrigeração.

*"Bem, meus queridos convidados, antes de tudo, gostaria de expressar meus mais sinceros parabéns a vocês. Vocês se saíram muito bem, sobreviveram e chegaram até aqui. Estou realmente feliz. A propósito, foi importante eu apoiá-los em seus esforços."*

*"Sr.Diretor, diga-me imediatamente o que está acontecendo!"*, gritou Selfridge, que havia retornado à sua antiga arrogância.

Ren Sprague lançou-lhe um olhar indiferente. Emily, exausta, apoiou-se na mesa perto dela.

*"Ren, o que você fez com Kinuta?"*

*"Nada. Você o atraiu para esse assunto. Kinuta conheceu Reena e infelizmente foi assimilado por Rose."*

*"Onde está Reena Mittford? Ela está viva?"*

*"Sua vida como humana acabou. Ela dorme agora, ao lado de Rose."*

*"Não diga essas merdas. Certamente foi você quem matou Reena, não foi?"*

Emily estava chateada.

Sprague bufou pelo nariz.

*"Bem, como posso explicar isso? Se você observar do seu ponto de vista, ela praticamente cometeu suicídio. Mas isso seria uma visão unidimensional. Talvez*

*comparável à queda de lemingues de um penhasco, também poderia ser descrita como suicídio em grupo. Reena estava bem. Depois do acidente na sala de VR, ela começou a pensar que era Alma. Isso foi realmente uma infeliz coincidência. A consciência de Rose se sobressaiu do fundo da simulação. A mesma imersão de uma simulação de um mergulho particular que provavelmente foi o gatilho para isso. Provavelmente Rose usou o rosto de Reena como uma máscara para seu alter ego, considerando Reena um 'parente'. Então eu decidi não hesitar, pois finalmente havia chegado a hora de liberar Rose."*

Sprague estreitou os olhos como fendas e riu categoricamente.

*"E Kinuta?"*

*"Ele era curioso demais. Foi por isso que ele perdeu a vida. Ou seja, sua consciência independente. Agora ele é um veículo que transporta parte de Rose."*

Emily olhou para a figura agachada de Kinuta. Seus olhos estavam vazios, sua respiração parou e seu corpo não mostrou o menor movimento. Emily não tinha dúvidas de que Kinuta estava morto. Nesse momento, Hiromu Kinuta tombou, tremendo em intervalos regulares. Como um peixe lavado em terra, lutando contra a morte certa, lutando por ar.

*"O que está acontecendo agora? O que diabos está acontecendo?"*

Fuchs, que queria ajudar Kinuta foi impedido por Emily.

*"Não! Ele..."*

Uma massa vermelha profunda e frouxa derramava dos olhos e nariz de Kinuta que não era sangue... A velocidade do líquido jorrando aumentou explosivamente e sua boca ficou tão aberta que rasgou profundamente a pele das bochechas. Seu nariz estourou como um chafariz e o líquido agora corria pelo corredor. Por um momento, a massa nojenta subiu até os joelhos, depois rapidamente voltou ao nível do solo. Lá, começou a escoar lentamente entre os rejuntas dos ladrilhos e se espalhou como uma rede para o canto mais distante da sala. Todos ficaram sem palavras ao ver essa cena bizarra e nojenta. Luto, terror e medo ganharam vantagem, exceto Sprague que assistia ao espetáculo casualmente, como se nada de especial tivesse acontecendo.

*"A propósito, ele era um velho conhecido seu? Oh, pobre Rose. Se ela não conseguir mais eletricidade ela morre dessa maneira triste. E isso, mesmo que ela já tivesse entrado em uma simbiose com seu anfitrião, seria horrível. Uma forma de vida perfeita que pode engolir até o poderoso vírus-T ou o pior do mundo..."*

Christian Selfridge gritou de raiva:

*"Eu não ligo para o vírus! Quantos funcionários do instituto já morreram aqui?! Chega dessa bobagem! Onde diabos está a vacina? Enquanto o soro estiver intacto nós também estaremos. Então, e a vacina?"*

Sprague fez uma careta.

*"Você realmente quer jogar Rose fora como um presente indesejado? Selfridge, você é um tolo! Ninguém te acha inteligente. O que você planeja fazer depois disso? Viver uma vida de luxo? Esquecer que trabalhou por esses objetivos e apenas comer, beber e se divertir com prostitutas o dia todo? Esse é o tipo de vida que você deseja? Um estilo de vida entediante e indulgente que não produz progresso? É, realmente, acho que seria mais agradável para você, tendo chegado tão perto da morte..."*

Sprague havia descartado completamente sua natureza reservada e levemente tímida e o rosto de Selfridge ficou verde de espanto e raiva por essa transformação.

*"Com quem você pensa que está falando?!"*

*"Você nunca teve dúvidas sobre por que um especialista em simulação era o chefe de um projeto de desenvolvimento de vacinas?"*

Selfridge lutou por palavras e congelou em seus movimentos efervescentes e giratórios.

*"Você é um tolo ingênuo! A Rose não existe mais. Quando Ambrose e eu encontramos Alma em Raccoon City, ela estava lutando pela vida mas morreu no helicóptero. Você entende? Ela morreu! Embora estivesse infectada, ela morreu sem se tornar um zumbi! Eu imediatamente a injetei com um medicamento para impedir a coagulação do sangue. De volta ao instituto, examinei imediatamente o sangue e o útero dela. Pensei que talvez o filho ainda não nascido dela ainda pudesse viver, mas foi em vão. As funções vitais do feto já estavam extintas. Tudo o que Alma deixou para trás foi um feto que parou de respirar e as células do sangue incorporadas com o vírus-T".*

Sprague tirou um diário gasto do bolso e o colocou gentilmente sobre a mesa.

*"Este é seu último legado. O diário de Alma Hartline. O roteiro desta história."*

*"Então ela já estava morta?"*, Fuchs cuspiu a pergunta diretamente.

*"Sim, mas eu não queria desistir dela ainda. Afinal, ela havia morrido no meio da transformação em um zumbi. Emily, temos tudo a agradecer pelas suas simulações. Os supercomputadores de VR jogaram todas as possibilidades imagináveis da vida e Rose estava constantemente abastecido com impulsos elétricos. E assim uma nova vida foi criada, semelhante ao início da evolução, quando as leis da natureza criaram os Neandertais primitivos. É apenas bilhões de vezes mais rápido. A simulação deixou a humanidade para trás e deu a Rose uma forma completamente nova. Permaneceu na simulação em todas as encruzilhadas teoricamente possíveis da evolução, desde formas de vida potencialmente concebíveis quanto impensáveis, se criando repetidamente nessa experiência. É realmente uma existência filosófica!"*

Emily olhou pela janela e ficou assustada com o pátio quadrado, a cinquenta metros de largura o pátio começou a se transformar em uma piscina cheia de líquido vermelho e a superfície cintilante surgiu de forma constante.

*"Mas... por que isso se multiplica tanto?"*, Fuchs perguntou, balançando a cabeça.

*"A vaca..."*, Emily murmurou.

*"O corpo da vaca era o portador!"*, respondeu Sprague.

*"E o que isso significa?"*, Fuchs perguntou, observando o líquido pegajoso que crescia.

*"Se tratava apenas de espalhar o vírus. Deveria apenas contaminar o suprimento de água. Mas ele não apenas injetou o vírus na vaca como também injetou Rose ao mesmo tempo. Como não tinha eletricidade, ela teria morrido logo depois. Então, ele injetou Rose na cápsula de carne, provavelmente com uma bateria de nove volts entre as costelas..."*

*"Esse foi o começo, um gatilho simples, a primeira peça do dominó. Depois disso, Rose se espalharia sozinha, pelos corpos humanos, pelo solo ou pela comida."*

Sprague olhou para Selfridge, que estava em retirada e começou a rir.

*"Veja! Essa água barrenta é a vacina que você procura tão desesperadamente. Rose pode não apenas penetrar em todos os seres vivos imagináveis, mas também destruir qualquer tipo de vírus. Ela é uma vacina viva! Infelizmente, ela também destrói os sistemas doentes..."*

Emily olhou para a almôndega afundada que tinha sido Hiromu Kinuta.

*"Cura significa destruição em certo sentido. Pois o que é geralmente visto como 'bom', é, na realidade, extremamente cruel. Qualquer tipo de cura destrói o vírus do patógeno. Esse é o método básico por trás de qualquer cura".*

Sprague jogou a cabeça para trás e para frente, excitado. Ao fazê-lo, a caneta esferográfica em forma de foguete que ele prendera atrás de uma das orelhas caiu no chão e rolou bem na frente do pé de Emily. Emily se agachou lentamente e a pegou.

*"Ren, sua lógica é simplesmente amputar uma perna ferida e permitir que a ferida 'desapareça'".*

*"Você percebe que está completamente certa! De fato, a cura não me interessa no final",* Sprague mais uma vez caiu na gargalhada.

As costuras de alguns canos nas paredes finalmente cederam à pressão interna e se abriram. A água barrenta, ou melhor, Rose jorrou dos canos. Como se seguisse um objetivo muito específico, o líquido acumulava gota a gota. Ao mesmo tempo, ela parecia querer selar lentamente as pessoas na sala. Sprague pegou a caixa quadrada azul que lembrava um refrigerador com as duas mãos.

*"Aqui estão as novas células-tronco que foram cultivadas a partir das células sanguíneas avançadas de Rose. O calor gerado pelo próprio motor da caixa as protege para que durem mais três dias".*

Sprague colocou a caixa na frente dos pés de Emily.

*"Leve isso com você. Você é a pessoa certa para isso."*

Emily, que por um momento estava prestes a estender os braços instintivamente, lembrou-se de algo e apressadamente enterrou as mãos nos bolsos do casaco branco. Então ela pegou um disquete que segurava na frente do nariz de Sprague.

*"Eu não preciso disso. Copiei a maioria dos dados importantes neste disco aqui anteriormente na sala de VR... As simulações. É por isso que estou interessada apenas em dados e não em nenhuma das células que você carrega"*

Sprague pareceu magoado por um momento. Ele sorriu timidamente.

*"Oh, certo. Legal. Se você acha, tudo bem também... Ok, então eu quero dar esta caixa de presente ao honorável Sr. Selfridge. Apenas desapareça com ela! Você queria isso, você ficou tão intrigado e é isso que você quer, certo, Selfridge? A partir dessas células de Rose você pode finalmente ganhar e criar a vacina desejada."*

Sprague pegou a caixa azul e estendeu-a para Selfridge. Ele pegou a caixa rindo e pendurou a alça em volta do pescoço. Ele parecia um vendedor de bebidas em um estádio de beisebol e quando esse pensamento atingiu a cabeça de Sprague, ele teve que rir.

*"No entanto, Rose já está em toda parte. Absorvendo grandes quantidades do vírus-T e continuando a se multiplicar infectando o sistema e otimizando-o para seu próprio benefício. Quem sabe essa vacina administrada pode até ajudá-lo a curar a escala de sua inédita estupidez."*

Emily ficou arrepiada. Rose se tornou a rainha soberana do instituto. Assim como desligara o suprimento de oxigênio da máquina de VR, ela poderia sufocar facilmente todos os presentes, bloqueando o sistema de ventilação.

*"Tenho um mau pressentimento. Temos que sair daqui. Caso contrário, estaremos mortos!"*, Emily chamou rapidamente Fuchs.

Selfridge fugiu da sala como um foguete assim que Emily terminou de falar. E quando todos os olhos se voltaram para Selfridge, Fuchs reuniu toda a sua força e bateu com todo o seu peso em Ulisses Allam. Sem soltar um único som, Allam foi esmagado contra a parede. Imediatamente, Fuchs pegou a metralhadora que Allam havia soltado. Ele apontou para a massa rodopiante de carne vermelha. E, sem hesitar, Fuchs atirou. Do granizo gerado pelas balas, Allam foi novamente jogado contra a parede e depois caiu de barriga para baixo. O tentáculo em seu braço tremeu loucamente, como se tentasse pegar alguma coisa e todo o corpo foi sacudido por câibras que se repetiam em curtos intervalos.

A repentina escalada de violência pareceu deixar Ren Sprague completamente frio. Ele apenas levantou levemente as sobrancelhas.

*"Ulisses Allam, coitado do rapaz"*, disse ele.

*"Até recentemente ele andava na fronteira entre o vírus-T e Rose, oscilando entre humanos e zumbis. Ele era tão odioso para você?"*

Fuchs ficou de olho em Allam, que estava se contorcendo no chão e ofegando por um tempo. Depois apontou a arma para Sprague.

*"Não se mexa, seu desgraçado! Então esse era o seu plano? Divulgar a verdade sobre Raccoon City e Rose, causando um colapso da Umbrella no mercado de ações. Esse era seu objetivo? Então, porque do vazamento aqui? Que loucura é essa?!"*

Sprague não mostrava nenhum movimento.

*"Ambrose, você é um cabeça quente, como sempre. Teria sido melhor se você tivesse ficado no abrigo da sala de cápsulas da Rose. Por isso eu tinha trancado a sala... Bem, seu trabalho está feito, os funcionários americanos deste instituto serão muito prejudicados pela Umbrella e caberá a você cuidar disso. As pessoas não conseguem se adaptar a novas circunstâncias tão rapidamente quanto Rose. Como consequência do curso natural da ação humana, isso inevitavelmente arruinará a humanidade e chegará a um segunda ou até uma terceira Raccoon City."*

*"Pare de falar como um cientista louco! Com seu sofisma obcecado por você mesmo, você matou todos os seus colegas, seu bastardo!"*

*"Eu não fiz nada mais do que criar Rose. Não era meu desejo que tantas pessoas morressem. Mas não tenho influência nisso. Porque tudo o que aconteceu aqui surgiu apenas do trauma de Rose."*

Emily caminhou em direção a Sprague.

*"Eu tive contato direto com Rose. Sabia?"*

*"Rose não está na posse de algo como consciência. Por favor, não a compare com uma forma inferior de vida como a do ser humano e sua chamada 'consciência'. Rose se move em uma esfera muito mais elevada e inacessível. Embora possa parecer para você que Rose se tornou humana, apenas consumiu emoções humanas. Com as imagens de realidade virtual, como gestos e palavras, ela nos transmite mensagens fugazes. Mas depende de nós, humanos, interpretá-las. É claro que esse foi o meu roteiro. A intérprete e portadora das mensagens é Rose. Eu estraguei o sistema. Allam se tornou seu soldado e jogou o corpo da vaca junto com*

*Rose e o vírus no suprimento de água. As pessoas beberam a água e espalharam o vírus-T. Parece contraditório, mas, para Rose, a vacina viva disseminada e o vírus-T mortal são essenciais como inimigos. Precisávamos desta combinação".*

*"Oh, cale a boca, seu tolo!", Fuchs gritou. Emily agarrou o braço dele.*

*"Olhe atentamente para ele!"*

De uma das narinas de Sprague corria uma única gota vermelha. Não era sangue, era Rose. Sprague limpou o líquido com a mão.

*"Bem, parece que começou comigo também... Se isso continuar, eu vou acabar morto como Kinuta."*

A válvula de um dos tubos que corria pelo teto urrava como uma criança. Espremida por uma força invisível, o cano rachado caiu na sala e atingiu o chão. O líquido escorreu lentamente. Cor, cheiro e textura eram muito semelhantes às de Rose quando ainda estava na cápsula. Sentando-se, Sprague pegou um cabo do chão conectado à unidade de emergência no canto da sala. Quase imperceptivelmente, as pontas dos dedos acariciaram o cabo.

*"Se Rose não estiver conectada a uma fonte de energia ela morre em muito pouco tempo. Uma criatura tímida e frágil..."*

Emily seguiu a cena com pena. A mão livre de Sprague enfiou a mão no bolso e tirou uma chave, que ele estendeu para Emily.

*"Essa é a chave do meu Land Cruiser. Não é bonito, mas é confiável. Se você conseguir escapar do instituto, saia daqui."*

Emily pegou a chave da mão de Sprague e enfiou-a em um dos bolsos do casaco.

*"Seu objetivo desde o começo era morrer assim? Desde quando? Desde aquele dia em Raccoon City?"*

*"Isso não importa. Seja o que for que me faça 'eu', já se foi há muito tempo. Esqueça de mim, apenas saia e vá para casa."*

Emily suprimiu a forte necessidade de apenas gritar alto. Em vez disso, ela disse:

*"Mais uma pergunta. Você pretendia matar todos nós? Se sim, porque me deixou vir aqui?"*

Sprague olhou para os pinos do plugue que refletiam a luz entre as pontas dos dedos. Havia canos estourando em vários lugares. Rose começou seu ataque final na sala de controle, no entanto, Emily não conseguia tirar os olhos de Sprague.

*"Bem... eu sinceramente também não sei. Só queria ver sua reação. Sempre respeitei você, você era minha única parceira nessa pesquisa. Queria mostrar todas as minhas ideias e queria sua opinião. Realmente não é meu desejo que alguém fosse infectado, e, é claro, não havia mais nada a fazer... Não sei se era Rose fazendo isto ou eu... Honestamente, não faço ideia. Tornar-se parte do corpo de Rose. E não apenas eu. Todos aqui no instituto se tornaram mais parecidos com Rose em algum momento. Eu realmente não tenho ideia de que ponto era minha própria vontade ou inspiração de um sonho de Rose."*

Fuchs disparou o pente de munição inteiro no mar ruidoso de líquido vermelho na frente dele, mas tudo o que aconteceu foi espalhar pólvora pela sala. Ele jogou a submetralhadora no chão e gritou para Emily:

*"Ela está prestes a tomar conta dessa sala, temos que fugir! Rápido!"*

Emily estava presa em um eclipse do qual não conseguia se libertar. O piscar das luzes de neon encenou o rosto risonho de Sprague e esse riso conjurou um jovem em seu rosto que Emily nunca tinha visto antes.

*"Ren, por que Rose assumiu a forma humana? E por que ela finge ter emoções?"*

*"Porquê? Talvez Rose pense que ela é humana. Mas então... onde está a fronteira entre humano e não humano? O homem é um pedaço de massa instável e assustadoramente vulnerável, você nunca sabe quando isso pode se desintegrar. Esse pedaço de massa se dá por um breve período, para a ilusão de ser humano. Mas, na realidade, o homem constantemente deixa seu corpo material, criando coisas novas".*

Sprague segurou o conector do cabo na frente do pescoço. Os canos que corriam ao longo do teto estouraram e lama vermelha profunda espirrou.

*"Adeus, Emily. Adeus, Ambrose. Não tenho mais nada a dizer. Meu tempo acabou."*

Ele lentamente pressionou o plugue em um ponto macio no pescoço. Seu corpo estremeceu violentamente sob as rajadas de eletricidade e ele caiu no chão. A água vermelha e lamacenta que saía de seu corpo era como um destaque no sol e desenhava uma bela imagem.

As terríveis imagens da ardente cidade de Raccoon se repetiram, mas, desta vez, os monitores mostravam as salas e os corredores do instituto. Ulisses Allam se levantou, esticou os dois braços e caiu em um rugido trêmulo. A luz da sala se apagou, mas o tremor dos monitores iluminou a sala como um estroboscópio. Fuchs passou os braços em torno de Emily, que havia parado de correr e a levou pelo corredor.

#### **\*4 de outubro, 02:55h; Portão do Instituto de Pesquisa\***

Christian Selfridge correu com uma determinação desafiadora para os elevadores. Todas as coisas sobre as quais ele se perguntava até agora desapareceram de seus pensamentos. Apenas um desejo permanecia em sua cabeça. Eu quero viver!

A visão horrível de Kinuta, que explodiu como um balão e morreu miseravelmente, queimou em sua memória. Eu não quero morrer assim!

A caixa que deveria ser a base da vacina o atrapalhou e ele caiu. O cinto torceu e travou em seu pescoço. Respirar tornou-se cada vez mais difícil para ele. Selfridge queria se livrar desse fardo, mas não podia deixar a caixa para trás.

Tudo será diferente se eu me safar. Posso recuperar minha honra injustamente perdida e ganhar a prosperidade que mereço. O que aquele maníaco louco não entendeu? Minha vida é composta de desafios. Derrotei todos os meus oponentes em várias batalhas. E ainda assim eu tenho uma vida sem sentido?

A caixa balançou para frente e para trás em seu pescoço. Era insuportavelmente pesada, quase como se pudesse quebrar seu pescoço a qualquer momento. Porra, eu só quero jogar no lixo esse pedaço de merda, mas não posso fazer isso em circunstância alguma!

A caixa bateu contra a rótula do seu joelho com muita força e as lágrimas surgiram em seus olhos por causa da dor sentida. Droga!

Selfridge jogou a caixa para longe. Ela emitiu um som metálico alto enquanto deslizava pelo chão. Finalmente, colidiu com uma parede e parou. Selfridge olhou para o teto. Por que tudo isso aconteceu? Ele acreditava firmemente que era uma jogada inteligente usar Richard Fuchs. Mas as coisas ficaram completamente absurdas e excederam em muito sua mente agora. Pensamentos racionais ou perguntas sofisticadas não tinham mais importância agora.

Aquele catarro nojento, fedorento e sem forma era a vacina... era Rose? Selfridge simplesmente não podia acreditar. Sua risada histérica ecoou pelo corredor. Ajoelhou-se no chão e riu, tão puro. Ele havia sido transferido para este instituto de pesquisa remoto, forçado a esse trabalho indescritível como "diretor de administração"... E ele estava quase entediado aqui. Mas a realidade que se desenrolava ao seu redor era incompreensível para ele, tão incompreensível quanto a estrela mais distante do universo. Tudo o que restava era aquele inegável senso de medo, esse medo predominante de perder a vida. Mas eu vou sobreviver. Eu vou ganhar!

Selfridge lutou para ficar de pé. Ele olhou para o corredor, seu olhar fixo na caixa azul que Sprague havia lhe dado. A lâmpada azul no topo o encarava como um olho misterioso. Ele ouviu uma risada como se alguém estivesse se afogando. Seu coração batia tão rápido como se pudesse explodir a qualquer momento.

Selfridge se moveu em direção à caixa como se estivesse andando magicamente mas quando ele deu dois a três passos a luz no corredor se apagou.

Um monitor embutido em um pequeno pilar brilhava diretamente de seus olhos. Aquilo parecia um relógio antigo e a tela na qual o cardápio da cantina era normalmente lido mostrava o rosto esfarrapado de uma garota. Selfridge não deixou de pensar que aquela garota estava olhando para ele com uma expressão levemente confusa. Selfridge tropeçou, agachou-se e abraçou a caixa azul como se ela fosse sua própria carne e sangue. Um filho dele.

*"Não fui eu! Não é minha culpa! Por favor, me perdoe!"*

O cano no teto cedeu à pressão e estourou. Gotas quentes choviam nas bochechas de Selfridge e uma aura misteriosa tomou conta do corredor. Com a caixa embrulhada com força em seus braços, Selfridge levantou a cabeça e olhou para o corredor escuro. Lá na frente dele, as pessoas estavam lado a lado. Eles pareciam familiares. Eles eram membros da equipe que ele desprezava e a quem secretamente sempre zombava. Atordoados, os olhos de Selfridge se arregalaram e uma risada fraca escapou de sua garganta.

Todos eles tinham uma pele vermelho-escura e cambaleavam. Suas pernas estavam firmemente juntas e, assim que um deles se moveu, puxou seu vizinho, que imediatamente se moveu na mesma direção. Isso resultou em uma reação em cadeia que interrompeu todo o grupo. Cada um olhava inexpressivo para Selfridge, sem mostrar nenhum instinto. Cheio de medo e desespero, Selfridge soltou algo como um grito de guerra. E como se a multidão fantasmagórica estivesse esperando por isso, as pessoas que agora o cercavam em um semicírculo se fundiram completamente e se tornaram um único pedaço enorme que se elevou como uma onda e finalmente caiu sobre Selfridge.

O rosto de Selfridge estava se encharcando com a massa travessa e ele imediatamente fechou a boca e o nariz. Ele sentiu o lodo descer pelas calças e fluir na direção das nádegas. Pouco tempo depois, uma forte dor varreu por ele quando algo penetrou em seu ânus. O corpo de Selfridge disparou e caiu no chão,



balançando loucamente. A massa de lodo inundou seu ânus e fluíu em seu corpo. Mas Selfridge não sentiu dor, apesar de sua bunda ter sido formalmente aberta. Ele estava embriagado por um sentimento extremo que nunca tinha conhecido antes.

*"Sim mais! Penetre-me! Isso é... incrível. É a primeira vez que me sinto assim!"*

Selfridge se contorcia no limiar entre o medo da morte e o êxtase total, soluçando. Sua consciência deixou o corpo. Finalmente ele se levantou e começou a andar com a caixa azul agarrada como um bebê em seu peito. Então, Selfridge foi empurrado para a frente por um forte empurrão dentro dele. Inacreditavelmente, ele olhou para o buraco aberto em peito, do qual imediatamente um líquido preto não identificável vazou. Se tratava mais de seu próprio sangue ou da massa enlameada, ele não conseguia distinguir. Sem cair no chão, o líquido gradualmente formou um tentáculo que acariciou seu interior.

*"Enquanto as mariposas buscam a luz, você anseia por poder!"*

Selfridge não conseguia acreditar que estava vivo, embora houvesse um buraco no peito, grande o suficiente para o vento assobiar. Mas sua força o deixou e, quando finalmente não conseguiu suportar, ele afundou no chão. As pontas dos dedos estouraram e a água barrenta derramou dele como mangueira. Depois de um tempo, ele quebrou completamente as duas mãos e o toco começou a bombear muco incessantemente. Selfridge ainda não sentia dor, mas sim uma profunda sensação de satisfação. Finalmente, todo o seu corpo estourou e o líquido lamenento disparou dele em uma enorme fonte. Surpreendentemente, Selfridge ainda estava consciente naquele momento. Eu sou o ser que está aberto a tudo, que pega tudo e faz dele o seu...

#### **\*4 de outubro, 02:57; Instituto de Pesquisa\***

Emily Ran e Richard Fuchs caminhavam lado a lado pelos corredores do instituto. Eles ouvem estrondos nos canos acima de suas cabeças. Rose absorveu eletricidade de todos os cantos do instituto de pesquisa. Semelhante aos estrondos através do sistema de tubos, flashes de luz causados por descargas elétricas atingiam os oleodutos como cobras descontroladas.

*"Olha! Ainda está nos seguindo!",* Fuchs xingou, sem fôlego.

Ficou claro para Emily que Fuchs já havia atingido o fim de seu limite. A ferida a bala na perna começou a sangrar novamente. Também parecia que um número considerável de suas costelas havia quebrado e, nessa condição, era um verdadeiro milagre que ele ainda conseguisse ficar de pé. Mas ele não seria capaz de manter essa demonstração de força por muito mais tempo. Fuchs encostou-se na parede exausto e depois se agachou.

*"Vai!"*

*"Confia em mim!",* Emily caminhou em direção a Fuchs e estendeu o ombro.

*"Esqueça. Este monstro vai nos pegar!"*

Os dois olhavam o fim do corredor. Ali estava o cadáver vivo de Ulysses Allam, irritado e gritando insanamente.

*"Droga, nós nem temos mais uma arma. Acabou! Você deveria sair daqui!",* Fuchs sorriu para Emily.

Emily o agarrou pelos dois ombros, sacudiu e disse energicamente:

*"Não fale bobagem! Assim que você perde suas armas, você desiste? Nós podemos fazer isso! Juntos!"*

*"Você deve ser louca!"*

*"Você realmente acha que eu consigo entender?"*

Com um rosto dolorido e olhos minguantes, Fuchs colocou um braço em volta dos ombros de Emily e se apoiou nela. Os dois tropeçaram no corredor. Um cano na frente deles se abriu e Rose disparou. A superfície da massa brilhava em azul por conta das inúmeras descargas elétricas e mostrava cenas da apocalíptica cidade de Raccoon: imagens de pessoas se comendo na frente de casas em chamas. A exalação peculiar e animal de Rose parecia quase como se a garganta de alguém tivesse sido cortada.

*"Ela consegue mostrar as memórias?"*

Emily parou surpresa. Algo que estava longe da consciência humana pulou a interface criada por Sprague. A voz de Allam se aproximou perigosamente da escuridão atrás deles. Fuchs soltou os ombros de Emily e rugiu, sua saliva voando pela boca:

*"Merda! Um monstro na nossa frente e outro atrás de nós! Para onde agora, Emily?"*

Olhando para a escuridão, Emily respondeu:

*"Para frente! Há um desvio para o estacionamento. Temos que ir lá antes que Rose bloqueie o caminho e nos agarre!"*

Ambos respiraram fundo e correram para frente. Eles pensaram na morte de Hiromu Kinuta. Rose os encurralou e a morte parecia certa. Emily se espremeu nas fendas estreitas e limpou a gosma que escorria pelo rosto enquanto se movia. O líquido estava tão quente quanto água fervente. Era como se lava escorresse pelo braço dela. Emily e Fuchs correram pela lama e viraram no corredor à frente. Fragmentos de Rose agarrados a ela mostravam com grandes detalhes o rosto de Alma, às vezes zangado, às vezes desconfiado, às vezes sorrindo, às vezes chorando. Por uma mudança repentina em seu corpo, Emily entrou em uma crise de tosse. Fuchs virou-se para ela imediatamente.

*"Ei, você está bem?"*

*"Parece que fui atacada por Rose. Não tem problema, é apenas uma pequena quantia."*

Algo passou por seu corpo. Um ritmo estranho dentro dela a fez vacilar.

*"Está tudo bem...?"*

Fuchs foi em direção a Emily, mas ela esticou os braços e o deteve. A náusea surgiu e dentro dela queimava uma luxúria sem precedentes. Essa é a Rose. Eu já senti isso em algum lugar. A cabeça de Emily parecia tremer e ela sentiu uma sensação de queimação em todo seu sistema nervoso. Sua consciência foi ofuscada. Visões desconexas se sucederam em empurrões. Eu quero sair do meu corpo. Quero dormir. O rosnado de sua própria boca soou distante para Emily. Desiludida, ela olhou para o líquido que caía.

Ulisses Allam veio pisoteando a chuva de lama vermelha. Ele grunhiu como se estivesse respondendo os sons da boca dela. Então ele soltou um grito bestial e o ar realmente tremeu. Sua figura não era mais a de um ser humano. Seu corpo tinha quase completamente se liquefeito e foi atravessado por um fluxo constante de Rose. A cabeça se fundiu com o tronco e seus braços se tornaram enormes pedaços de carne arrastando-se pelo chão. Uma mão havia crescido do ombro,

batendo sem rumo no ar. As pernas cresceram juntas nos joelhos fortemente inchados e, desse grupo de inchaços, surgiram quatro braços rosados que podavam o corpo. Uma voz animal penetrou desta fera. Fuchs gritou e caiu de horror. Emily notou Allam e sentiu como se estivesse sendo preenchida por conhecimento. Um impulso ardente em seu corpo enviou pensamentos cristalinos para sua mente. Eu sou Alma.

Não havia monstro assustador na frente dos olhos de Emily. Não, era uma criatura lamentável, atormentada por dores incuráveis e terríveis que estava bem no meio da guerra entre Rose e o T-virus. Uma sensação estranha, mas Emily sentiu como se ela própria tivesse se tornado essa aparição grotesca. Seus pensamentos continuaram. Eu sou Rose... Eu sou o ser que está aberto a tudo, absorve tudo, torna tudo próprio. Eu sou Reena. Eu sou Kinuta. Eu sou o Robert. Eu sou o Simon. Eu sou Tobi. Eu sou Ren Sprague. Eu sou Alex. Eu sou Arthur House. EU... Emily virou-se para Fuchs. Carmen reiniciou o sistema às três horas da madrugada.

*"Richard, você só esteve aqui recentemente. Você ainda pode ter esperança. Não se preocupe, essa expansão de Rose é apenas um fenômeno passageiro..."*

Emily afastou-se de Allam com uma postura tensa. Eu não estou com medo. Em sua mente, a imagem de seus pais e sua filha Ann apareceu.

*"Com licença. Mas agora tenho que enfrentar tudo o que fiz até hoje. Eu tenho que acabar com tudo isso. O amor que não pude lhe dar, as palavras que não pude contar... A única coisa que lhe dei é o ônus de uma imunodeficiência genética. Mas Ann, você certamente se levantará com sua própria força e seguirá o seu caminho. Você começará a escrever sua própria história."*

Emily verificou as horas e jogou o relógio fora. Ela temia que a pequena quantidade de eletricidade na bateria pudesse traí-la. Além disso, não havia necessidade de saber a hora. Era quase tarde demais mas, o momento para Carmen havia chegado. Emily abriu a boca lentamente, mantendo os olhos em Allam.

*"Luzes."*

*"Carmen, você pode me ouvir? Coloque o sistema de volta em operação. Acenda as luzes"*

*"Entendido."*

Os tubos de néon tremeram no corredor. Emily apertou os olhos e viu Allam se comportar. Lembrou-se de sua reação extrema quando a luz do departamento médico acendeu repentinamente. No brilho de néon, Allam cambaleou e olhou para o teto. No mesmo momento, pequenas alfinetadas atravessaram o sistema nervoso de Emily. Parecia que seu peito se elevava e pairava sobre o chão.

*"Não basta, Carmen. Forneça todas as saídas elétricas com eletricidade. Tudo!"*

Emily estranhou as palavras que havia formado em algum lugar nas profundezas de sua consciência minguante. Sem exceção, todos os computadores e equipamentos elétricos dentro do instituto começaram a trabalhar novamente.

Carmen gritou e saiu. O campo de visão de Emily foi ofuscado pelo branco cintilante. O mundo girou em torno dela como um redemoinho e começou a se expandir e contrair alternadamente. O gerador de energia do instituto estava sobrecarregado e prestes a desistir. O suprimento de energia foi interrompido, a iluminação foi ligada e desligada novamente. Se tudo o que este ser pudesse perceber fosse eletricidade, então para Allam e Rose, o mundo agora se expandiria

e se contrairia continuamente. Uma inundação de luz logo se tornaria um mar de trevas.

Emily coloca o dedo no gatilho da arma que antes pertencia a Simon e olhou com os olhos vidrados e sem vida. Preso em sua consciência vacilante, Ulysses Allam chamou sua mente. Foram as vozes de Reena Mittford e Alma Hartline que estavam profundamente imersas em seu coração. Com os olhos vazios, Emily abriu os dois braços para abraçar Allam e, só então, ele caiu de costas e começou a se contorcer no chão. Sua figura não passava de um mosaico rosado. Um pedaço de carne furioso, espalhando um lago escuro de sangue ao seu redor, enquanto seu corpo libertava luz causadas pelas descargas elétricas.

Abraçada por Rose, vestida com as imagens de Raccoon, parecia que Allam estava entrando no purgatório. Fuchs finalmente conseguiu se levantar, encostando-se na parede. Então ele colocou as duas mãos nos ombros de Emily.

*"Ei o que aconteceu?"*, ele a sacudiu violentamente.

*"Tudo ok"*, Emily olhou em seus olhos castanhos.

As luzes no teto apenas brilhavam fracamente. Emily voltou os olhos para o chão. Até a água barrenta de Rose, que havia se acumulado lá e coberto tudo, agora corria para algum lugar e uma certa tristeza tomou conta dela.

*"Rose está em nós."*

A maior parte do corpo de Ulisses Allam também se dissipou, deixando apenas a parte superior do corpo pulsando fracamente. Frank... Emily se aproximou dele lentamente e guardou a Glock no bolso e se dirigiu ao carro com Fusch. Quando ela ligou a chave na ignição, o motor do Land Cruiser ligou sem grunhir. Emily colocou a marcha ré e pisou no pedal, acelerando diretamente para a porta da garagem. O portão se abriu, quebraram as dobradiças e foi jogado longe. Emily virou o volante e engatou a marcha. Ela correu em direção ao portão principal com as duas guaritas desocupadas e o cruzador rodopiou do outro lado da rua.

*"Esta é a nossa última chance de escapar. Não vai demorar e tudo aqui será engolido pela Rose. O Instituto tornou-se a Rose..."*

Fuchs respirou no banco do passageiro.

*"Estamos fora de perigo?"*

Emily olhou no espelho retrovisor.

*"Ainda não. Rose está seguindo a gente."*

Fuchs olhou para trás, exausto. Rose não pode viver sem eletricidade. Há uma bateria no carro e os sensores de Rose a seguem como uma abelha atraída pela flor. Mas não podemos parar o carro e fugir a pé. Se fizermos isso, temos certeza de que seremos pegos e engolidos pela fluidez em expansão. Não resta mais nada a fazer senão tentar ser mais rápido.

*"Você está realmente se sentindo bem? Você não está sentindo o impacto da Rose?"*

Emily respondeu à pergunta de Fuchs com silêncio. Nenhuma ideia. Mas seus pensamentos estão ficando mais claros. Rose disparou para fora do complexo, atravessando o terreno do instituto com uma velocidade impressionante e quase alcançando a traseira do carro. Emily viu a massa vermelha gelatinosa se acumular atrás deles. Quando olhou para a frente novamente e viu um objeto pulando descontroladamente no painel, ela teve que sorrir, apesar da situação precária. Um maço de Marlboro. O pequeno segredo de Sprague. Eu realmente não sabia. Determinada, ela pisou no acelerador...

O gato preto deixa um buraco no meu campo de visão. Eu fecho meus olhos. Também fechei meus ouvidos com firmeza para não ouvir o disparo do cartucho. Como o cheiro de pólvora que chegava até mim, desligo meu olfato.

Ouçoo o seu grito no momento em que puxo o gatilho. O estrondo da arma disparando nas imediações quase rompe meu tímpano. Na pele, uma sensação estranha é perceptível, como se um hematoma estivesse se espalhando. Eu ainda estou consciente. Eu forço minhas pálpebras para cima e assisto sua morte. A cabeça meio explodida do seu cadáver. Consigo ver Raccoon através do buraco no seu crânio. O gato preto percorre as ruas. A cidade está morrendo.

Depois de terminar meus gritos de luto, agora, em minhas últimas respirações superficiais, sinto apenas meu corpo interrompendo todas as suas funções. A estufa range silenciosamente ao vento. Em algum momento, um corvo se instala no peito do seu cadáver sem cabeça. Quem é você?

O corvo olha silenciosamente para mim. Bem atrás, em seus olhos negros, está uma razão para a escuridão ainda mais profunda. Lá, o gato senta e ronrona alto. Estou morrendo né?

O corvo abre as asas e deixa escapar um grito inaudível. Eu olho para o cadáver de Frank, que eu tinha explodido metade da cabeça. Muitas lembranças surgem em mim. Desejos não realizados, ambições fracas e momentos de desespero. Estou confusa. Eu me enrolo na lona, onde seu sangue e massa encefálica se espalharam. Quando fecho meus olhos, fica muito quieto e quase sinto que estou deitada em uma praia arenosa. O sol brilha sobre os grãos de areia, como em uma casa espelhada que reflete até o fim de todos os mundos.

Tudo para e recomeça. A cada momento há uma detonação. E, no entanto, as pessoas olham para a eternidade e lutam pelo passageiro. As pessoas anseiam pela eternidade e criam coisas. Eles constroem cidades para a eternidade, carros para a eternidade, escolas, bibliotecas, empresas. Dançando à noite, eles se vêem após a eternidade, se afogam em estímulos eróticos e prometem a si mesmos o corpo eterno real. Todo mundo é um bruxo, Alex. Todo mundo escreve, deitado em sua cama, seja de costas com os olhos no teto ou de bruços com as pernas chutando o vento, lendo ansiosamente sua breve vida em seu caderno. Essas fórmulas mágicas pessoais e sem sentido refletem uma à outra e, assim, a casa dos espelhos se espalha cada vez mais em uma variedade infinita.

Você não pode adormecer! Vamos lá, dance sua dança! Kirkwood endireita seus suspensórios. Dance, dance, dance! O que você acha que o amanhã traz? Que dança eu vou mostrar?

Mas o corvo trava sua resposta: NUNCA MAIS! E suas asas estão ao meu redor, me levantam no ar. Em suas asas, deslizo pelo céu. Abaixo de mim, Raccoon City queima, o que suprimiu todas as nossas ações. Sofrimento, ódio, tristeza, alegria e prazer são jogados juntos e desaparecem. O fim do começo. O começo do fim. A cobra enrolada se prende à cauda. Eu acaricio a criança no meu ventre. Eu digo adeus a Raccoon City. A pequena cidade se assemelha a uma flor que queima na consciência de seus pecados.

## Epílogo

Um único Land Cruiser percorreu a paisagem noturna da montanha. Os faróis abrem caminho entre as colinas negras. As montanhas estavam tão silenciosas que pareciam estar adormecidas no escuro da noite. Em todo lugar, o cenário era como uma grande mentira. O grande carro desceu a trilha da montanha, puxando uma nuvem de poeira e girando pedrinhas para trás. Em uma ladeira, onde a estrada se alargava um pouco, o carro finalmente diminuiu a velocidade e parou. Emily parecia completamente exausta. Seus braços estavam impotentes no volante, seu corpo estava tão flácido que ela não podia nem sentir um único dedo se mexendo. Ela afundou no banco do motorista e respirou fundo.

*"Deve ser o suficiente aqui."*

Ela olhou no espelho retrovisor. Não havia sinal de que eles ainda estavam sendo perseguidos. Eles escaparam em segurança. Toda a ansiedade e tristeza desapareceram por um momento e um suave sentimento de alegria se espalhou por Emily.

*"Veja isso!",* Fuchs gritou no banco do passageiro.

Emily olhou para onde seus olhos estavam. Ela quase engasgou com o fôlego.

Sob a lua cheia, à distância entre as montanhas, o instituto de pesquisa brilhava de um azul opaco. As paredes externas do prédio estavam cobertas por um enorme corpo preto-avermelhado.

*"Era realmente tão grande? Esse monstro que estava no tanque?",* Fuchs ofegou.

*"Rose obviamente chegou para a colheita. Ela devorou o vírus-T, assim como toda a vida no instituto, e assim se multiplicou. Essa coisa cresce a cada momento que passa."*

Fuchs tremeu por toda parte.

*"Se deixarmos e continuar crescendo assim, em algum momento, envolverá o mundo inteiro."*

Emily abaixou a cabeça, rindo baixinho e atormentada.

*"Que fantasia é essa, Fuchs? Acho que está tudo bem",* disse ela, seus olhos refletidos no luar se contraindo.

Uma forma de vida perfeita... e ainda a mais perecível neste mundo. A eletricidade no instituto era gerada exclusivamente por seu próprio gerador de eletricidade. Rose já havia absorvido tudo no instituto, então ela deveria se dissolver em breve. Proliferou e seguiu inevitavelmente o caminho da autodestruição. E, de fato, parecia que o brilho azul na superfície de Rose já estava perdendo seu brilho.

Eles saíram do carro juntos e sentaram no capô. Ambos assistiam a inevitável manifestação final e mortal de Rose. Suas pernas pendiam no chão, enquanto fumavam os cigarros deixados no painel. Foi silencioso. A lua derramava sua luz no céu e a cordilheira brilhava em uma luz prateada, enquanto as árvores balançavam com um vento suave. Mas essa imagem também pode ter ressurgido da consciência de uma existência intangível e inimaginável. Assim como a realidade virtual simbolizava a consciência de Rose, esse cenário também poderia ser a invenção majestosa de uma entidade que excedia além da compreensão humana. Mas, mesmo isso, provavelmente foi um erro humano, assim como dois espelhos opostos

que se refletiam infinitamente. Ninguém poderia escapar deste ciclo. Enquanto você respira, o mundo continuava se alterando e, cada vez que você focava novamente no ponto de vista, mais coordenadas apareciam no sistema fixo.

Emily ouviu o sopro das montanhas densamente arborizadas, isoladas e adormecidas. O vento tremia nas copas das árvores e as folhas conversavam pequenos segredos enquanto dormiam, como se nada tivesse acontecido. Aqui e ali, pode-se ouvir os apelos de uma coruja, o zumbido de insetos, o farfalhar das árvores. Nem mais, nem menos. Ao lado de Emily, Fuchs sussurrou:

*"Na verdade, eu queria escapar do meu pesadelo. Mas agora parece que ampliei meu repertório de inspirações para noites suadas. Provavelmente continuarei vivendo esse sonho. E a cada passagem do tempo, ficarei um pouco mais cansado. Há quanto tempo eu queria que esse dia terminasse...?"*

Emily assentiu suavemente.

*"Provavelmente é melhor não enfrentar essas catástrofes novamente com vacinas provisórias. Se não for o vírus, você está, pelo menos, infectado com um trauma".*

Fuchs deu um sorriso fraco.

*"É claro que, do jeito que as coisas foram, não tenho planos para nada além disso. De certa forma, nasci de novo hoje. Podem ter sido circunstâncias ruins, mas eu nasci de novo."*

Fuchs coçou a cabeça.

*"Você me ajudou muito. Me mudou. Acha que poderia me dar um novo nome?"*

*"Você quer usar um novo nome?"*

*"Sim. Você já ouviu alguns dos meus nomes. Ambrose e Richard Fuchs são apenas dois deles. Se meu paradeiro mudar, meu nome também mudará. Mas agora estou em um ponto que estou começando a gostar da ideia de um nome permanente."*

Emily fechou os olhos por um momento, depois abriu a boca.

*"Tom".*

*"O que?"*

*"Seu novo nome - Tom."*

O homem ao lado de Emily começou a rir.

*"Tom, Tom! Então eu vou ser batizado como Tom? Você realmente não gosta de nomes legais, não é? Você não poderia ter escolhido um mais exótico? Como Montezuma ou Osiris ou algo assim?"*

Emily olhou para o céu, sorrindo.

*"Eu gosto de Tom."*

Tom balançou a cabeça, que era um gesto de resignação e deitou-se no capô do carro. Ele colocou as mãos atrás da cabeça. Esse gesto infantil inevitavelmente lembrou Emily de Sprague e uma dor ardente percorreu seu peito.

Ren, por que você criou a Rose? Eu gostaria de saber isso. Seria uma dívida com Raccoon City e com Rose pelos atos da Umbrella? Por curiosidade sobre criação e vida? Ou você acabou sendo apenas uma marionete presa na história de Rose?

*"Huck e o escravo fugitivo Jim estão sem rumo no Mississippi. Uma jornada sem resgate, o rio sem fim, à deriva..."*

*"O que você acha sobre isso?"*

*"Huckleberry Finn."*

*"Oh, Mark Twain. Li isso até as páginas caírem quando eu era pequeno. Era o único livro que eu tinha."*

*"Huck queria libertar Jim. Mas a escravidão estava firmemente enraizada na sociedade. A jornada deles continuou sem rumo e Huck também não sabia a solução. Mas Mark Twain não queria essa história com nenhum slogan. Mark Twain não queria fazer dessa história uma narrativa lucrativa, então ele colocou um garoto na história como salvador".*

*"Ah, Tom Sawyer, certo?"*

Emily assentiu em silêncio e olhou para as nuvens se movendo no céu noturno. Tom Sawyer interferiu na história de Huck, reescrevendo-a e criando sua própria história com um final feliz.

*"E depois de um resgate aventureiro, Jim agora era um escravo liberto."*

Emily fechou os olhos e viu o rosto indecente de Sprague, pouco antes de ele bater com o conector do cabo em seu pescoço, isso a sacudiu profundamente. Talvez Sprague quisesse uma história com um final feliz. Uma história que afirmava tudo o que havia acontecido em Raccoon City. Ele trabalhou tanto para chegar a um fim prematuro.

*"Bem, eu não sou tão educado e nobre quanto Tom Sawyer e eu não leio nenhum livro."*

Tom rolou para o lado divertido, então de repente congelou e gritou:

*"O que essa coisa vai fazer agora?!"*

Ele se endireitou e apontou para o instituto. Lá, Rose, cujo brilho agora estava quase extinto, havia se enrolado como uma cobra longa e fina e estava prestes a saltar para o céu. A enorme lua cheia que pairava sobre o instituto. Emily soube imediatamente o que Rose estava fazendo.

*"A lua... Rose quer ir para a lua que conhece pela simulação. Como insetos atraídos pela luz, Rose acredita que a lua é uma enorme fonte de eletricidade. No mundo virtual, a lua estava a alguns quilômetros de altura com uma luz fixa."*

*"Alguns quilômetros? Pelo menos ela não consegue chegar ao original."*

*"Não, a tentativa falhará inevitavelmente."*

O líquido pingou no céu e se tornou uma cobra roxa. Ao subir, desenhou uma espiral azul, seguiu em frente, tentando alcançar a lua distante e inacessível. Para aquele corpo celeste em que a bandeira americana ali fora deixada. Rose teve uma visão que ela nunca poderia alcançar. Quando Emily percebeu isso, sentiu muita tristeza no peito. Provavelmente ainda havia um remanescente de Rose em seu corpo e agora ela estava chorando e pensando na lua com infinita tristeza.

Logo depois, Rose parou em sua subida luta e desistiu, como se balançasse a cabeça. Sua ponta inchou e formou uma enorme bola que imitava a lua. A bola balançava ruidosamente ao vento e depois brilhava repentinamente em um vermelho profundo.

*"Está queimando?"*, Tom murmurou surpreso.

Só agora Emily percebeu que estava derramando lágrimas.

*"Essas são as memórias dela... As memórias da cidade de Raccoon em chamas se manifestaram em sua superfície..."*

Era o sangue de uma rosa ameaçadora e grande flutuando no céu noturno. Diferentes vinhetas de memórias aleatórias apareceram em seus rostos. As cenas que Emily tinha visto em seu breve encontro casual com Rose poderiam estar girando por ali. A cidade de Raccoon em chamas, as pessoas se comendo e Alma e



Frank que, por toda a eternidade, rolaram seminus na grama do cemitério, chegando ao infinito e além.

A rosa secou e virou cinzas, chovendo silenciosamente nas montanhas, na floresta, na terra e nas cabeças dos dois. Fuchs usou um dedo para escrever seu nome nas cinzas, que permaneciam no capô e uma camada melancólica se formou. Emily remexeu no bolso, pegou a caneta em forma de foguete e a segurou firmemente na mão direita.

**\*FIM\***